

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SALVADOR LOUREIRO REBELO JUNIOR

**TRABALHO, MASCULINIDADES E VIDA EM ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL PARA GRUPOS DE HOMENS JOVENS ACOLHIDOS**

**Campo Grande/MS
2024**

SALVADOR LOUREIRO REBELO JUNIOR

**TRABALHO, MASCULINIDADES E VIDA EM ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL PARA GRUPOS DE HOMENS JOVENS ACOLHIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa Processos psicológicos e suas dimensões socioculturais

Orientador Prof. Dr. Alberto Mesaque Martins

**Campo Grande/MS
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

SALVADOR LOUREIRO REBELO JUNIOR

**TRABALHO, MASCULINIDADES E VIDA EM ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL PARA GRUPOS DE HOMENS JOVENS ACOLHIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto Mesaque Martins
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande
Orientador

Prof. Dr. Fernando Henrique Protetti
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campus São Paulo

Prof^a Dra. Josiane Peres Gonçalves
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Naviraí

Prof. Dr. Jeferson Camargo Taborda
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Campo Grande

Campo Grande, 19 de fevereiro de 2024

.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha insubstituível companhia Wanda, que permanecerá eternamente viva em minha memória e no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao divino que, de algum modo, traçou o meu caminho, em tempo e espaço, de modo que as coisas assim acontecessem.

Agradeço à minha família, em especial ao meu companheiro, pelo apoio incondicional às minhas escolhas.

Ao meu Orientador e aos professores que compuseram a minha banca, pelas contribuições, disponibilidade e trato gentil.

À Juíza da Vara de Infância e Juventude, aos Gerentes dos SAICAs, ao Psicólogo observador e, em especial, aos jovens participantes.

E às outras pessoas que, de algum modo, contribuíram para a realização da pesquisa.

RESUMO

Ainda hoje, o trabalho mantém o seu estatuto de centralidade na formação da sociedade e na constituição dos sujeitos. Contudo, nas últimas décadas, há uma desqualificação dos trabalhadores com a precarização das condições de trabalho, intensificada pelo contexto pandêmico, afetando sobretudo os jovens. O trabalho ainda vem sendo tomado como atributo importante da identidade masculina e, como atividade humana, se torna também eixo na aplicação da medida protetiva de acolhimento institucional. Assim, na perspectiva da Psicologia Social e, pautado na abordagem da pesquisa qualitativa, esse estudo tem como objetivo identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos. Para desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas na modalidade grupo focal, com 11 homens jovens acolhidos em serviços de dois grandes territórios do município de São Paulo. As entrevistas foram analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo. Os resultados mostram as concepções do trabalho associadas à ideia de responsabilidade, depositada sobretudo aos homens; permeadas por elementos que marcam o contexto de precarização do trabalho: gestão da própria sobrevivência, meritocracia, informalidade, exposição ao risco, empregos subalternos, em contraponto às expectativas dos jovens quanto ao trabalho formal, protegido e que possibilite mobilidade social. Além disso, o discurso aponta para o trabalho como elemento performático da masculinidade, associado às ideias da divisão sexual do trabalho e denuncia como os corpos dos homens encontram-se emaranhados à lógica produtiva do capitalismo. Já as concepções sobre ser homem correspondem à representação da masculinidade hegemônica, na qual se valorizam atributos como força, agressividade, autoridade e apagamento de quaisquer sinais de feminilidade, indicando uma indissociabilidade entre ser homem e ser trabalhador. Os resultados mostram, ainda, as ambivalências da vida em acolhimento perpassando as experiências do trabalho que, por vezes, possibilita ao jovem a garantia de direito à profissionalização, mas que também gera angústias e incertezas quanto ao futuro profissional; e as experiências de ser homem, dando-lhes a oportunidade de revisar a vida, de voltar a viver com a responsabilidade proporcional, ao mesmo tempo em que vivem os estigmas sociais da vida institucionalizada e atualizam a bruta realidade que vivem, marcada pela pobreza e pela necessidade de “se virar”. Por fim, a pesquisa possibilitou também explorar como corpos trans atravessam a experiência de ser homem e da vida em acolhimento institucional. Os

resultados apontam para a necessidade de construção e fortalecimento de programas e políticas públicas que considerem as singularidades dos jovens institucionalizados quanto ao futuro profissional e que rompam com os discursos da meritocracia, considerando os desafios e condições materiais que esses jovens encontram para exercício da sua cidadania.

Palavras-chave: trabalho, masculinidades, abrigo, jovens

ABSTRACT

Even today, work maintains its central status in the formation of society and the constitution of subjects. However, in recent decades, there has been a deskilling of workers with precarious working conditions, intensified by the pandemic context, particularly affecting young people. Work is still being seen as an important attribute of male identity and, as a human activity, it also becomes an axis in the application of the protective measure of institutional care. Thus, from the perspective of Social Psychology and, based on the qualitative research approach, this study aims to identify and analyze the conceptions about work and masculinities and the relationships between work, masculinities and life in institutional care for young men in care. To develop the research, focus group interviews were carried out with 11 young men hosted in services in two large territories in the city of São Paulo. The interviews were analyzed from the perspective of Content Analysis. The results show the conceptions of work associated with the idea of responsibility, placed mainly on men; permeated by elements that mark the context of precarious work: management of one's own survival, meritocracy, informality, exposure to risk, menial jobs, in contrast to young people's expectations regarding formal, protected work that enables social mobility. Furthermore, the speech points to work as a performative element of masculinity, associated with the ideas of the sexual division of labor and denounces how men's bodies are entangled with the productive logic of capitalism. The conceptions about being a man correspond to the representation of hegemonic masculinity, in which attributes such as strength, aggressiveness, authority and the erasure of any signs of femininity are valued, indicating an inseparability between being a man and being a worker. The results also show the ambivalences of life in foster care that permeate work experiences that, at times, allow young people to guarantee their right to professionalization, but which also generate anguish and uncertainty regarding their professional future; and the experiences of being a man, giving them the opportunity to review their lives, to return to living with proportional responsibility, at the same time that they live the social stigmas of institutionalized life and update the brutal reality they live, marked by poverty and due to the need to "get by". Finally, the research also made it possible to explore how trans bodies go through the experience of being a man and life in institutional care. The results point to the need to build and strengthen programs and public policies that consider the singularities of institutionalized young people regarding their professional future and that

break with the discourses of meritocracy, considering the challenges and material conditions that these young people encounter in exercising their citizenship.

Keywords: work, masculinities, shelter, youth

LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
PNCFC	Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
MEI	Microempreendedor Individual
PAT	Posto de Atendimento ao Trabalhador
EJ	Estatuto da Juventude
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
LER	Lesões por Esforços Repetitivos
DORT	Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
SAM	Serviço de Assistência ao Menor
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-estar do Menor
PIA	Plano Individual de Atendimento
CONANDA	Conselho Nacional da Criança e do Adolescente
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
SAICA	Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VR	Vale Refeição
EPI	Equipamento de Proteção Individual

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO	12
1.1 - Capítulo 1: Trabalho e juventudes	14
1.2 - Capítulo 2: Masculinidades, trabalho e juventudes	23
1.3 - Capítulo 3: Acolhimento institucional, trabalho, juventudes e masculinidades...	33
2 - OBJETIVOS	
2.1 - Objetivo geral	38
2.2 – Objetivos específicos	38
3 – MÉTODO	39
4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	79
ANEXOS	110

1 - APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como objetivo identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos.

O interesse pelo tema surge da minha experiência pessoal com o trabalho, iniciada ainda na infância, estimulada pela minha família de classe média, ironicamente no primeiro ano do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Hoje como Psicólogo Judiciário do Tribunal de Justiça de São Paulo, em que venho atuando com adolescentes durante o processo de acolhimento institucional, mais precisamente há uma década, percebo a dificuldade de se problematizar o mundo do trabalho com esses jovens, em possibilitar que reflitam sobre a questão, ainda que o trabalho seja categoria eixo na execução da medida protetiva, previsto no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) de 2006 e no documento Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes de 2009.

Diante desse problema, me desafiei a mais uma questão, a convite do meu Orientador: o estudo de masculinidades, revisitando a minha trajetória acadêmica nas pós-graduações *lato sensu*, em que realizei pesquisas afins sobre gênero e sexualidades. A partir de então, me lancei à investigação sobre as relações entre os temas do trabalho, juventudes, acolhimento institucional e masculinidades.

Este estudo está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo propõe uma discussão sobre trabalho e juventudes, partindo do entendimento da centralidade do trabalho na constituição da sociedade e da relevância da classe trabalhadora, apontando as mudanças no trabalho contemporâneo que impactam, especialmente, os jovens. Serão utilizados os estudos do sociólogo Ricardo Antunes, notadamente reconhecido no debate sobre a categoria trabalho na perspectiva marxista, as análises do economista Márcio Pochmann sobre a transição histórica do mundo do trabalho e as “novas morfologias” apresentadas por Antunes, como formas de precarização, a exemplo da plataformização e uberização do trabalho, também discutidas pelos pesquisadores Rafael Grohmann e Ludmila Abílio. Ainda nesse capítulo, propomos a discussão, a partir de estudos empíricos, sobre o efeito da precarização e do desemprego na saúde mental do trabalhador e circunscrevemos à categoria juventudes, apresentando dados estatísticos dessa

população que corresponde ao grupo mais atingido pela precarização do trabalho, a exemplo dos denominados nem-nem (nem estudam e nem trabalham), para debater sobre os impactos das mudanças do trabalho na vida de jovens trabalhadores de camadas populares, especialmente na saúde mental.

Uma vez traçado o cenário do trabalho contemporâneo, marcado pela precariedade e os impactos à subjetividade e considerando que o trabalho ainda vem sendo tomado como atributo importante da identidade masculina interrogamos: como podemos pensar a construção das masculinidades, haja vista a relação intrínseca entre o mundo do trabalho e ser homem?

O segundo capítulo problematiza a relação entre masculinidades, trabalho e juventudes. Neste capítulo, apresentamos o conceito de gênero e masculinidade, em um percurso histórico, percorrendo as múltiplas masculinidades, como as masculinidades hegemônicas proposto por Connell e Messerschmidt e de masculinidades subalternas de Kimmel, prosseguindo com o debate sobre o trabalho como elemento performático da masculinidade. Na sequência, são apresentadas análises das construções identitárias de trabalhadores, a partir de estudos empíricos com motoboys, mecânicos automotivos e agentes socioeducativos e a relação com as masculinidades hegemônicas, dando ênfase à questão da virilidade como atributo da identidade masculina normativa e também sobre a capacidade de provir como elemento identificatório com o masculino e a relação das masculinidades com o desemprego.

Ainda neste capítulo, buscamos entrelaçar os temas de masculinidades, trabalho e juventudes, a partir de estudos empíricos que se revelam insuficientes, retomando o objetivo dessa pesquisa, a saber, o de investigar a relação desses temas, além de considerar a dimensão da vida em acolhimento institucional, sobretudo em razão do direito ao trabalho estar no radar da execução de políticas públicas voltadas aos jovens abrigados.

Por fim, no terceiro e último capítulo apresentamos o serviço de acolhimento como medida protetiva, discutimos sobre o impacto do acolhimento na vida dos jovens e, especialmente, sobre o trabalho como eixo na construção do projeto de vida desses jovens, apontando a inexistência de estudos sobre essas temáticas na perspectiva de gênero, mais especificamente das masculinidades, destacando, assim, o ineditismo desta pesquisa.

Capítulo 1.1: Trabalho e juventudes

Ainda hoje, o trabalho mantém o seu estatuto de centralidade na formação da sociedade e na constituição do sujeito e, por conseguinte, a classe trabalhadora se mantém relevante, a despeito das teses que defendam a sua extinção (Antunes, 2015). Segundo Antunes (2015), as contradições existentes no mundo do trabalho no sistema capitalista permitem concluir que não seja possível, em tempo, visualizar o fim do trabalho e da classe trabalhadora.

Antunes (2009) destaca ainda o caráter ontológico do trabalho na defesa de sua tese, compreendendo-o como elementar na constituição do ser social, na troca entre o humano e a natureza, e prioritário em relação às outras formas de atividade humana. Para Antunes (2015), a noção de crise do trabalho se hospeda em uma confusão da análise de origem marxiana, à medida que se toma como unidade as duas dimensões do trabalho: trabalho concreto e trabalho abstrato.

De acordo com Antunes (2015, p.96), o trabalho concreto corresponderia “ao caráter útil do trabalho, relação de intercâmbio entre os homens e a natureza, condição para a produção de coisas socialmente úteis e necessárias” e, tirando a utilidade, restaria a dimensão abstrata – o trabalho estranhado e alienado. Utilizando-se da citação de Agnes Heller (1977 *apud* Antunes, 2015 p. 119-127), entende que não seja possível pensar no fim do trabalho concreto:

“Marx, diz a autora, serve-se de dois termos distintos para melhor caracterizar essa dimensão dupla do trabalho: *work* e *labour*. O primeiro (*work*) realiza-se como expressão do trabalho concreto, que cria valores socialmente úteis. O segundo (*labour*) expressa a execução cotidiana do trabalho, convertendo-se em sinônimo de trabalho alienado”.

Nas palavras de Antunes (2015, p. 103):

“Uma coisa é conceber, com a eliminação do capitalismo, também o fim do trabalho abstrato, do trabalho estranhado; outra muito distinta, é conceber a eliminação no universo da sociabilidade humana, do trabalho concreto, que cria coisas socialmente úteis, e que, ao fazê-lo, (auto)transforma o seu próprio criador”.

Desta forma, se é um equívoco pensar o fim do trabalho na sociedade capitalista e a irrelevância da classe trabalhadora, é importante entender quais as mudanças vêm

ocorrendo no mundo do trabalho na contemporaneidade e quais os impactos sobre os trabalhadores.

Pochmann (2020) analisa a transição histórica do mundo do trabalho no Brasil marcado por três temporalidades, percorrendo as atividades primárias, secundárias até a expansão das atividades terciárias. Desta forma, a primeira corresponderia à sociedade agrária, a segunda à sociedade industrial e a terceira à sociedade de serviços, em curso no século atual. Para Pochmann (2020, p.94):

“a transição para a sociedade de serviços no Brasil tem sido marcada pela desestruturação do mercado de trabalho, com significativa presença do desemprego aberto, a subutilização dos trabalhadores e a precarização das ocupações geradas”.

Esse cenário de retração do trabalhador da indústria e de seu aumento no setor de serviços é observado em nosso país (IBGE, 2019). Dados da Pesquisa Industrial Anual, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019a), que retrata as características estruturais das indústrias no Brasil, apontam a ocupação de 7,6 milhões de trabalhadores, em 2019, representando uma queda de 9,2% em comparação com a década anterior. Naquele mesmo ano, as empresas prestadoras de serviços ocuparam um total de 12,8 milhões de pessoas, representando um aumento de 22,9% em uma década, conforme dados da Pesquisa Anual de Serviços realizada pelo IBGE (2019b).

Antunes (2015) considera que o trabalho se apresenta com uma “nova morfologia”, caracterizada pela subproletarização e sua precarização estrutural, esta última cada vez mais crescente. Ainda que o número do operariado tradicional tenha diminuído, em contrapartida, aumentou o número de trabalhadores assalariados no setor de serviços, especialmente de mulheres, ao passo que diminuiu o de jovens e velhos (Antunes, 2015; Pochmann, 2020). Embora o mundo de trabalho tenha se tornado mais heterogêneo com a participação feminina, com isso, assistiu-se o aumento do número de trabalhadores parciais, temporários, subcontratados, terceirizados, informais, nomeados como subproletários (Antunes, 2015).

A classe trabalhadora também se complexificou, à medida que abrange aqueles que se beneficiaram dos avanços tecnológicos, como também aqueles que se saíram prejudicados por ele, pois, ao mesmo tempo em que se constata uma maior qualificação do trabalho, maior intelectualização com o avanço tecnológico, há uma desqualificação dos trabalhadores com a precarização do trabalho (Antunes, 2015). Contrariamente ao que se esperava do trabalho com o avanço tecnológico, o que se constata é a tendência à

precarização do trabalho, a exemplo do processo de “plataformização” do trabalho, ou de modo mais genérico, a “uberização” do trabalho, intensificada pelo contexto pandêmico (Antunes, 2018; Abilio, 2020; Grohmann, 2021).

Para Grohmann (2021), a novidade no mundo do trabalho, na atualidade, é a plataformização, termo que busca categorizar as relações de trabalho mediadas por plataformas digitais, compreendendo-a como um processo histórico que combina comunicação, tecnologia e ideologia neoliberal, ao controle da classe trabalhadora. A plataformização é um processo heterogêneo, que abarca diferentes perfis de trabalhadores, com marcadores sociais de gênero, raça/cor, dentre outros, e que tem as desigualdades como padrão do trabalho. Segundo o autor, esta é uma tendência mundial na consolidação do processo histórico de flexibilização e precarização do trabalho (Grohmann, 2021), assim como o processo de uberização, que produz o trabalhar sob demanda, permanentemente disponível, que recebe unicamente pelo que produz: o “trabalhador *just in time*” (Abilio, 2020).

De acordo com Abílio (2020), a uberização também é uma tendência mundial, geralmente associada aos trabalhadores de camadas populares, que são responsabilizados pelo engajamento e pela gestão de sua própria sobrevivência: quantas horas trabalharão? Qual será a remuneração? Quais riscos correrão?, assemelhando o processo de trabalho a um jogo, com regras pouco claras (Abílio, 2020). Antunes (2015) considera o exemplo do trabalho por conta própria, o “empreendedorismo”, como uma forma dissimulada de trabalho, uma transformação do conceito de informalidade, que vai ao encontro do discurso econômico liberal e às políticas de desproteção do Estado. Segundo Antunes (2015), as mudanças ocorridas no trabalho, potencializadas pela política neoliberal, são caracterizadas pela tendência da informalidade, da flexibilização e das terceirizações na lógica produtiva, que tem como resultado o aumento do desemprego estrutural.

De outro modo, Abílio (2021) chama a atenção para o risco de essencialização de noções como flexibilização e precarização, questionando o sentido da utilização dessas categorias para se referir ao mercado de trabalho que se estrutura na informalidade, haja vista a Reforma Trabalhista no país (Brasil, 2017), que alterou mais de 200 pontos da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Antecedendo à esta reforma, destacam-se os processos de terceirização e pejetização – empregador de si próprio da década de 1990, dos microempreendedores individuais - MEIs dos anos 2000 e a aprovação da Emenda Constitucional nº 95 (Brasil, 2016), que reduziu a capacidade de investimento público em setores fundamentais (Pochmann, 2020).

Ribeiro (2020), ao analisar, sob o aspecto psicossocial, a Lei da Reforma Trabalhista conclui que a flexibilização necessária para o aumento da produtividade, que correspondia à justificativa dos apoiadores a esta reforma, beneficia os grandes empregadores e desfavorece os trabalhadores, tornando-os mais vulneráveis. Pochmann (2020) observa que, apesar do discurso patronal de gerar mais emprego com a flexibilização das leis trabalhistas, o cenário atual não é favorável à geração de novos empregos assalariados e a formalização de contratos de trabalho.

Com a reforma trabalhista, o emprego assalariado formal tem sido substituído pelo informal e pelo trabalho por conta própria, à margem dos direitos sociais e trabalhistas. Nessa direção, apontam Pochmann (2020) e Ribeiro (2020) que a informalidade se constituiu como regra na reforma trabalhista, com a perda de direitos e garantias historicamente conquistados.

Diante de todo esse contexto, quais são os efeitos da precarização do trabalho na saúde mental dos trabalhadores? Segundo dados do Ministério do Trabalho e Previdência (Brasil, 2022), em 2021 foram concedidos mais de 150 mil benefícios de auxílio acidentário, sendo que 6,2% correspondem a beneficiários com transtornos mentais e comportamentais.

Mangini e Nunes (2021) afirmam que, se o trabalho se torna precário, há um impacto significativo na saúde mental dos trabalhadores. Em sua pesquisa bibliográfica, estes autores buscam estabelecer a relação da crise do capitalismo com o adoecimento do trabalhador, considerando a forma como o trabalho se organiza na contemporaneidade: aumento da pressão por resultados, da competitividade, da exigência de qualificação, da redução de pessoal e do aumento do desemprego.

A hipótese da pesquisa de Magrini e Nunes (2021) é que essas mudanças ocorridas na sociedade ampliariam os riscos de suicídio, que estaria diretamente associada à experiência do desemprego. Para estes autores, seria necessário o reconhecimento do suicídio como um fenômeno engendrado pelo capitalismo e que a resposta de enfrentamento seja, sobretudo, coletiva, perpassando pelo resgate do vínculo de solidariedade entre os trabalhadores, corroído pela lógica neoliberal.

Com o objetivo de identificar fatores de sofrimento psíquico e social em desempregados, Schmidt *et al* (2018) entrevistaram 100 trabalhadores que buscavam emprego no Posto de Atendimento ao Trabalhador (PAT) em município do estado de São Paulo, utilizando-se de questionário sociodemográfico e de escala de avaliação constituída por duas dimensões: sofrimento psíquico e sofrimento social na coleta de

dados, sendo que a primeira corresponde aos sentimentos experimentados na situação de desemprego, enquanto que a segunda se refere ao pertencimento e/ou exclusão social do trabalhador desempregado.

Em relação à dimensão de sofrimento psíquico, Schmidt *et al* (2018) constaram que os sentimentos mais frequentes são o de medo e insegurança, relacionado ao fato de não conseguir arrumar outro emprego, seguidos pelo sentimento de vergonha na situação de desemprego. Em relação à dimensão sofrimento social, chegaram a resultados menos expressivos da consequência do desemprego, identificando a existência de suporte social, com apoio material e emocional de família e amigos.

Neste sentido, se esse contexto de precarização afeta o trabalhador adulto, produzindo-lhe sofrimento físico e mental, qual é o impacto para os jovens trabalhadores, considerando que estes são mais afetados pelas mudanças no trabalho contemporâneo? (Pochmann,2020).

De acordo com o Estatuto da Juventude (EJ), a juventude brasileira corresponde às pessoas com idade entre 15 a 29 anos (Brasil, 2013). Segundo os dados divulgados do censo demográfico, os jovens nessa faixa etária correspondiam a mais de 26% da população brasileira, somando mais de 50 milhões de pessoas. Desse contingente, cerca de metade – equivalente a 49,96% - corresponde a homens (IBGE, 2010).

O trabalho protegido e a profissionalização são direitos previsto no ECA (Brasil, 1990) e no EJ. De acordo com o artigo 14 do EJ: “o jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social” (Brasil, 2013). Nas últimas décadas, como observa Oliveira (2018), foram implementados programas de qualificação profissional destinados aos jovens, dos quais se destacaram o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem (Brasil, 2008) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec (Brasil, 2011).

Embora representem uma parcela significativa da população e tenham o trabalho e a qualificação profissional como direitos, previstos pelas legislações do Estado brasileiro, o grupo de jovens é o mais atingido pelo desemprego (IBGE, 2022). No Brasil, no 1º trimestre de 2022, as pessoas de 14 a 17 anos, por exemplo, representavam 7% das pessoas em idade para trabalhar. No entanto, a análise de contingente de ocupados naquele período aponta que 1,6% eram de jovens nessa faixa etária (IBGE, 2022).

Para Pochmann (2020), os jovens foram os mais afetados negativamente pela terciarização do mundo do trabalho, diminuindo a sua posição relativa no total da

ocupação de trabalhadores. Outros estudos destacam que os jovens são os grupos que mais sofrem com os efeitos da exclusão e da desigualdade social (Oliviera, 2018; Souza e Lussi, 2019; Costa *et al.*, 2020), em especial, jovens negros, mulheres, pobres e de baixa escolaridade (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva e Vaz, 2020; Cardoso e Hermeto, 2021).

Ainda que os jovens possam, dentro das possibilidades de suas existências, marcar pequenas resistências, parece inevitável experienciar o desafio da precarização no mundo do trabalho. Almeida Prado *et al.* (2020), analisam, a partir de reflexões teóricas, como esse contexto interfere nos jovens trabalhadores da cultura. Para Almeida Prado *et al.* (2020, p.706), ainda que o trabalho cultural possibilite a “essência criativa, novas subjetividades e formas de ser e estar no mundo” e, nesse sentido, configura-se como tática de enfrentamento, também “reproduz os desafios da precarização e flexibilização e o próprio desemprego ou não trabalho como parte deste processo” (p. 706). Almeida Prado *et al.* (2020, p.721) evidenciam o histórico de precariedades dos jovens trabalhadores da cultura, sobretudo pela informalidade que caracteriza boa parte dos trabalhos desenvolvidos nesta área, como também, “pela desvalorização e dificuldade de reconhecimento da cultura como trabalho diante à racionalidade liberal”.

Para Bourdieu, (1983) a categoria juventude é uma construção social e não pode ser compreendida como uma unidade, definida biologicamente, mas deve ser analisada sob as suas diferenças. Embora os jovens entre 15 a 29 anos representem um grupo diverso e, portanto, deve ser compreendido como uma categoria plural – juventudes (Bourdieu, 1983; Costa *et al.*, 2020) o que se percebe como característica comum é a elevada desocupação em comparação com os não jovens (Almeida Prado *et al.*, 2020, Silva e Vaz, 2020).

Ainda que diversos, um grupo de jovens tem ganhado visibilidade nesse contexto de precarização do trabalho – são os nomeados “nem-nem” – os jovens que nem estudam e nem trabalham (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva e Vaz, 2020; Cardoso e Hermeto, 2021). Os estudos apontam que esses jovens são, em grande maioria, de camadas populares e identificados pelos marcadores sociais de raça, gênero, além da renda: ser negro, mulher, baixa escolaridade e pobre aumentam a chance do jovem se tornar um nem-nem. (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva e Vaz, 2020).

Se o Brasil já contava com um considerado número de jovens que nem estudam e nem trabalham, o contexto pandêmico agravou esse cenário (Silva e Vaz, 2020; Cardoso e Hermeto, 2021). Para Silva e Vaz (2020), pesquisadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, a crise sanitária contribuiu para o aumento da inatividade e

desesperança em encontrar um emprego por parte dos jovens. Além disso, a pandemia trouxe prejuízos à escolarização e formação profissional desses jovens, quer seja pela desigualdade da inclusão digital ou pela necessidade de dedicação maior aos afazeres domésticos, nesse caso, afetando principalmente as jovens mulheres.

Em suas análises, Silva e Vaz (2020) consideram o grupo de jovens nem-nem como sendo heterogêneo, subdividindo-o em subgrupos, desde os desempregados há menos de um ano, os indisponíveis devido a doenças ou outras incapacidades, aos desalentados, que pararam de procurar trabalho porque acreditam que não há oportunidades de emprego para eles. Estes últimos encontram maiores dificuldades de saírem dessa situação, se comparado aos primeiros. O estudo aponta que, em 2019, quase 60% dos jovens nem-nem do Brasil já não buscavam emprego, sendo que 13% eram desencorajados, mais representativos entre jovens mulheres, negros, de baixa escolaridade e mais pobres.

Já para Cardoso e Hermeto (2021), a maior preocupação também está na ausência de perspectivas destes jovens, que levaria à permanência da condição de desocupação. Em seu estudo, concentram-se na classificação do grupo de jovens “nem-nem” em dois subgrupos: ativos, os que procuram empregos; e inativos, os que não procuram empregos. Também caracterizam o perfil destes jovens buscando analisar a incidência de afazeres domésticos em ambos os subgrupos.

Utilizando-se da base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, Cardoso e Hermeto (2021) apontam que 9% de jovens se encontravam na condição de nem-nem ativos e 15% de nem-nem inativos. O contingente de jovens nem-nem ativos e inativos estão inseridos em famílias cujo rendimento médio é mais baixo em relação a outras famílias de jovens e o papel desempenhado por esses jovens, no seio familiar, é o de “filho”, no caso dos homens, e o de “cônjuge”, no caso das mulheres. (Cardoso e Hermeto, 2021).

Cardoso e Hermeto (2021) constataram que os dois grupos se diferem, por exemplo, quanto ao gênero, indicando que mulheres estariam mais propensas a aceitarem o fato de viver sem estudos e sem trabalho, naturalizando o afazer doméstico como papel da mulher. Além disso, ambos os grupos estariam menos inclinados a se pouparem dos afazeres domésticos, embora os nem-nem inativos tenham uma chance maior à inatividade generalizada. O estudo conclui também que jovens brancos são poucos propensos à condição de nem-nem inativos e os jovens negros estariam mais predispostos aos afazeres domésticos.

Desta forma, ambas as análises, as de Silva e Vaz (2020) e Cardoso e Hermeto (2021), demonstram a preocupação do desalento vivido pelos jovens diante desse contexto de não trabalho, que pode trazer consequências desastrosas para a trajetória laboral desses sujeitos ao longo da sua vida. Estes autores apontam ainda a necessidade de adoção de políticas públicas que ampliem a qualificação profissional e a inserção desses jovens no mundo do trabalho.

Uma outra mudança que impacta na vida dos jovens, que estabelece uma relação com o mundo do trabalho, é a reforma do ensino médio no Brasil – Lei nº 13.415 (Brasil, 2017a). Para Oliveira (2018), a reforma do ensino médio vai ao encontro do discurso da empregabilidade que norteia as práticas do sistema público de ensino, com a ideia de que a escola deva desenvolver competências que dialoguem com o setor produtivo, garantindo, desse modo, a entrada e permanência de seus egressos no mundo do trabalho. Essa lógica é a que fundamenta a implementação de políticas públicas de formação profissional à juventude, aliada ao objetivo de atenuar as tensões sociais protagonizadas pelos jovens, possibilitando-lhe perspectivas futuras. (Oliveira, 2018).

Oliveira (2018, p.79) desenvolve o argumento de que a “contrarreforma do ensino médio não garantirá oportunidades universais para a conclusão da educação básica, mas sim, promoverá a formação precarizada nas escolas públicas e reforçará a precarização do trabalho juvenil”. Ainda de acordo com Oliveira (2018, p.85), a retirada de algumas disciplinas do currículo como, por exemplo, Filosofia e Sociologia, “aponta para a precarização da formação escolar e contribuirá para o empobrecimento da formação dos trabalhadores, direcionando-os a postos de trabalhos precarizados”.

Nesse sentido, a reforma do ensino médio, assim como a reforma trabalhista, serve como dispositivo para precarização dos trabalhadores e são políticas adotadas pelo Estado brasileiro, sob a batuta do neoliberalismo, que impactam a trajetória laboral dos jovens brasileiros, especialmente os das camadas populares. Frente a isso, qual é o impacto da precarização do trabalho à subjetividade dos jovens, à saúde mental dessa população?

Souza e Lussi (2019) e Costa (2020) apontam para a inexistência de estudos brasileiros que integrem essas temáticas – trabalho, juventudes e saúde mental. Souza e Lussi (2019) mapearam estudos científicos – artigos, dissertações e teses, tanto nacionais quanto internacionais, publicados entre 1997 e 2010, que pretendiam a reflexão sobre trabalho informal, juventudes e saúde mental, disponíveis em bases indexadas. Contudo, em nenhum dos estudos as juventudes eram o foco da pesquisa, desconsiderando as suas idiosincrasias nos fenômenos do trabalho informal e saúde mental.

De modo original, Costa *et al.* (2020) investigam sobre os sentidos do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento relacionado à experiência laboral entre jovens trabalhadores, na perspectiva psicodinâmica do trabalho. Para tanto, entrevistaram 25 estudantes do ensino superior de uma instituição pública do estado de Minas Gerais. Para Costa *et al.* (2020), para além dos sentidos atribuídos ao trabalho, que corresponderiam às características que fazem com que o trabalho seja fundamental na vida das pessoas, as atividades laborais podem desencadear vivências de prazer-sofrimento para o trabalhador.

Segundo Costa *et al.* (2020), o sentido do trabalho atribuído aos jovens perpassa pela identificação com a atividade realizada, que possibilite o desenvolvimento profissional, pela colaboração e envolvimento do coletivo, pelo não prejuízo à saúde, em síntese, pela proporção do prazer. Contudo, Costa *et al.* (2020) constatam que, ainda que os jovens atribuam sentido ao trabalho, não se isentam dos prejuízos presentes em sua constituição, sobretudo na contemporaneidade – altas cobranças, acúmulo de demandas, sobrecarga de trabalho, baixa remuneração, falta de reconhecimento, cansaço, exigências afetivas desproporcionais, conforme narrativas de sofrimento de parte dos jovens pesquisados.

Considerando que o trabalho ainda é um atributo importante para a construção da identidade masculina, como podemos pensar a construção das masculinidades desses jovens, nesse contexto de precarização do trabalho, em que são os maiores afetados?

Capítulo 1.2: Masculinidades, trabalho e juventudes

O conceito de masculinidades tem sua base estrutural nas relações de gênero, o que significa dizer que em diversos grupos culturais são construídas e difundidas ideias sobre o que é ser homem, bem como, expectativas acerca dos papéis sociais associados ao gênero masculino, como a capacidade de prover e a virilidade que compõem a masculinidade normativa, além de atributos como força, confiança, controle, domínio, poder, riqueza, determinação, competitividade, agressividade, entre outros (Connell, 1995). Até a década de 1970, o gênero masculino era compreendido na perspectiva da teoria dos papéis, que definia quais as atitudes e expectativas eram depositadas aos homens. Contudo, essa ideia era limitada, não possibilitando compreendê-lo em uma estrutura mais complexa das relações de gênero e das múltiplas formas de masculinidade (Connell, 1995).

O conceito de gênero é do fim do século XX, criado a partir dos estudos feministas que começaram a utilizar a palavra para se referir à “organização social da relação entre os sexos” (Scott, 1995, p. 72). O conceito representou um avanço no sentido de superar a relação simples entre sexo e gênero como sendo o sexo de base fisiológica e natural da diferença e o gênero da cultura e das relações sociais, de questionar a diferença sexual que se hospeda no binarismo masculino *versus* feminino (Alves, 2021). Desta forma, pensar na perspectiva de gênero, segundo Brandão e Alzuguir (2019, p. 72):

“é colocar em questão as bases do determinismo biológico, sobre o qual as desigualdades sociais de gênero historicamente se assentam e se justificam. Nessa perspectiva, pensar gênero implica inevitavelmente a análise do corpo e do sexo como domínio inscritos e moldados por processos sócio-históricos”.

Scott (1995) avança na descrição sobre gênero e eleva o estudo à categoria de análise histórica, rejeitando os determinismos biológicos, compreendo-o como uma construção cultural e histórica que busca explicar as desigualdades de poder entre os sexos, à medida que desafia responder, por exemplo, porque a virilidade é mais valorizada que a feminilidade em nossa sociedade. Com isso, o conceito de gênero pareceu superar o de patriarcado dos anos 1960/70, uma vez que não é suficiente compreender as mulheres e homens de forma homogênea, de maneira a-histórica e universalista, colocando-as sempre em condição subalternizada, como também, não é possível considerar as masculinidades como menos importante dentro dos estudos de gênero (Alves, 2021).

No que se refere às masculinidades, Giffin (2005) e Connell e Messerschmidt (2013) apontam que, desde a metade do século XX, já há literatura científica sobre os homens, contudo, é na década de 1970 que o estudo sobre masculinidades começa a criar corpo, sobretudo com as teorias feministas e o ativismo gay, movido sobretudo pela epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS (Giffin, 2005). Entretanto, os primeiros trabalhos sobre homens, denominados posteriormente como “masculinistas”, representado pela figura do norte-americano Robert Bly, defendia o resgate da imagem positiva da masculinidade: bravura, dureza, insensibilidade, sem levar em consideração as questões de poder (Connell, 1995; Angélico e Setton, 2022). É somente na década de 1980 que os estudos críticos sobre masculinidades surgem no campo sobre gêneros, com destaque aos realizados por Connell e Kimmel (Giffin, 2005, Angélico e Setton, 2022)

Segundo Connell (1995, p. 188), “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, à medida que falar sobre masculinidades é dizer sobre o que os homens fazem, é compreender que a masculinidade tem a ver com relações sociais de poder e com os corpos dos homens, envolvidos em uma estrutura complexa de entendimento sobre gêneros, que vai além dicotomia binária (Connell, 1995). A masculinidade, nessa perspectiva, deve ser compreendida em sua pluralidade, nas diversas possibilidades de experienciar o “ser homem” e, portanto, a palavra deve ser empregada no plural: masculinidades, não sendo possível o uso de “homens” como uma categoria homogênea de análise (Connell, 1995). Segundo Kimmel (1998, p.106):

“Devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que a masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos”.

Embora existam diversas possibilidades de experienciar as masculinidades, Connell e Messerschmidt (2013) propõe o conceito de masculinidade hegemônica, que corresponde à existência de um modelo de masculinidade mais valorizado socialmente, capaz de estruturar e hierarquizar as relações de poder, envolvendo tanto a dominação dos homens sobre as mulheres como a de alguns homens sobre outros homens. Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p.245):

“A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico, apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os

outros homens se posicionem em relação a ele e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”.

Para Connell e Messerschmidt (2013, p.258), o conceito de masculinidades hegemônicas se afasta do essencialismo, da concepção que naturaliza os corpos de homens e mulheres, como também da ideia que exista uma representação universal do homem, sendo “formulado dentro de uma compreensão multidimensional do gênero”, relacionado com outros marcadores sociais, como classe, raça/cor, geração, dentre outros.

As masculinidades hegemônicas não são só diferentes entre si, elas também estão sujeitas à transformação ao longo da história (Connell, 1995), o que significa dizer que novas formas de masculinidades hegemônicas podem ser criadas de acordo com a mudança histórica. De igual modo, é necessário considerar que diferentes masculinidades são produzidas em disputa com as hegemônicas, criando uma hierarquia entre as diversas possibilidades de experienciar o ser homem (Connell, 1995).

A masculinidade como uma construção em torno do poder inclui relações entre homens de dominação, marginalização e cumplicidade (Connell, 1995), posicionando o hegemônico em oposição ao subalterno, desvalorizando outras formas de masculinidades (Kimmel, 1998), a exemplo da marginalização dos homens negros, transgêneros, gays e pobres *versus* os homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e ricos. Segundo Angélico e Setton (2022, p.133):

“O grupo de homens cujas expressões de masculinidades são marginalizadas e/ou desviantes em relação à hegemônica não desfrutam dos mesmos privilégios masculinos garantidos por ela e são aqueles afetados pela dominação e pela violência”.

As masculinidades hegemônicas dizem respeito também aos corpos dos homens. Connell e Messerschmidt (2013) reconhecem a importância do corpo masculino como indicador de masculinidade, caracterizada, por exemplo, pelo compromisso com práticas de riscos para a confirmação da reputação masculina em um contexto grupal. Dizer que as masculinidades são corporificadas significa dizer que o “ser homem” é atestado a partir do corpo, de posturas físicas, de movimentos, de compleições (Connell, 1995).

Considerando que as masculinidades são configurações de práticas, segundo o conceito apresentado por Connell (1995), pesquisas sobre homens têm mostrado que a construção da identidade social se dá na esfera do trabalho. Ainda que seja evidente que não só o trabalho performe a masculinidade, é inegável a relação intrínseca entre a

construção das masculinidades e o mundo do trabalho (Angerami e Silva, 2018; Palermo, 2018; Angélico e Setton, 2022).

Sobre a construção do gênero masculino no âmbito do trabalho, Giffin (2005) ao resgatar as personalidades que contribuíram historicamente nos estudos de gênero, menciona as análises do educador canadense Michael Kaufmann e do sociólogo inglês Victor Seidler sobre os homens heterossexuais na relação com a produção, em que são pressionados à supressão de seus afetos, a partir da sua identificação com a razão, na tentativa de se tornar competitivo na lógica do mercado (Giffin, 2005).

Seidler (1991) *apud* Giffin (2005) observa que essa identificação dos homens com a razão traz consequências negativas, à medida que repercute na limitação dos afetos, na desvalorização das relações interpessoais e na organização da vida concreta para atender a prioritária necessidade de produção. Embora o estudo de Seidler tenha se dado há três décadas, a ideia de indissociabilidade da categoria de gênero a de classe, do entendimento sobre trabalho e produção e suas implicações parece se manter, tal como sinaliza o estudo mais recentes de Palermo (2018).

O antropólogo argentino Hernán Palermo (2018, p.157) considera que seja imprescindível pensar nas categorias gênero e trabalho para “entender como se organizam as disputas e relações de poder na sociedade ocidental e capitalista e, em particular, nos âmbitos laborais”. Com base em dois estudos de casos, com trabalhadores petroleiros e da indústria de *software* na Argentina, Palermo (2018) propõe um diálogo entre os estudos do trabalho com os estudos das masculinidades, problematizando as práticas dos trabalhadores em função dos processos laborais na configuração de suas masculinidades. No universo dos petroleiros, valores como força, resistência, capacidade de suportar acidentes são requeridos no espaço de trabalho. Já no caso dos trabalhadores da indústria de *software*, em que predomina uma cultura jovem, a criatividade, a expressividade, a fluidez das emoções alimentam a produção. Para Palermo (2018, p.169) “enquanto na indústria petroleira se maximiza modelos de masculinidade tradicionais, nas fábricas de *software* se dinamiza um *ethos* da masculinidade que se contrapõe com os modelos tradicionais de como se comportar como homens”.

Saldanha *et al.* (2018) apontam como são incipientes as pesquisas científicas que relacionam o trabalho às masculinidades, apesar do crescente interesse na articulação com os estudos sobre saúde do homem, que encaram o adoecimento numa perspectiva de gênero. Saldanha *et al.* (2018, p.2) propõem discutir a experiência do adoecimento crônico por lesões por esforços repetitivos/distúrbios osteomusculares relacionados ao

trabalho (LER/DORT) em homens metalúrgicos do setor automotivo no estado da Bahia, relacionando-a com a construção de masculinidades, entendendo que esse processo pode gerar “conflitos identitários e questionamentos sobre os modelos hegemônicos de masculinidade”.

Os dilemas vividos pelos trabalhadores no processo de adoecimento, colocados na perspectiva de suas masculinidades, correspondem aos comportamentos de resistência aos cuidados, à impossibilidade de trabalhar, ao declínio no desempenho sexual, à não realização de papéis sociais ditos como masculinos (Saldanha *et al.*, 2018). Para Saldanha *et al.* (2018) é necessário o reconhecimento que a masculinidade hegemônica influencia a resposta do homem ao enfrentamento da enfermidade para que se repense o cuidado à sua saúde. Ao mesmo tempo, considera que seja possível que, no curso do adoecimento, emergjam múltiplas possibilidades de experimentação de novas masculinidades.

Além disso, a masculinidade, como uma construção, diz muito sobre a identidade social do homem, sobre como ele se assemelha e se diferencia em relação ao outro. Segundo Wang *et al.* (2007, p.133):

“Ao se dizer homem ou mulher, o indivíduo não apenas se autoidentifica, como também se identifica com um grupo de pessoas que compartilham a mesma categoria de pertencimento e, presumivelmente, as mesmas características relevantes daquela categoria”.

Pesquisas como as de Miranda e Nascimento (2018), Ferreira (2021) e Vinuto *et al.* (2017), reafirmam a relação da identidade social com as representações e as práticas das masculinidades, dando ênfase à questão da virilidade como componente da identidade masculina normativa.

Analisando a construção identitária de motoboys, Miranda e Nascimento (2018) entrevistaram 10 trabalhadores na cidade de Belo Horizonte, com o objetivo de verificar como estes trabalhadores concebem diferentes versões de masculinidades e como essas construções sociais determinam suas práticas e estão associadas à formação de suas identidades, como se assemelham e se diferenciam em relação ao grupo de pertença. Miranda e Nascimento (2018, p. 641) parecem confirmar a hipótese de que a “construção social das masculinidades pode ser um fator relevante na determinação das práticas de motoboys e motociclistas em geral”, haja vista que os entrevistados parecem compartilhar de um ideal masculino - ousadia, independência, domínio, destemor, habilidade, experiência - no exercício de uma atividade laboral que lhes confere virilidade. Além disso, as referências das masculinidades participam da construção identitária desses

sujeitos na medida em que se comparam com outros grupos de homens no contexto do trânsito (Miranda e Nascimento, 2018).

Com objetivo semelhante, Ferreira (2021) analisa a identidade do mecânico automotivo a partir do seu ofício (e também do automobilismo como lazer) e do seu modo de vida, relacionando-os às masculinidades hegemônicas. Utilizando-se de entrevistas com mecânicos, inserções etnográficas em oficinas e investigações documentais, ocorridas entre os anos de 2010 a 2013, no município de Porto Alegre/RS, Ferreira (2021) conclui que esses trabalhadores, no exercício de suas atividades laborais, constroem uma identidade masculina, inscrita no modelo de masculinidade hegemônica, que ultrapassa os limites das oficinas e alcançam o imaginário social, correspondendo ao estereótipo do ofício: símbolos de virilidade, rusticidade e masculinidade.

A virilidade se constitui como um elemento importante na construção da masculinidade hegemônica (Vinuto *et al.*, 2017; Ferreira, 2021) e a oficina mecânica se apresenta como sendo um espaço de socialização quase exclusivo dos homens, em que a exibição de uma masculinidade viril é frequente: homem desleixado com aparência, barbudos, que usam regatas expondo os músculos, que fazem piadas de cunho sexual, que se apresentam sujos de graxa e hábeis em assediar mulheres (Ferreira, 2021).

Vinuto *et al.* (2017) discute a noção de virilidade e a relação com o trabalho de agentes socioeducativos que acompanham medida socioeducativa de internação de adolescentes em conflitos com a lei. Para Vinuto *et al.* (2017), a virilidade é um valor importante para a manutenção da segurança nas unidades de internação, onde a tensão e a ameaça de conflitos são permanentes, e é utilizada como estratégia coletiva de sobrevivência, por parte dos trabalhadores na relação com os internos, em detrimento das práticas mais alinhadas à socioeducação.

Nesse sentido, Vinuto *et al.* (2017) apontam que a virilidade é expressa por demonstrações de coragem, frieza, insensibilidade, imposição do medo, que são características que parecem ser organizadoras do trabalho dos agentes socioeducativos, na tentativa de enfrentar as pressões do trabalho sem adoecer e de construir uma sensação de segurança no ambiente de trabalho, ainda que exista o risco da banalização da violência.

Assim como a virilidade, a capacidade de prover é atributo cultural da masculinidade normativa e é uma das práticas socialmente associadas à formação da identidade masculina (Jimenez e Lefèvre, 2004). A associação entre ser homem e ser provedor ainda é muito presente no imaginário social, presumindo que sempre foi central

para o homem (Tagliamento e Toneli, 2010; Angerami e Silva, 2018; Barros *et al.*, 2018; Saldanha *et al.*, 2018). Em seu estudo, Tagliamento e Toneli (2010) apontam que uma das experiências vividas pelas famílias com maior incomodo é a inversão no sustento financeiro familiar.

Tagliamento e Toneli (2010) ilustram como novas possibilidades de masculinidades surgem a partir do desemprego e da impossibilidade do homem de desempenhar o papel de provedor. Para tanto, as pesquisadoras estudaram as práticas cotidianas de duas famílias de camadas médias em que os homens estão desempregados e que as mulheres assumem o papel de provedoras. As autoras pontuam que essa nova possibilidade de masculinidade foi experienciada, após lutas travadas cotidianamente entre o que é esperado socialmente e a impossibilidade de exercerem tais mandatos em suas vidas, pois o prover e o trabalho não estavam mais atribuídos exclusivamente ao homem. As autoras também observaram que essa circunstância foi propulsora na mudança de relações familiares de uma destas famílias, possibilitando que o homem adotasse, após fases críticas, uma postura de gênero mais igualitária, em que o vínculo familiar passou a ser permeado pelo diálogo (Tagliamento e Toneli, 2010).

De outro modo, Tagliamento e Toneli (2010) também observaram que esse contexto não propiciou grandes alterações nas posições de gêneros atribuídas aos membros da outra família, a exemplo da impossibilidade do homem não auxiliar nas atividades domésticas, contrariando a expectativa da família, uma vez que se encontrava sem trabalhar, reforçando a concepção de que os cuidados com a casa são práticas feminilizantes. Com isso, concluem que, por mais que haja resistências entre as posições de gêneros, numa lógica mais igualitária, há um desejo de submissão às normas, tornando a flexibilidade ilusória.

Na mesma direção, Jimenez e Lefèvre (2004, p.230) entrevistaram quinze homens desempregados, no Posto de Atendimento ao Trabalhador (PAT), residentes de municípios da região metropolitana de São Paulo, com o objetivo de identificar as representações de trabalho e masculinidades diante do desemprego. Os resultados revelam que o desemprego representa a perda de um lugar social e de uma identidade associada – trabalhador assalariado provedor da família, sentida como uma derrota e humilhação pelos homens, que pode ser sintetizada nas palavras de um entrevistado: “é como se em vez de cabeça da casa a gente tivesse se tornado a cauda”. Para Jimenez e Lefèvre (2004, p.225), no contexto de desemprego, comportamentos violentos, uso de

substância psicoativa e envolvimento com crimes “emergem como alternativas para a retomada de um lugar social identificado como masculino”.

Considerando que as masculinidades se relacionam com o marcador social geracional, como é possível pensar as masculinidades juvenis diante do modelo hegemônico?

Alguns pesquisadores têm se dedicado a investigar sobre como os jovens performam as masculinidades (Oliveira e Santos, 2019; Silva e Angerami, 2019; Angerami e Silva, 2018). Oliveira e Santos (2019) analisaram o enfoque dado às pesquisas que entrelaçam masculinidades e juventudes, por meio de revisão sistemática da produção de artigos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre os anos de 2000 e 2017 e constataram a tendência das publicações em problematizar a hierarquia de poder nas masculinidades. Apesar da pluralidade dos jovens, há uma inclinação destes, em variados contextos sociais, em performatizar a hegemonia masculina por meio de atos viris e de dominação, caracterizados pela violência, força, potência sexual e saúde reprodutiva, descuido com o corpo, entre outras práticas performativas. Além disso, a pesquisa apontou a influência dos artefatos culturais (livros, filmes, músicas, redes sociais, etc.) na construção de discursos sobre as masculinidades, que podem legitimar ou romper com as representações da masculinidade hegemônica (Oliveira e Santos, 2019)

Silva e Angerami (2019) consideram que uma diversidade de modelos de masculinidades tem operado entre os jovens, o que, não necessariamente, desimplica uma hierarquia de poder. Com propósito de refletir sobre as masculinidades, tomando como dimensões a homossexualidade e a heteronormatividade, Silva e Angerami (2019) realizaram grupos focais com oito jovens estudantes, de 15 a 18 anos, de escolas públicas e privadas de município do interior gaúcho, nos quais os jovens eram convidados a pensar sobre suas práticas cotidianas e identificar o que estaria associado a “ser homem”.

A pesquisa de Silva e Angerami (2019, p. 187) apontou que os participantes, ainda que não compactuem com algumas práticas e que acenem para a possibilidade de revisá-las, acabam reproduzindo comportamentos que vão ao encontro do modelo hegemônico de masculinidade, que se baseia na lógica heteronormativa, a exemplo de reconhecerem “as noções de poder, força e coragem em um *ethos* masculino”. De outro modo, Silva e Angerami (2019) destacam a importância que a informação, presente no ambiente educacional de parte dos estudantes, trouxe e traz na perspectiva de reconstrução dessa realidade. Segundo Silva e Angerami (2019, p. 193):

“As instituições educativas, em especial, a escola, podem exercer um papel importante nesse processo, ao instaurar e consolidar espaços de diálogo franco com os jovens sobre tais assuntos, escutando suas perspectivas, dúvidas e confrontações, em lugar de incorrer nas tradicionais práticas normalizadoras que, na busca por disciplinar e docilizar corpos e mentes, acabam construindo para silenciar desejos dissonantes e anular os sujeitos em suas singularidades”.

Em estudo similar, as mesmas autoras buscaram compreender como jovens de camadas populares constroem suas masculinidades: o que pensam sobre ser homem?, Quais símbolos e práticas estão associados a “ser homem”? (Angerami e Silva, 2018). Para tanto, realizaram grupos focais com cinco jovens escolares, com idade de 15 a 18 anos, daquele mesmo município. Os resultados apontaram símbolos e práticas permeados pela força e pelo poder, pela honra e responsabilidade familiar e com o mundo do trabalho, por disputas que hierarquizam as masculinidades juvenis por meio da violência física e simbólica, correspondendo, assim, à existência de um modelo hegemônico de masculinidade no imaginário desses jovens (Angerami e Silva, 2018).

Neste sentido, se os estudos já acenam para a limitação de publicações sobre pesquisas que relacionam as masculinidades com o trabalho de modo geral, como apontam Saldanha *et al.* (2018), a tentativa de particularizá-lo ao universo do trabalho juvenil parece afastar ainda mais a perspectiva da existência de estudos. Ainda que, segundo Oliveira e Santos (2019), pesquisas acenam uma certa tendência à problematização dos temas de masculinidades e juventudes, a intersecção com o trabalho não parece ser ênfase nos estudos brasileiros.

De outro modo, Barros *et al.* (2018) pesquisaram a intersecção das masculinidades e trabalho juvenil no contexto da saúde, buscando compreender como o trabalho permeia a experiência de jovens na construção de suas masculinidades e na relação com os cuidados à saúde. Para tanto, os autores entrevistaram 27 homens, em média com 18 anos de idade, vinculados ao Programa Jovem Aprendiz de uma escola técnica em Recife/PE. Alguns entrevistados apontaram dificuldades e alcances para promoção e prevenção à saúde. Dentre as dificuldades, algumas relacionadas à rotina de estudo e trabalho, os horários de funcionamento dos serviços que coincidem com os de trabalho; à falta de identificação com os serviços de saúde; além do sentimento de invulnerabilidade ao adoecimento característico da juventude.

Ao longo dos resultados, Barros *et al.* (2018) observam que estudo e trabalho são encarados pelos jovens como prioritários, em relação aos cuidados à saúde, correspondendo à manutenção do ideal hegemônico de masculinidade, socialmente

instituído. Ao mesmo tempo, nem todos os participantes se identificaram com o estereótipo do homem descuidado com a saúde, pois, mesmo trabalhando, desenvolvem hábitos saudáveis, além de terem a possibilidade de apoio, no local de trabalho, às ações de promoção e prevenção à saúde, ainda que o interesse do empregador seja pela manutenção do trabalhador em atividade.

Embora os estudos que interseccionem os temas – trabalho, masculinidades e juventudes sejam insuficientes, Angerami e Silva (2018) alertam para o interesse dos jovens, na contemporaneidade, em relação ao debate sobre as masculinidades para a importância de que estas questões sejam pautadas na sociedade, a fim de transformar as relações de gêneros na transição das gerações. Connell e Messerschmidt (2013, p.245) acreditam que:

“Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero”.

E quando se pensa na importância de se pesquisar sobre o mundo do trabalho no contexto de jovens acolhidos, haja visto que o trabalho é elemento fundamental na formação do sujeito e na construção do seu projeto de vida e, nesse sentido, eixo na aplicação da medida protetiva, qual o cenário que se apresenta na literatura brasileira científica?

Capítulo 1.3: Acolhimento institucional, trabalho e masculinidades

A proteção da criança e do adolescente e seu reconhecimento como sujeito de direitos teve como marco tanto a Constituição Federal de 1988, em especial o seu artigo 227, que estabelece como dever da família, da sociedade e do Estado a garantia de direitos fundamentais às crianças e aos adolescentes (Brasil, 1988), quanto a promulgação do ECA, que retoma em seu artigo 4º o texto constitucional (Brasil, 1990).

No decorrer da história, prevaleceu a tradição de atendimento institucional às crianças e aos adolescentes (Rizzini e Rizzini, 2004; Rossetti-Ferreira *et al.*, 2011). As primeiras formas de assistência à criança foram caracterizadas pela caridade e filantropia, ainda no Brasil Colônia, promovidas pelas Santas Casas de Misericórdia e pela Roda e Casa dos Expostos. Após a Independência do Brasil e nas primeiras décadas do Brasil República, o caráter religioso dá lugar à concepção higienista e saneadora da sociedade, que levavam os “menores” – termo designado à infância carente e delinquente - à internação em orfanatos e em outras instituições e à concepção judicializada, com a criação do primeiro Juízo de Menores do Brasil e aprovação do Código de Menores Melo Matos em 1927. Durante o governo Getúlio Vargas, a assistência foi centralizada com a criação do Serviço de Assistência ao Menor - SAM, reformulado no período da ditadura militar com a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM, quando entrou em vigor, em 1979, o novo Código de Menores (Rizzini e Rizzini, 2004, Rossetti-Ferreira *et al.*, 2011).

Na revisão dos paradigmas assistenciais, a legislação brasileira passou a reconhecer o contexto familiar e comunitário como indissociáveis à doutrina dos direitos das crianças e adolescentes (MDS, 2006). A fim de se criar condições para garantir o direito à convivência familiar e comunitária e orientado à qualificação dos serviços de acolhimento, elaborou-se o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), em 2006 (MDS, 2006).

As diretrizes contidas neste plano desdobraram-se em diversas mudanças institucionais, inclusive com alterações no ECA. A Lei nº 12.010/2009 introduziu modificações nas práticas do abrigamento e dos serviços de acolhimento institucional, estabelecendo, por exemplo, que a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um Plano Individual de Atendimento (PIA) para toda criança e adolescente acolhida, que norteará as ações dos serviços visando à reintegração familiar, conforme parágrafo 4º do artigo 101 (Brasil, 2009).

Ainda em 2009, o Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (CONANDA) e o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) publicaram o documento intitulado “Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes” que reúne princípios, orientações metodológicas e parâmetros de funcionamento para diversas modalidades de acolhimento: abrigo institucional, casa lar, família acolhedora e república. (MDS, 2009). De acordo com este documento, o acolhimento na modalidade abrigo institucional deve se assemelhar a uma casa, estar inserido no território e ofertar atendimento individualizado para pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário (MDS, 2009).

A expressão acolhimento institucional é adotada pela Lei nº 12.010 de 2009 (Brasil, 2009), que alterou o ECA e pelas Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de 2019 (MDS, 2009), “marcando a diferença entre as práticas e a cultura de institucionalização predominantes no passado” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2011, p. 41).

O acolhimento é uma medida protetiva, de caráter provisória e excepcional, prevista no artigo 101 do ECA - Lei nº 8.069/1990 (Brasil, 1990), direcionada às crianças e aos adolescentes que experienciam alguma violação de direitos, tanto por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, como também, por parte dos pais ou responsáveis. É considerada excepcional, por ser aplicada após o esgotamento das outras medidas protetivas previstas no mesmo artigo, e provisória pela previsibilidade que não se estenda por mais de 180 dias, de acordo com a Lei nº 13.509/17 (Brasil, 2017c). Para Rossetti-Ferreira *et al.* (2011, p. 31):

“Apesar de ter sido criado para proteger as crianças e adolescentes apenas provisoriamente, o abrigo deve fornecer a garantia de bem-estar e a possibilidade de construção de novos vínculos e de desenvolvimento de projetos de vida, independentemente do tempo de acolhimento”.

Segundo dados mais recentes do Censo do Sistema Único de Assistência Social, em 2022, havia no Brasil, aproximadamente 7.000 unidades de acolhimento nas esferas municipais e estaduais, dentre as quais estão incluídas as de crianças e adolescentes, sendo que 5% destas estão no município de São Paulo (SNAS/SAGI, 2022). De acordo com as estatísticas do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), atualmente há aproximados 32.000 crianças e adolescentes em acolhimento institucional no Brasil. Desse número, aproximadamente 30% são jovens de 14 a 18 anos incompletos e 49% do gênero masculino (CNJ, 2023).

Apesar dos avanços nas legislações e nas políticas públicas, ainda são insuficientes os estudos sobre o impacto do acolhimento na vida de crianças e adolescentes, especificamente durante a adolescência (Fonseca, 2017). Contudo, a imagem social do acolhido parece continuar, ao longo da história, atrelada às características negativas (Went e Dullius, 2017). Em estudo realizado com objetivo de investigar as imagens sociais associadas aos jovens acolhidos, Went e Dullius (2017) concluem que os estigmas construídos sobre a cultura da institucionalização se mantêm enraizados no imaginário social, ainda que novas práticas de cuidados tenham sido consolidadas a partir do ECA, a exemplo de considerarem os jovens acolhidos menos batalhadores.

Com o objetivo de analisar a vida de adolescentes que vivem em serviços de acolhimento, Fonseca (2017) entrevistou 11 adolescentes do sexo masculino acolhidos na cidade de João Pessoa/PB, apontando as perspectivas futuras desses sujeitos. Os resultados mostraram que os participantes se preocupam com o futuro, sendo o desejo de realização profissional uma das expressões, a partir da escolha profissional como forma de obter sucesso na vida e da expectativa de sustento por meio do emprego.

Em relação à juventude, o trabalho é elemento fundamental na formação do sujeito e na construção do seu projeto de vida. Segundo o PNCFC (MDS, 2006, p. 29):

“(…) juntamente com a temática da sexualidade, à medida que avança a adolescência, aumentam as preocupações do jovem com sua inserção no mundo do trabalho e a entrada na vida adulta. A partir de um processo permeado pelo autoconhecimento, construção da identidade e desenvolvimento da autonomia, de modo crescente o adolescente fará escolhas e se responsabilizará pelas mesmas, adquirirá maturidade e, enfim, tornar-se-á adulto”.

No que diz respeito aos jovens e a relação com o trabalho, o documento “Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes” (MDS, 2009) prevê que:

“(…) a preparação para o desligamento deve incluir o acesso a programas de qualificação profissional e inserção no mundo do trabalho, como aprendiz ou trabalhador – observadas as devidas limitações e determinações da Lei nesse sentido, visando sua preparação para uma vida autônoma”.

Atualmente, o sistema legal vigente relativo ao direito à profissionalização de jovens é contemplado pela Lei da Aprendizagem – Lei nº 10.097/2000, conhecida como Programa Jovem Aprendiz, que prevê a priorização do aspecto pedagógico do trabalho

em detrimento do produtivo e que as tarefas sejam compatíveis com o desenvolvimento físico e psicológico do adolescente (Brasil, 2000).

O serviço de acolhimento institucional deve, portanto, incluir o acesso a programas de qualificação profissional e inserção no mundo do trabalho, contudo, “não há um planejamento sistematizado da política de acolhimento voltado à inserção dos jovens que atendam o critério de formação profissional, havendo ações pontuais e descontínuas” (Leal e Alberto, 2021, p. 12).

Em recente mapeamento da produção científica nacional e internacional a respeito de programas de intervenção que facilitam a transição de jovens entre o acolhimento institucional e a vida adulta, Cassarino-Perez *et al.* (2018) identificaram que os objetivos destes programas eram centrados nos temas da educação, preparação para o mercado de trabalho e treinamento de atividades de vida diária e prática, muito embora na amostra dos pesquisadores não incluísse experiências no Brasil, prevalecendo os estudos norte-americanos.

Leal e Alberto (2021) pesquisaram, por meio à consulta de prontuários, o que tem sido ofertado em termos de formação profissional a jovens que vivem em sete instituições de acolhimento institucional em um município do estado da Paraíba (e a egressos destes serviços) e constataram que as ofertas não estão em consonância com a priorização do aspecto pedagógico do trabalho. Contudo, ressalvadas as formações que ocorrem em sujeição aos interesses capitalistas, Leal e Alberto (2021) apontam tendência de pesquisas em identificar aspectos positivos na participação de jovens em programas de formação profissional, favorecendo a construção de projeto de vida, na socialização e no conhecimento sobre o mundo do trabalho.

Ainda que limitada a participação dos jovens acolhidos em programas de qualificação profissional, de inserção no mundo do trabalho e de espaços de escuta que favoreçam a reflexão crítica sobre o trabalho em suas vidas, parece ser consenso, nos documentos e nas pesquisas citadas, a sua importância.

Da mesma forma que os estudos sobre trabalho e acolhimento institucional são escassos na literatura brasileira, pesquisas nacionais sobre acolhimento institucional e masculinidades parecem não existir. Oliveira *et al.* (2020, p.54) mapearam artigos em base de dados científicas sobre o tema da diversidade sexual e de gênero e adolescentes em instituições de acolhimento institucional, utilizando-se de variada combinação de descritores que incluíam gênero, adolescentes e acolhimento/abrigo, mas não encontraram resultados que estivessem dentro dos critérios metodológicos. Para os

autores, o silenciamento sobre essas questões se tornam mais agudos quando se dão em espaços institucionais, reconhecendo que essas temáticas “assumem ausências ainda mais expressivas, sobretudo quando se faz um recorte pensando em adolescentes em situação de acolhimento institucional”.

A questão da diversidade sexual e de gênero no serviço de acolhimento institucional é também negligenciada no que se refere à participação de homens na atuação de cuidadores/educadores (Bueno *et al.*, 2018). Para os autores, uma possível explicação pela presença majoritária de mulheres na função está associada ao processo de feminilização do cuidar e do educar, práticas encaradas como naturais às mulheres. Contudo, Bueno *et al.* (2018, pág. 119) destacam que “é importante que a criança possa experimentar relações com diferentes papéis sociais de gênero” e afirmam a importância de uma maior inserção dos homens em serviços de acolhimento institucional, reforçando as peculiaridades sobre a figura masculina e ressaltando que os homens são aptos às práticas que envolvem cuidado, proteção e afeto.

Nesse sentido, essa pesquisa tem a pretensão de discutir sobre o trabalho de jovens de camadas populares, que experienciam o acolhimento institucional em suas vidas, na perspectiva, aparentemente inédita na literatura brasileira, dos estudos de gênero, mais precisamente sobre as masculinidades, com o objetivo de identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos.

2 - OBJETIVOS

2.1 - OBJETIVO GERAL

Identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos.

2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e analisar as concepções sobre trabalho para grupos de homens jovens acolhidos;
- Identificar e analisar as concepções sobre o que é ser homem e qual a relação com o trabalho para grupos de homens jovens acolhidos;
- Compreender como a vida em acolhimento institucional perpassa a experiência de ser homem e do trabalho para grupos de homens jovens acolhidos;

3 - METÓDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, para Minayo *et al.* (2007), captura a realidade social, passando pela subjetividade que a constitui, se aprofundando no mundo dos significados, na tentativa de compreendê-la e interpretá-la. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas na modalidade de Grupo Focal, que vêm sendo frequentemente utilizada em abordagens qualitativas na pesquisa social (Gondim, 2003; Gatti, 2005). Para Gatti (2005), o grupo focal tem como objetivo coletar informações sobre um tema específico, a partir do diálogo e do debate entre os participantes do grupo. Segundo Gondim (2003), os produtos resultantes das interações grupais, a partir do uso da técnica de grupos focais, são dados que podem ser utilizados para aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto.

Para a formação dos grupos focais, foram adotados os seguintes critérios: ser jovem que se identifica com o gênero masculino, independente da orientação sexual e da identidade de gênero, de 15 a 18 anos incompletos, trabalhadores ou não, que vivem nos serviços de acolhimento institucional com experiência de vida em acolhimento institucional por no mínimo seis meses e aceitar o convite de participação.

A faixa etária foi escolhida por enquadrar a categoria de jovens, de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Além disso, a faixa etária compreende os sujeitos com direito à profissionalização e à proteção no trabalho, inclusive na condição de aprendiz, amparados pelo ECA (Brasil, 1990). A faixa etária se limita aos 18 anos incompletos, considerando a idade limite de aplicabilidade da medida protetiva de acolhimento institucional.

Uma vez que a experiência do acolhimento institucional deveria compor a história dos participantes da pesquisa, foi considerado o tempo de acolhimento de seis meses como critério de inclusão, correspondente ao tempo máximo para revisão do PIA, conforme artigo 19, parágrafo 1º da Lei nº 12.010/09 (Brasil, 2009), quando se espera que se atualize o PIA elaborado imediatamente ao acolhimento, incluindo as questões relacionadas à formação e inserção no mundo do trabalho, dentre outras. Compreende-se que o recorte de classe está circunscrito – são jovens de camadas populares, uma vez que a medida protetiva de acolhimento institucional é, majoritariamente na prática, aplicada às crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade econômica e social.

Os locais da pesquisa foram cinco Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICAs) de dois territórios do município de São Paulo/SP. O primeiro território é o 5º maior distrito (dos 96 distritos), com uma população de 290.405 habitantes, sendo 23,6% de jovens homens e o segundo corresponde a um distrito de 104.616 habitantes, sendo 19% de jovens homens, segundo dados do Portal Negócio SP da Prefeitura Municipal de São Paulo. Os serviços foram escolhidos por terem acolhidos dentro do perfil de participantes da pesquisa. Os acolhidos que atenderam ao perfil dos sujeitos de pesquisa foram convidados a participar dos grupos a partir de um contato inicial com o pesquisador, que visitou presencialmente os serviços, estimulando-os e sensibilizando-os à adesão voluntária.

Foram realizados dois grupos focais, no mês de junho de 2023, com sessões de 1h de duração, em média, uma vez que, na avaliação de alguns autores, “com uma ou duas sessões se obtêm as informações necessárias à uma boa análise” (Gatti, 2005, p. 28). De outro modo, foi avaliado, em tempo, que as sessões foram suficientes para o alcance dos objetivos. Gondim (2003) e Kind (2004) consideram que o número total de grupo tenha como indicador a saturação das respostas, de modo que o grupo não produza mais novidades. Os grupos aconteceram em serviços de cada território, escolhidos estrategicamente, de modo que favorecesse o deslocamento dos participantes. Os jovens foram identificados pela letra “J”, referindo a Jovem, seguida de um número em ordem crescente, a fim de preservar o anonimato.

O primeiro grupo focal contou com a participação de sete jovens, todos cisgêneros e heterossexuais (tabela 1). O segundo grupo focal contou com a participação de quatro jovens, sendo dois cisgêneros e heterossexuais e dois transgêneros bissexuais (tabela 2). O número de participantes considerou a literatura científica acerca da composição de grupo focal. Kind (2004) observa que não há consenso entre os pesquisadores sobre o número de participantes de um grupo focal, apontando cautela, por parte de alguns autores, em um número elevado. Ao mesmo tempo, para Gondim (2003), parece convencionar que esse número varie de quatro a dez pessoas.

Os jovens foram heteroidentificados como jovens pardos, com exceção de único participante do segundo grupo, heteroidentificado como jovem branco. A média de idade dos dois grupos é de 16 anos. Todos os jovens estavam estudando sendo que três (dois do primeiro grupo e um do segundo grupo) ainda não haviam ingressado no Ensino Médio. Em média, os jovens do primeiro grupo focal estavam acolhidos há dois anos e nove meses, enquanto os do segundo grupo há cinco anos e um mês. Em cada grupo, apenas

um jovem estava trabalhando no momento das entrevistas, embora os outros jovens do primeiro grupo tenham declarado ter alguma experiência com o trabalho, antes do acolhimento institucional, como auxiliar de pedreiro, ajudante de lava rápido, atendente de lanchonete, entregador e, durante o acolhimento, como monitor de *buffet*. No segundo grupo, apenas um dos jovens trans relatou experiência como operador de *telemarketing*, durante o acolhimento institucional.

Tabela 1

Caracterização dos jovens do Grupo Focal 1 (GF1)

Nome	Idade	Raça/Cor	Identidade Gênero	Orientação sexual	Tempo acolhimento	Ocupação	Ano escolar
J1	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	7 meses	Só estuda	9° EF
J2	17	Parda	Cisgênero	Heterossexual	9 meses	Só estuda	1° EM
J3	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	60 meses	Só estuda	1° EM
J4	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	6 meses	Só estuda	8° EF
J5	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	54 meses	Só estuda	1° EM
J6	17	Parda	Cisgênero	Heterossexual	12 meses	Estuda e trabalha	3° EM
J7	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	84 meses	Só estuda	1° EM

Fonte: Dados da entrevista

Tabela 2

Caracterização dos jovens do Grupo Focal 2 (GF2)

Nome	Idade	Raça/Cor	Identidade Gênero	Orientação sexual	Tempo acolhimento	Ocupação	Ano escolar
J8	16	Branca	Transgênero	Bissexual	84 meses	Só estuda	1° EM
J9	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	84 meses	Só estuda	9° ano
J10	17	Parda	Transgênero	Bissexual	60 meses	Só estuda	3° EM
J11	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	18 meses	Estuda e trabalha	2° EM

Fonte: Dados da entrevista

As entrevistas compreenderam perguntas com roteiro prévio – temário, ligadas aos objetivos da pesquisa, permitindo que algumas questões fossem explicitadas e, até mesmo, reformuladas durante o processo. Os grupos foram conduzidos pelo pesquisador

que assumiu a função de moderador e contou com a participação de um Psicólogo observador, trabalhador de um dos SAICAs participantes, que se restringiu aos registros de comunicações não verbais, que não foram considerados significativos para a fase de análise. Para a condução dos grupos focais, foram observadas etapas previstas para a formação de grupo, apontadas na literatura (Gondim, 2003; Kind, 2004; Gatti, 2005): estabelecimento de *rappor inicial*, momento em que os participantes foram recebidos e apresentados ao objetivo e às regras do grupo; a iniciação do grupo com a apresentação dos participantes; o debate propriamente, em que os participantes foram estimulados à participação, e o encerramento do grupo, com uma síntese do conteúdo discutido e com esclarecimento de dúvidas. Para que os participantes se aquecessem ao debate, foram exibidas fotografias, conforme quadro abaixo, de homens trabalhadores, extraídas de duas matérias jornalísticas¹.



¹ Disponíveis em: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2020/07/com- apenas-16-anos-adolescente-fotografa-trabalhadores-durante-quarentena.html> e <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/concursos-e-emprego/noticia/2017/01/homens-invadem-profissoes-que-antes-eram-consideradas-femininas.html>

As sessões foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Os dados coletados foram submetidos à análise temática, sob a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2011), compreendendo a exploração do material, a partir da leitura laboriosa das entrevistas e a construção de categorias e subcategorias que subsidiaram a inferência e interpretação dos resultados.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul de acordo com o parecer nº 6.060.638. Os participantes e os gerentes dos SAICAs, responsáveis legais pelos acolhidos, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respectivamente, em conformidade com a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

ARTIGO: Trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para grupos de homens jovens acolhidos²

Resumo

Ainda hoje, o trabalho mantém o seu estatuto de centralidade na formação da sociedade e na constituição dos sujeitos. Contudo, nas últimas décadas, há uma desqualificação dos trabalhadores com a precarização das condições de trabalho, intensificada pelo contexto pandêmico, afetando sobretudo os jovens. O trabalho ainda vem sendo tomado como atributo importante da identidade masculina e, como atividade humana, se torna também eixo na aplicação da medida protetiva de acolhimento institucional. Assim, na perspectiva da Psicologia Social e, pautado na abordagem da pesquisa qualitativa, esse estudo tem como objetivo identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos. Para desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas na modalidade grupo focal, com 11 homens jovens acolhidos em serviços de dois grandes territórios do município de São Paulo. As entrevistas foram analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo. Os resultados mostram as concepções do trabalho associadas à ideia de responsabilidade, depositada sobretudo aos homens; permeadas por elementos que marcam o contexto de precarização do trabalho: gestão da própria sobrevivência, meritocracia, informalidade, exposição ao risco, empregos subalternos, em contraponto às expectativas dos jovens quanto ao trabalho formal, protegido e que possibilite mobilidade social. Além disso, o discurso aponta para o trabalho como elemento performático da masculinidade, associado às ideias da divisão sexual do trabalho e denuncia como os corpos dos homens encontram-se emaranhados à lógica produtiva do capitalismo. Já as concepções sobre ser homem correspondem à representação da masculinidade hegemônica, na qual se valorizam atributos como força, agressividade, autoridade e apagamento de quaisquer sinais de feminilidade, indicando uma indissociabilidade entre ser homem e ser trabalhador. Os resultados mostram, ainda, as ambivalências da vida em acolhimento perpassando as experiências do trabalho que, por vezes, possibilita ao jovem a garantia de direito à profissionalização, mas que também gera angústias e incertezas quanto ao futuro profissional; e as experiências de ser homem, dando-lhes a oportunidade de revisar a vida, de voltar a viver com a responsabilidade proporcional, ao mesmo tempo em que vivem os estigmas sociais da vida institucionalizada e atualizam a bruta realidade que vivem, marcada pela pobreza e pela necessidade de “se virar”. Por fim, a pesquisa possibilitou também explorar como corpos trans atravessam a experiência de ser homem e da vida em acolhimento institucional. Os resultados apontam para a necessidade de construção e fortalecimento de programas e políticas públicas que considerem as singularidades dos jovens institucionalizados quanto ao futuro profissional e que rompam com os discursos da meritocracia, considerando os desafios e condições materiais que esses jovens encontram para exercício da sua cidadania.

Palavras-chave: trabalho, masculinidades, abrigo, jovens

² Artigo submetido à Revista Temas em Psicologia (Qualis A2).

Work, masculinities and life in institutional shelter for groups of young men sheltered

Abstract

Even today, work maintains its central status in the formation of society and the constitution of subjects. However, in recent decades, there has been a deskilling of workers with precarious working conditions, intensified by the pandemic context, particularly affecting young people. Work is still being seen as an important attribute of male identity and, as a human activity, it also becomes an axis in the application of the protective measure of institutional care. Thus, from the perspective of Social Psychology and, based on the qualitative research approach, this study aims to identify and analyze the conceptions about work and masculinities and the relationships between work, masculinities and life in institutional care for young men in care. To develop the research, focus group interviews were carried out with 11 young men hosted in services in two large territories in the city of São Paulo. The interviews were analyzed from the perspective of Content Analysis. The results show the conceptions of work associated with the idea of responsibility, placed mainly on men; permeated by elements that mark the context of precarious work: management of one's own survival, meritocracy, informality, exposure to risk, menial jobs, in contrast to young people's expectations regarding formal, protected work that enables social mobility. . Furthermore, the speech points to work as a performative element of masculinity, associated with the ideas of the sexual division of labor and denounces how men's bodies are entangled with the productive logic of capitalism. The conceptions about being a man correspond to the representation of hegemonic masculinity, in which attributes such as strength, aggressiveness, authority and the erasure of any signs of femininity are valued, indicating an inseparability between being a man and being a worker. The results also show the ambivalences of life in foster care that permeate work experiences that, at times, allow young people to guarantee their right to professionalization, but which also generate anguish and uncertainty regarding their professional future; and the experiences of being a man, giving them the opportunity to review their lives, to return to living with proportional responsibility, at the same time that they live the social stigmas of institutionalized life and update the brutal reality they live, marked by poverty and due to the need to “get by”. Finally, the research also made it possible to explore how trans bodies go through the experience of being a man and life in institutional care. The results point to the need to build and strengthen programs and public policies that consider the singularities of institutionalized young people regarding their professional future and that break with the discourses of meritocracy, considering the challenges and material conditions that these young people encounter in exercising their citizenship.

Keywords: work, masculinities, shelter, youth

Trabajo, masculinidades y vida en albergue institucional para grupos de jóvenes albergados

Resumen

Aún hoy el trabajo mantiene su estatus central en la formación de la sociedad y la constitución de los sujetos. Sin embargo, en las últimas décadas se ha producido una descalificación de trabajadores con condiciones laborales precarias, intensificada por el contexto de pandemia, afectando particularmente a los jóvenes. El

trabajo sigue siendo visto como un atributo importante de la identidad masculina y, como actividad humana, también se convierte en un eje en la aplicación de la medida protectora del cuidado institucional. Así, desde la perspectiva de la Psicología Social y, a partir del enfoque de investigación cualitativa, este estudio tiene como objetivo identificar y analizar las concepciones sobre el trabajo y las masculinidades y las relaciones entre trabajo, masculinidades y vida en el cuidado institucional de hombres jóvenes en cuidado. Para desarrollar la investigación, se realizaron entrevistas de grupos focales con 11 jóvenes acogidos en servicios en dos grandes territorios de la ciudad de São Paulo. Las entrevistas fueron analizadas desde la perspectiva del Análisis de Contenido. Los resultados muestran las concepciones sobre el Trabajo

asociadas a la idea de responsabilidad, depositada principalmente en los hombres; permeado por elementos que marcan el contexto del trabajo precario: gestión de la propia supervivencia, meritocracia, informalidad, exposición al riesgo, trabajos de baja categoría, en contraste con las expectativas de los jóvenes respecto del trabajo formal, protegido y que posibilite la movilidad social. Además, el discurso apunta al trabajo como elemento performativo de la masculinidad, asociado a las ideas de la división sexual del trabajo y denuncia cómo los cuerpos de los hombres se entrelazan con la lógica productiva del capitalismo. Las concepciones sobre ser hombre corresponden a la representación de la masculinidad hegemónica, en la que se valoran atributos como la fuerza, la agresividad, la autoridad y la eliminación de cualquier signo de femineidad, indicando una inseparabilidad entre ser hombre y ser trabajador. Los resultados también muestran las ambivalencias de la vida en acogimiento familiar que permean experiencias laborales que, a veces, permiten a los jóvenes garantizar su derecho a la profesionalización, pero que también generan angustia e incertidumbre sobre su futuro profesional; y las experiencias de ser hombre, brindándoles la oportunidad de revisar sus vidas, de volver a vivir con responsabilidad proporcional, al mismo tiempo que viven los estigmas sociales de la vida institucionalizada y actualizan la brutal realidad que viven, marcada por la pobreza y por la necesidad de “arreglárselas”. Finalmente, la investigación también permitió explorar cómo los cuerpos trans atraviesan la experiencia de ser hombre y la vida en cuidado institucional. Los resultados apuntan a la necesidad de construir y fortalecer programas y políticas públicas que consideren las singularidades de los jóvenes institucionalizados respecto de su futuro profesional y que rompan con los discursos de la meritocracia, considerando los desafíos y condiciones materiales que estos jóvenes encuentran en el ejercicio de su ciudadanía.

Palabras clave: trabajo, masculinidades, abrigo, jóvenes

Trabalho e juventudes

Ainda hoje, o trabalho mantém o seu estatuto de centralidade na formação da sociedade e na constituição do sujeito e, por conseguinte, a classe trabalhadora se mantém relevante, a despeito das teses que defendem a sua extinção (Antunes, 2015). Antunes (2015) destaca ainda o caráter ontológico do trabalho, compreendendo-o como elementar na constituição do ser social, na troca entre os humanos e a natureza e prioritário em relação às outras formas de atividade humana.

Antunes (2015) também considera que o trabalho se apresenta com uma “nova morfologia”, caracterizada pela subproletarização e sua precarização estrutural, esta última cada vez mais crescente. Ainda que o número do operariado tradicional tenha diminuído, em contrapartida, aumentou o número de trabalhadores assalariados no setor de serviços, especialmente de mulheres, ao passo que diminuiu o de

jovens e velhos (Antunes, 2015; Pochmann, 2020). Embora o mundo de trabalho tenha se tornado mais heterogêneo com a participação feminina, com isso, assistiu-se o aumento do número de trabalhadores parciais, temporários, subcontratados, terceirizados, informais, nomeados como subproletários (Antunes, 2015).

A classe trabalhadora também se complexificou, à medida que abrange aqueles que se beneficiaram dos avanços tecnológicos, como também aqueles que se saíram prejudicados por ele, pois, ao mesmo tempo em que se constata uma maior qualificação do trabalho, maior intelectualização com o avanço tecnológico, há uma desqualificação dos trabalhadores com a precarização do trabalho (Antunes, 2015). Contrariamente ao que se esperava do trabalho com o avanço tecnológico, o que se constata é a tendência à precarização do trabalho, a exemplo do processo de “plataformização” do trabalho, ou de modo mais genérico, a “uberização” do trabalho, intensificada pelo contexto pandêmico (Antunes, 2018; Abílio, 2020; Grohmann, 2021).

Para Grohmann (2021), a novidade no mundo do trabalho, na atualidade, é a plataformização, termo que busca categorizar as relações de trabalho mediadas por plataformas digitais, compreendendo-a como um processo histórico que combina comunicação, tecnologia e ideologia neoliberal, ao controle da classe trabalhadora. A plataformização é um processo heterogêneo, que abarca diferentes perfis de trabalhadores, com marcadores sociais de gênero, raça/cor, dentre outros, e que tem as desigualdades como padrão do trabalho. Segundo o autor, esta é uma tendência mundial na consolidação do processo histórico de flexibilização e precarização do trabalho (Grohmann, 2021), assim como o processo de uberização, que produz o trabalhar sob demanda, permanentemente disponível, que recebe unicamente pelo que produz: o “trabalhador *just in time*” (Abílio, 2020).

De acordo com Abílio (2020), a uberização também é uma tendência mundial, geralmente associada aos trabalhadores de camadas populares, que são responsabilizados pelo engajamento e pela gestão de sua própria sobrevivência: quantas horas trabalharão? Qual será a remuneração? Quais riscos correrão?, assemelhando o processo de trabalho a um jogo, com regras pouco claras (Abílio, 2020). Antunes (2015) considera o exemplo do trabalho por conta própria, o “empreendedorismo”, como uma forma dissimulada de trabalho, uma transformação do conceito de informalidade, que vai ao encontro do discurso econômico liberal e às políticas de desproteção do Estado. Segundo Antunes (2015), as mudanças ocorridas no trabalho, potencializadas pela política neoliberal, são caracterizadas pela tendência da informalidade, da flexibilização e das terceirizações na lógica produtiva, que tem como resultado o aumento do desemprego estrutural.

De outro modo, Abílio (2021) chama a atenção para o risco de essencialização de noções como flexibilização e precarização, questionando o sentido da utilização dessas categorias para se referir ao mercado de trabalho que se estrutura na informalidade, haja vista a Reforma Trabalhista no país (Brasil, 2017a), que alterou mais de 200 pontos da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT. Antecedendo a esta reforma, destacam-se os processos de terceirização e pejetização – empregador de si próprio da década de 1990, dos Micro-Empreendedores Individuais - MEIs dos anos 2000 e a aprovação da Emenda Constitucional nº 95 (Brasil, 2016), que reduziu a capacidade de investimento público em setores fundamentais (Pochmann, 2020).

Ao analisar a Reforma Trabalhista, Pochmann (2020) observa que, apesar do discurso patronal de gerar mais emprego com a flexibilização das leis trabalhistas, o cenário atual não é favorável à geração de novos empregos assalariados e a formalização de contratos de trabalho. Com a reforma trabalhista, o emprego assalariado formal tem sido substituído pelo informal e pelo trabalho por conta própria, à margem dos direitos sociais e trabalhistas (Pochmann, 2020).

Para Pochmann (2020), os jovens foram os mais afetados negativamente pela terciarização do mundo do trabalho, diminuindo a sua posição relativa no total da ocupação de trabalhadores. Outros estudos destacam que os jovens constituem o grupo que mais sofre com os efeitos da exclusão e da desigualdade social (Costa *et al.* 2020), em especial, jovens negros, mulheres, pobres e de baixa escolaridade (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva e Vaz, 2020).

De acordo com o Estatuto da Juventude (EJ), a juventude brasileira corresponde às pessoas com idade entre 15 a 29 anos (Brasil, 2013). Segundo os dados divulgados do censo demográfico, em 2010, os jovens nessa faixa etária correspondiam a mais de 26% da população brasileira, somando mais de 50 milhões de pessoas. Desse contingente, cerca de metade, equivalente a 49,96%, corresponde a homens (IBGE, 2010). Embora representem uma parcela significativa da população e tenham o trabalho e a qualificação profissional como direitos, previstos pelas legislações do Estado brasileiro, o grupo de jovens é o mais atingido pelo desemprego (IBGE, 2022). No Brasil, no 1º trimestre de 2022, as pessoas de 14 a 17 anos, por exemplo, representavam 7% das pessoas em idade para trabalhar, no entanto, a análise de contingente de ocupados naquele período aponta que 1,6% eram de jovens nessa faixa etária (IBGE, 2022).

Embora os jovens entre 15 a 29 anos representem um grupo diverso e, portanto, deve ser compreendido como uma categoria plural – juventudes (Costa *et al.*, 2020), o que se percebe como característica comum é a elevada desocupação em comparação com os não jovens (Almeida Prado *et al.*, 2020, Silva e Vaz, 2020). Ainda que diversos, um grupo de jovens tem ganhado visibilidade nesse contexto de precarização do trabalho – são os nomeados “nem-nem” – os jovens que nem estudam e nem trabalham (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva e Vaz, 2020). Os estudos apontam que esses jovens são, em grande maioria, de camadas populares e identificados pelos marcadores sociais de raça, gênero, além da renda: ser negro, mulher, baixa escolaridade e pobre aumentam a chance do jovem se tornar nem-nem. (Almeida Prado *et al.*, 2020; Silva & Vaz, 2020).

Se o Brasil já contava com um considerado número de jovens que nem estudam e nem trabalham, o contexto pandêmico agravou esse cenário (Silva e Vaz, 2020). Para Silva e Vaz (2020), a crise sanitária contribuiu para o aumento da inatividade e desesperança em encontrar um emprego por parte dos jovens. Além disso, a pandemia trouxe prejuízos à escolarização e formação profissional desses jovens, quer seja pela desigualdade da inclusão digital, pela necessidade de dedicação maior aos afazeres domésticos, nesse caso, afetando principalmente as jovens mulheres (Silva e Vaz, 2020).

Considerando que o trabalho ainda é um atributo importante para a construção da identidade masculina, como podemos pensar a construção das masculinidades desses jovens, nesse contexto de precarização do trabalho, em que são os maiores afetados?

Masculinidades, trabalho e juventudes

O conceito de masculinidades tem sua base estrutural nas relações de gênero, o que significa dizer que em diversos grupos culturais são construídas e difundidas ideias sobre o que é ser homem, bem como, expectativas acerca dos papéis sociais associados ao gênero masculino, como a capacidade de prover e a virilidade, além de atributos como força, confiança, controle, domínio, poder, riqueza, determinação, competitividade, agressividade, entre outros (Connell, 1995). Até a década de 1970, o gênero masculino era compreendido na perspectiva da teoria dos papéis, que definia quais as atitudes e expectativas eram depositadas aos homens. Contudo, essa ideia era limitada, não possibilitando compreendê-lo em uma estrutura mais complexa das relações de gênero e das múltiplas formas de masculinidades (Connell, 1995).

Giffin (2005) e Connell e Messerschmidt (2013) apontam que, desde a metade do século XX, já havia literatura científica sobre os homens, no entanto, é na década de 1970 que o estudo sobre masculinidades começa a criar corpo, sobretudo com as teorias feministas e o ativismo gay, movido, sobretudo pela epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS (Giffin, 2005). É somente na década de 1980 que os estudos críticos sobre masculinidades surgem no campo sobre gêneros, com destaque aos realizados por Connell e Kimmel (Giffin, 2005, Angélico e Setton, 2022)

Segundo Connell (1995, p. 188), “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, à medida que falar sobre masculinidades é dizer sobre o que os homens fazem, é compreender que a masculinidade tem a ver com relações sociais de poder e com os corpos dos homens, envolvidos em uma estrutura complexa de entendimento sobre gêneros, que vai além dicotomia binária (Connell, 1995). A masculinidade, nessa perspectiva, deve ser compreendida em sua pluralidade, nas diversas possibilidades de experienciar o “ser homem” e, portanto, a palavra deve ser empregada no plural: masculinidades, não sendo possível o uso de “homens” como uma categoria homogênea de análise (Connell, 1995).

Embora existam diversas possibilidades de experienciar as masculinidades, Connell e Messerschmidt (2013) propõe o conceito de masculinidade hegemônica, que corresponde à existência de um modelo de masculinidade mais valorizado socialmente, capaz de estruturar e hierarquizar as relações de poder, envolvendo tanto a dominação dos homens sobre as mulheres como a de alguns homens sobre outros homens. Para Connell e Messerschmidt (2013, p. 258), o conceito de masculinidades hegemônicas se afasta do essencialismo, da concepção que naturaliza os corpos de homens e mulheres, como também da ideia de que exista uma representação universal do homem sendo “formulado dentro de uma compreensão multidimensional do gênero”, relacionado com outros marcadores sociais, como classe, raça/cor, geração, dentre outros.

As masculinidades hegemônicas não são só diferentes entre si, elas também estão sujeitas à transformação ao longo da história (Connell, 1995), o que significa dizer que novas formas de masculinidades hegemônicas podem ser criadas de acordo com a mudança histórica. De igual modo, é necessário considerar que diferentes masculinidades são produzidas em disputa com as hegemônicas, criando uma hierarquia entre as diversas possibilidades de experienciar o ser homem (Connell, 1995). A masculinidade como uma construção em torno do poder inclui relações entre homens de dominação, marginalização e cumplicidade (Connell, 1995), posicionando o hegemônico em oposição ao subalterno,

desvalorizando outras formas de masculinidades (Kimmel, 1998), a exemplo da marginalização dos homens negros, transgêneros, gays e pobres *versus* os homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e ricos.

A masculinidade hegemônica diz respeito também aos corpos dos homens. Connell e Messerschmidt (2013) reconhecem a importância do corpo masculino como indicador de masculinidade, caracterizada, por exemplo, pelo compromisso com práticas de riscos para a confirmação da reputação masculina em um contexto grupal. Dizer que as masculinidades são corporificadas significa dizer que o “ser homem” é atestado a partir do corpo, de posturas físicas, de movimentos, de compleições (Connell, 1995).

Sobre a construção do gênero masculino no âmbito do trabalho, Giffin (2005) ao resgatar as personalidades que contribuíram, historicamente, nos estudos de gênero, menciona as análises do educador canadense Michael Kaufann e do sociólogo inglês Victor Seidler sobre os homens na relação com a produção, em que são pressionados à supressão de seus afetos, a partir da sua identificação com a razão, na tentativa de se tornar competitivo na lógica do mercado, trazendo consequências negativas, à medida que repercute na limitação dos afetos, na desvalorização das relações interpessoais e na organização da vida concreta para atender a prioritária necessidade de produção. Embora esses estudos tenham se dado há três décadas, a ideia de indissociabilidade da categoria de gênero a de classe, do entendimento sobre trabalho e produção e suas implicações parece se manter, tal como sinaliza o estudo mais recente de Palermo (2018). O antropólogo argentino Hernán Palermo (2018, p. 157) considera que seja imprescindível pensar nas categorias gênero e trabalho para “entender como se organizam as disputas e relações de poder na sociedade ocidental e capitalista e, em particular, nos âmbitos laborais”.

Alguns pesquisadores têm se dedicado a investigar sobre como os jovens performam as masculinidades (Oliveira e Santos, 2019; Silva e Angerami, 2019; Angerami e Silva, 2018), mas se os estudos já acenam para a limitação de publicações sobre pesquisas que relacionam as masculinidades com o trabalho de modo geral, a tentativa de particularizá-lo ao universo do trabalho juvenil parece afastar ainda mais a perspectiva da existência de estudos.

Ainda que, segundo Oliveira e Santos (2019), pesquisas acenam uma certa tendência à problematização dos temas de masculinidades e juventudes, a intersecção com o trabalho não parece ser ênfase nos estudos brasileiros. Embora os estudos que interseccionem os temas – trabalho, masculinidades e juventudes sejam incipientes, Angerami e Silva (2018) alertam para o interesse dos jovens, na contemporaneidade, no debate sobre as masculinidades para a importância de que estas questões sejam pautadas, a fim de transformar as relações de gêneros na transição das gerações.

E quando se pensa na importância de se pesquisar sobre o mundo do trabalho no contexto de jovens acolhidos, haja visto que o trabalho é elemento fundamental na formação do sujeito e na construção do seu projeto de vida e, nesse sentido, eixo na aplicação da medida protetiva, qual o cenário que se apresenta na literatura brasileira científica?

Acolhimento institucional, trabalho e masculinidades

O acolhimento é uma medida protetiva, de caráter provisória e excepcional, prevista no artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8.069/1990 (Brasil, 1990), direcionada às crianças e aos adolescentes que experienciam alguma violação de direitos, tanto por ação ou omissão da sociedade

ou do Estado, como também, por parte dos pais ou responsáveis. É considerada excepcional, por ser aplicada após o esgotamento das outras medidas protetivas previstas no mesmo artigo, e provisória pela previsibilidade que não se estenda por mais de 180 dias, de acordo com a Lei 13.509/17 (Brasil, 2017c).

Segundo dados mais recentes do Censo do Sistema Único de Assistência Social, em 2022, havia no Brasil aproximadamente 7.000 unidades de acolhimento, nas esferas municipais e estaduais, dentre as quais estão incluídas as de crianças e adolescentes, sendo que 5% estão no município de São Paulo (SNAS/SAGI, 2022). De acordo com as estatísticas do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, atualmente, há cerca de 32.000 crianças e adolescentes em acolhimento institucional, no Brasil. Desse número, aproximadamente 30% são jovens de 14 a 18 anos incompletos e 49% do gênero masculino (CNJ, 2023).

A expressão acolhimento institucional é adotada pela Lei nº 12.010 de 2009 (Brasil, 2009), que alterou o ECA e pelas Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de 2019 (MDS, 2009), “marcando a diferença entre as práticas e a cultura de institucionalização predominantes no passado” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2011, p. 41). A proteção da criança e do adolescente e seu reconhecimento como sujeito de direitos teve como marco, tanto a Constituição Federal de 1988, em especial o seu artigo 227, que estabelece como dever da família, da sociedade e do Estado a garantia de direitos fundamentais às crianças e aos adolescentes (Brasil, 1988), quanto a promulgação do ECA, que retoma em seu artigo 4º o texto constitucional (Brasil, 1990).

No que diz respeito aos adolescentes e a relação com o trabalho, o documento “Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes” prevê a preparação e a inserção dos jovens no mundo do trabalho (MDS, 2009). O trabalho é considerado elemento fundamental na formação do sujeito e na construção do seu projeto de vida, também segundo o Plano Nacional de Convivência Familiar – PNCF (MDS, 2006). Atualmente, o sistema legal vigente relativo ao direito à profissionalização de jovens é contemplado pela Lei da Aprendizagem – Lei nº 10.097/2000, conhecido como Programa Jovem Aprendiz, que prevê a priorização do aspecto pedagógico do trabalho em detrimento do produtivo e que as tarefas sejam compatíveis com o desenvolvimento físico e psicológico do adolescente (Brasil, 2000).

O serviço de acolhimento institucional deve, portanto, incluir o acesso a programas de qualificação profissional e inserção no mundo do trabalho, contudo, “não há um planejamento sistematizado da política de acolhimento voltado à inserção dos jovens que atendam o critério de formação profissional, havendo ações pontuais e descontínuas” (Leal e Alberto, 2021, p. 12). Ainda que limitada a participação dos adolescentes acolhidos em programas de qualificação profissional, de inserção no mundo do trabalho e de espaços de escuta que favoreçam a reflexão crítica sobre o trabalho em suas vidas, parece ser consenso, nos documentos e pesquisa citados, a sua importância.

Da mesma forma que os estudos sobre trabalho e acolhimento institucional são escassos na literatura brasileira, pesquisas nacionais sobre acolhimento institucional na perspectiva de gênero parecem não existir. Oliveira *et al.* (2020, p.54) mapearam artigos em base de dados científicas sobre o tema da diversidade sexual e de gênero e adolescentes em instituições de acolhimento institucional, utilizando-se de variada combinação de descritores que incluíam gênero, adolescentes e acolhimento/abrigo, mas não encontraram resultados que estivessem dentro dos critérios metodológicos. Para os autores, o silenciamento sobre essas questões se tornam mais agudos quando se dão em espaços institucionais, reconhecendo que

essas temáticas “assumem ausências ainda mais expressivas, sobretudo quando se faz um recorte pensando em adolescentes em situação de acolhimento institucional”.

Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e as relações entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, para Minayo *et al.* (2007) captura a realidade social, passando pela subjetividade que a constitui, se aprofundando no mundo dos significados, na tentativa de compreendê-la e interpretá-la. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas na modalidade de Grupo Focal, que vêm sendo frequentemente utilizada em abordagens qualitativas na pesquisa social (Gondim, 2003; Gatti, 2005). Para Gatti (2005), o grupo focal tem como objetivo coletar informações sobre um tema específico, a partir do diálogo e do debate entre os participantes do grupo. Segundo Gondim (2003), os produtos resultantes das interações grupais, a partir do uso da técnica de grupos focais, são dados que podem ser utilizados para aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto.

Para a formação dos grupos focais, foram adotados os seguintes critérios: ser jovem que se identifica com o gênero masculino, independente da orientação sexual e da identidade de gênero, de 15 a 18 anos incompletos, trabalhadores ou não, que vivem nos serviços de acolhimento institucional com experiência de vida em acolhimento institucional por, no mínimo, seis meses e aceitar o convite de participação.

A faixa etária foi escolhida por enquadrar a categoria de jovens, de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Além disso, a faixa etária compreende os sujeitos com direito à profissionalização e à proteção no trabalho, inclusive na condição de aprendiz, amparados pelo ECA (Brasil, 1990). A faixa etária se limita aos 18 anos incompletos, considerando a idade limite de aplicabilidade da medida protetiva de acolhimento institucional.

Uma vez que a experiência do acolhimento institucional deveria compor a história dos participantes da pesquisa, foi considerado o tempo de acolhimento de seis meses como critério de inclusão, correspondente ao tempo máximo para revisão do Plano de Atendimento Individual (PIA), conforme artigo 19, parágrafo 1º da Lei 12.010/09 (Brasil, 2009), quando se espera que se atualize o PIA elaborado imediatamente ao acolhimento, incluindo as questões relacionadas à formação e inserção no mundo do trabalho, dentre outras. Compreende-se que o recorte de classe está circunscrito aos jovens de camadas populares, uma vez que a medida protetiva de acolhimento institucional é, majoritariamente, aplicada às crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade econômica e social.

Os locais da pesquisa foram cinco Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICAs) de dois territórios do município de São Paulo/SP. O primeiro território é o 5º maior distrito (dos 96 distritos), com uma população de 290.405 habitantes, sendo 23,6% de jovens homens e o segundo corresponde a um distrito de 104.616 habitantes, sendo 19% de jovens homens, segundo dados do Portal Negócio SP da Prefeitura Municipal de São Paulo. Os serviços foram escolhidos por terem acolhidos dentro do perfil de participantes da pesquisa. Os acolhidos que atenderam ao perfil dos sujeitos de pesquisa

foram convidados a participar dos grupos a partir de um contato inicial com o pesquisador, que visitou presencialmente os serviços, estimulando-os e sensibilizando-os à adesão voluntária.

Foram realizados dois grupos focais, no mês de junho de 2023, com sessões de uma hora de duração, em média, uma vez que, na avaliação de alguns autores, “com uma ou duas sessões se obtêm as informações necessárias à uma boa análise” (Gatti, 2005, p. 28). De outro modo, foi avaliado, em tempo, que as sessões foram suficientes para o alcance dos objetivos. Gondim (2003) e Kind (2004) consideram que o número total de grupo tenha como indicador a saturação das respostas, de modo que o grupo não produza mais novidades. Os grupos aconteceram em serviços de cada território, escolhidos estrategicamente, de modo que favorecesse o deslocamento dos participantes. Os jovens foram identificados pela letra “J”, referindo a Jovem, seguida de um número em ordem crescente, a fim de preservar o anonimato.

O primeiro grupo focal contou com a participação de sete jovens, todos cisgêneros e heterossexuais (Tabela 1). O segundo grupo focal contou com a participação de quatro jovens, sendo dois cisgêneros e heterossexuais e dois transgêneros bissexuais (Tabela 2). O número de participantes considerou a literatura científica acerca da composição de grupo focal. Kind (2004) observa que não há consenso entre os pesquisadores sobre o número de participantes de um grupo focal, apontando cautela, por parte de alguns autores, em um número elevado. Ao mesmo tempo, para Gondim (2003), parece convencionar que esse número varie de quatro a dez pessoas.

Os jovens foram heteroidentificados como jovens pardos, com exceção de único participante do segundo grupo, heteroidentificado como jovem branco. A média de idade dos dois grupos é de 16 anos. Todos os jovens estavam estudando sendo que três (dois do primeiro grupo e um do segundo grupo) ainda não haviam ingressado no Ensino Médio. Em média, os jovens do primeiro grupo focal estavam acolhidos há dois anos e nove meses, enquanto os do segundo grupo há cinco anos e um mês. Em cada grupo, apenas um jovem estava trabalhando no momento das entrevistas, embora os outros jovens do primeiro grupo tenham declarado ter alguma experiência com o trabalho, antes do acolhimento institucional, como auxiliar de pedreiro, ajudante de lava rápido, atendente de lanchonete, entregador e, durante o acolhimento, como monitor de *buffet*. No segundo grupo, apenas um dos jovens trans relatou experiência como operador de *telemarketing*, durante o acolhimento institucional.

Tabela 1

Caracterização dos jovens do Grupo Focal 1 (GF1)

Nome	Idade	Raça/Cor	Identidade Gênero	Orientação sexual	Tempo acolhimento	Ocupação	Ano escolar
J1	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	7 meses	Só estuda	9º EF
J2	17	Parda	Cisgênero	Heterossexual	9 meses	Só estuda	1º EM
J3	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	60 meses	Só estuda	1º EM
J4	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	6 meses	Só estuda	8º EF
J5	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	54 meses	Só estuda	1º EM
J6	17	Parda	Cisgênero	Heterossexual	12 meses	Estuda e trabalha	3º EM
J7	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	84 meses	Só estuda	1º EM

Fonte: Dados da entrevista

Tabela 2
Caracterização dos jovens do Grupo Focal 2 (GF2)

Nome	Idade	Raça/Cor	Identidade Gênero	Orientação sexual	Tempo acolhimento	Ocupação	Ano escolar
J8	16	Branca	Transgênero	Bissexual	84 meses	Só estuda	1º EM
J9	15	Parda	Cisgênero	Heterossexual	84 meses	Só estuda	9º ano
J10	17	Parda	Transgênero	Bissexual	60 meses	Só estuda	3º EM
J11	16	Parda	Cisgênero	Heterossexual	18 meses	Estuda e trabalha	2º EM

Fonte: Dados da entrevista

As entrevistas compreenderam perguntas com roteiro prévio – temário, ligadas aos objetivos da pesquisa, permitindo que algumas questões fossem explicitadas e, até mesmo, reformuladas durante o processo. Os grupos foram conduzidos pelo pesquisador principal que assumiu a função de moderador e contou com a participação de um psicólogo observador, que se restringiu aos registros de comunicações não verbais. Para a condução dos grupos focais, foram observadas etapas previstas para a formação de grupo, apontadas na literatura (Gondim, 2003; Kind, 2004; Gatti, 2005): estabelecimento de *rapport* inicial, momento em que os participantes foram recebidos e apresentados ao objetivo e às regras do grupo; a iniciação do grupo com a apresentação dos participantes; o debate propriamente em que os participantes foram estimulados à participação e o encerramento do grupo, com uma síntese do conteúdo discutido e com esclarecimento de dúvidas. Para que os participantes se aquecessem ao debate, foram exibidas fotografias de homens trabalhadores, extraídas de duas matérias jornalísticas. As sessões foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Os dados coletados foram submetidos à análise temática, sob a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2011), compreendendo a exploração do material, a partir da leitura laboriosa das entrevistas e a construção de categorias e subcategorias que subsidiaram a inferência e interpretação dos resultados.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade X (suprimido) de acordo com o parecer nº Y (suprimido). Os participantes e os gerentes dos serviços, responsáveis legais pelos acolhidos, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, respectivamente, em conformidade com a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados e Discussões

Conforme consta na Tabela 3, a partir das entrevistas, foram elencadas três grandes categorias, sendo o trabalho o tema de intersecção entre elas. Para cada categoria, foram construídas subcategorias, intituladas em alusão às falas dos participantes.

Tabela 3
Categorias e subcategorias

Categoria	Subcategorias
Concepções sobre trabalho	Trabalhar é correr atrás, é ser responsável Eu tenho uma visão, uma ótima visão de oportunidades Se eu tiver 1% de chance, 99% vai ser de fé Servente de pedreiro, ajudante de lava-rápido, mas não para o boyzinho É trabalho pra eles, mas pra nós não Dá pra fazer os bicos VR e EPIs garantidos Mil vezes o adulto correr o risco
Masculinidades e trabalho	Sofrer calado e não chorar, mas pode brigar Jogar bola e zoar na rua Qual é o tamanho de sua maturidade? Ser infantil não é ser moleque Tem homem que fica deitado sem fazer porra nenhuma Ser homem é botar comida na mesa, pagar as contas e trabalhar Precisa de um homem em casa Ser homem transgênero é mostrar que não somos aquilo que a sociedade pensa que nós somos Fazer a unha é de mulher, mas pode ser de homem também Agilidade, entendeu?
Acolhimento institucional, trabalho e masculinidades	Aqui não é o orfanato das Chiquititas Quando acontece uma coisa porra louca Minha cabeça está sempre a mil A gente tem que aceitar que é de SAICA Se fizer 17 anos são uns meses para sair do SAICA O jovem homem trans chega com uns passos para trás

Fonte: Dados dos autores

Na primeira categoria – *Concepções sobre trabalho* são apresentadas as concepções sobre trabalho associadas a ideia de responsabilidade, depositada sobretudo aos homens; permeadas por elementos que marcam o contexto de precarização do trabalho, em contraponto às expectativas dos jovens. A segunda categoria – *Masculinidades e trabalho* apontam para as concepções sobre ser homem e o trabalho como elemento performático da masculinidade. Já a terceira categoria – *Acolhimento institucional, trabalho e masculinidades* mostra as ambivalências da vida em acolhimento perpassando as experiências do trabalho e a de ser homem.

Concepções sobre trabalho

De modo mais frequente, o trabalho é concebido pelos jovens como responsabilidade que o homem precisa adquirir, por si mesmo, quer seja jovem ou adulto, para gestão de sua sobrevivência, como ilustram as falas dos participantes: “*Eu acho que eu colocaria um trabalho como uma espécie de responsabilidade, (...) que você tem que correr atrás*” (GF2); “*É ganhar dinheiro. Exercer uma profissão (...) atender uma necessidade. Você trabalha pra comer, pagar aluguel*” (GF1). Para o grupo de participantes, por vezes, os trabalhadores jovens se apresentam mais responsáveis se comparado aos adultos: “*Porque tem vezes, não muito, que o adulto não tem responsabilidade e o jovem tem, aí ele pode ter esse cargo*” (GF2). No entanto, os entrevistados também reconhecem que é recorrente que o mercado de trabalho associe os jovens à

imaturidade e irresponsabilidade: *“Geralmente uma empresa são pessoas mais velhas, com mais experiência e quando um jovem entra numa empresa está todo mundo contra ele, tipo e isso exige responsabilidade”* (GF2).

Observa-se que o trabalho é concebido pelos jovens não como direito, mas como mérito, como engajamento individual, na lógica neoliberal do empreendedorismo, ou seja, é o “correr atrás por si só”: *“Trabalho é essa responsabilidade, você correr por você”* (GF2). Nessa perspectiva, os jovens vão projetando o seu futuro profissional, acreditando ter uma “ótima visão de oportunidades”: *“Estou me aprofundando em empreendedorismo (...) Vou ser empresário e já estou estudando pra isso. Tô abrindo uma empresa”* (GF1). Esse desejo de realização profissional, como expressão de preocupação com o futuro, a partir da escolha profissional como forma de obter sucesso na vida e da expectativa de sustento por meio do emprego, também foi constatado na pesquisa realizada por Fonseca (2017) com jovens homens acolhidos no município de João Pessoa/PB.

Nesse sentido, os jovens apostam no trabalho como a possibilidade de mobilidade social e estabilidade financeira, mas não em qualquer trabalho, mas sobretudo por meio de carreiras, historicamente, associadas ao universo masculino e com possibilidade de uma rápida ascensão profissional, como as de jogador de futebol e de Mestre de Cerimônia (MC). Os entrevistados também reconhecem que, para a realização de seus sonhos, quase inalcançáveis, as chances não são suficientes, sendo necessário ter fé: *“Como eu te falei na visita lá, meu primeiro sonho é o futebol (...) O meu objetivo maior eu vou lutar até que eu tenha 1% de chance. Se eu tiver 1% de chance, 99% vai ser de fé”* (GF2); *“No futuro quero ser estourado no funk, ter minha carreira artística da hora. Ter comprado uma casa pra minha mãe, uma casa pra mim”* (GF1). De outro modo, alguns jovens apostam nos estudos, especialmente no acesso ao ensino superior, para garantir melhores condições de vida: *“Quero terminar os estudos, fazer uma faculdade de Empreendedorismo”* (GF1); *“Eu quero ir atrás de um emprego assim que completar 18 anos. Bancar faculdade de Tecnologia da Informação (TI). e depois conseguir um emprego para bancar faculdade de Engenharia Civil”* (GF2).

Os entrevistados reconhecem, ainda, que a sociedade é marcada por oportunidades desiguais de acesso ao mercado de trabalho e apontam para a diversidade de experiências juvenis. Nesse sentido, o discurso dos jovens participantes é marcado pela imagem do “boyzinho” que, segundo eles, remete aos jovens de classe média que, dado o apoio dos pais, não necessitam trabalhar, podendo dedicar-se exclusivamente aos estudos. Essa concepção se antagoniza com as experiências dos jovens das camadas populares e mais pobres, identificados pelos jovens como “servente de pedreiro, ajudante de lava-rápido”. Para esse grupo de jovens, as dificuldades materiais limitam e delineiam sua entrada no mercado de trabalho, restando a eles empregos subalternos: *“É difícil achar emprego pros jovens (...) Você não vê ninguém com 14 anos trabalhando. Em todos os lugares pedem experiência. Só se for servente de pedreiro, lava-rápido”* (GF1); *“Pessoas que não tem muita renda que corre pra isso, não vai ser um boy, um boyzinho que vai querer trabalhar de pedreiro, lava-rápido”* (GF1). Com isso, surgem os desafios de conciliar os papéis de estudante e de jovem trabalhador: *“O mais comum é o que? É aqueles jovens que não vão à escola, periféricos, que não gosta da escola muito, vai abandonar e ajudar em casa, já foi meu caso (...) deixar de ir pra escola para trabalhar”* (GF1).

Alguns participantes consideram também que o crime é uma possibilidade de trabalho. Para eles, ainda que seja uma atividade ilícita, trata-se de uma “escolha” dos jovens de camadas populares. Contudo, alguns dos entrevistados reconhecem que o crime só é trabalho para aqueles que lucram com a atividade, sugerindo que não seja o caso dos jovens que, geralmente, são os “aviãozinhos” do tráfico: *“É verdade, tem gente envolvida com crime (...) Tem bastante jovens (...) Tem um menino da minha sala que tem 13 anos, com 12 ele já foi aviãozinho (...) Querendo ou não é escolha dele” (GF1); “É um trabalho pro crime, mas é a única forma que eles veem, único meio de conseguir dinheiro” (GF1); “É trabalho pra eles, mas pra nós não. Mexe com drogas, é contra lei (...) Acaba sendo um trabalho ilegal” (GF1).*

Ainda que alguns trabalhos pareçam ser endereçados aos jovens de camadas populares, chancelados pelas instituições de acolhimento, há entre os jovens quem resista dentro das possibilidades de suas existências, à medida que expressam preferências por outras atividades: *“Eu vou começar a fazer Legião Mirim, eu acho que é próximo mês, que a tia estava falando comigo. Eu falei: tia, quando eu fizer Legião Mirim vê se consegue um curso de tecnologia, que eu gosto” (GF2).* Mesmo com essas táticas de enfrentamento, ainda se “reproduz os desafios da precarização e flexibilização e o próprio desemprego ou não trabalho como parte deste processo”, como aponta os estudos de Almeida Prado *et al.* (2020, p.706), com jovens trabalhadores da cultura, embora o campo da cultura possibilite a “essência criativa, novas subjetividades e formas de ser e estar no mundo”.

Para os participantes, parece inevitável experienciar o desafio da precarização no mundo do trabalho, quer seja pela informalidade ou pela desproteção das leis e de boas práticas de recursos humanos. De outro modo, ainda que os jovens tenham expectativa pelo emprego formal, consideram a informalidade como uma possibilidade de ganho financeiro imediato, haja vista a baixa oferta de empregos formais para os jovens: *“De vez em quando fazer um biquinho bacana pra levantar um dinheiro” (GF1), “Se a gente arranjar um emprego, tudo certo, mas não só arranjando emprego, mas você pode fazer seu bico pra comprar comida pra casa” (GF2).*

Os jovens que, no momento da pesquisa, trabalhavam têm a percepção, com base no Programa Jovem Aprendiz, de que estão em melhores condições se comparado aos adultos, que se submetem a subempregos, embora reconheçam que possa haver jovens nesse mesmo contexto: *“Mas o adulto quando eu falei no desespero de arrumar um emprego querendo ou não, arruma emprego onde fica refém (...) Eu acredito que também assim muito jovens acabam passando por isso, precisam de emprego” (GF2); “Acho que depende de como você consegue esse trabalho, por exemplo, consegui o meu através de cursos que eu fiz, onde seguiram todas as leis possíveis para que não fique desfavorável para mim como Jovem Aprendiz” (GF2); “Tem muita gente que consegue um trabalho que não ganha um VR [Vale Refeição], onde tipo ele se torna escravo, claro que não sendo escravo” (GF2).*

Outro aspecto que os jovens apresentam em relação à concepção sobre trabalho, atravessada também pela precarização do trabalho, é a exposição ao risco, “mil vezes menor” se comparada ao trabalhador adulto, tendo também como base o trabalho protegido previsto no Programa Jovem Aprendiz: *“Um dono de empresa não vai querer colocar um jovem numa máquina que tem perigo dele se cortar. Ele coloca um adulto, que também corre risco (...) Então tipo ele prefere mil vezes colocar adulto do que colocar jovem” (GF2); “Eu também sou jovem aprendiz. Eu não posso pegar muitas coisas, produtos corrosivos, objetos cortantes, quem pega são os mais velhos ou que fizeram curso” (GF1).* Em relação à

segurança no trabalho, os jovens têm a consciência de que o interesse dos empregadores pela saúde do trabalhador está relacionado à lógica produtiva: *“Se preocupam só com os bolsos deles, se aquilo vai fazer diferença no bolso deles ou não” (GF2). “Alguns empregadores que, por mais que não pareça, alguns ainda se preocupam assim, entre aspas (...) O fato de dar equipamento de segurança para tal cargo, desde luva, óculos de proteção, capacete, estão dando um suportezinho” (GF2).*

Como observado, na experiência dos dois jovens do grupo que atualmente participam do Programa Jovem Aprendiz há a realização de trabalho protegido. Contudo, estudos de Leal e Alberto (2021), constataram que as ofertas de formação e trabalho jovens, direcionados aos jovens que vivem em instituições de acolhimento institucional em município do estado da Paraíba (e a egressos destes serviços), não estão em consonância com a priorização do aspecto pedagógico do trabalho. De outro modo, ressalvadas as formações que ocorrem em sujeição aos interesses capitalistas, Leal e Alberto (2021) apontam tendência de pesquisas em identificar aspectos positivos na participação de jovens em programas de formação profissional, favorecendo a construção de projeto de vida, na socialização e no conhecimento sobre o mundo do trabalho.

Masculinidades e trabalho

Os resultados da pesquisa demonstram que as concepções de masculinidades dos jovens participantes se pautam no caráter relacional de gênero, de modo que não é possível falar sobre ser homem, sem falar sobre as feminilidades, como aponta a literatura (Connell, 1995; Giffin, 2005). Nesse sentido, os participantes parecem construir suas concepções de masculinidades, a partir das representações de feminilidades, tomando os gêneros como antagonísticos. Para os entrevistados, as mulheres são percebidas como mais emotivas e recebem autorização social para expressarem os seus sentimentos. Por outro lado, os homens sofrem uma pressão do seu grupo social para sofrerem calados e quietos, e quando expressam os seus sentimentos têm a sua virilidade questionada, como apontam as falas a seguir: *“[ser homem é] Sofrer calado (...) Porque muitas das vezes as mulheres são as emotivas, pode demonstrar sentimentos (...), é de boa, porque mulher é assim mesmo. Ai o homem vai demonstrar, fala que é maricona” (GF1); “Todos os homens sofrem quieto (...) A gente cresce e ouve que homem não chora” (GF1); “Nós homem mesmo, a gente aprende a não demonstrar, a gente aprende a ficar quieto. A gente simplesmente não chega e fala assim: aconteceu alguma coisa comigo e não estou bem” (GF1).*

Os entrevistados também reconhecem que, ao mesmo tempo que algumas experiências são interditas, como citado acima, outras, desde tenra idade, são estimuladas entre os homens, especialmente a competitividade, a agressividade, a demonstração de força e o apagamento de qualquer sinal de fraqueza: *“Desde pequeno, se você apanhar na rua você vai chegar em casa vai apanhar. Vê se é uma menina? Se for menina, fraqueza, é isso, mas o homem tem que brigar” (GF1); “Homem se perde, não quer demonstrar fraqueza. Homem cresce com aquele negócio assim (...) Você não pode crescer com fraqueza. Você tem que sempre ser o forte” (GF1).*

Os participantes observam que os papéis e expectativas sociais atribuídos aos meninos e às meninas são ensinados, durante todo o processo de sociabilidade, especialmente por meio da família. Segundo eles, as meninas são educadas para ocupar os ambientes domésticos e se dedicarem aos cuidados pessoais e familiares e, com isso, desenvolvem mais responsabilidade, enquanto os meninos ocupam a cena

pública e vão “jogar bola e zoar na rua” ou trabalhar fora de casa: “Escutava muito minha avó falando: *mulher filha minha fica em casa lavando roupa e filho homem vai trabalhar na roça*” (GF1); “*Tem mulher que, desde pequena, a mãe ensina a mulher cuidar de casa, querendo ou não tem mais responsabilidade. Tem algumas mães que falam pro moleque às vezes trabalhar ou às vezes só zoar na rua, querendo ou não o moleque não cria responsabilidade*” (GF1) “*O pai fala: vai jogar uma bola e a mãe fala: filha vai lavar uma louça, vai ficar em casa ou cuidar do seu irmão menor (...) se tiver um homem ou mulher em casa e uma criança pequena, sempre vai ser a mulher que vai cuidar*” (GF1); “*Homem sempre sai, ficar com amigos, aproveita infância dele e acaba demorando pra amadurecer*” (GF1).

Nessa mesma direção, os jovens entrevistados apontam para a maturidade como um atributo que os diferenciaria das jovens mulheres, pois há uma expectativa de responsabilidade depositadas às mulheres, que contribuem para esse amadurecimento precoce, possibilitando aos homens a possibilidade de amadurecer mais tardiamente: “*O homem desenvolve maturidade diferente da mulher, querendo ou não mulher com 18 anos está mais madura, o homem demora*” (GF1); “*Mulher, de certa forma, é mais madura que homem. Tipo, olhar para um colega e rir do nada, isso é coisa de moleque*” (GF2).

De modo geral, os participantes parecem distinguir duas concepções sobre ser homem e essa diferença parece ser melhor percebida no campo do trabalho. A primeira corresponde ao “homem infantil”, que mesmo sendo imaturo, consegue se adequar às exigências do mundo do trabalho: “*O homem que só quer saber de brincar, ele vai chegar na empresa com perfil certo, mesmo sendo brincalhão (...)* Às vezes, *o homem pode ser brincalhão, pode não ter maturidade, mas ele vai saber o momento certo de fazer algo*” (GF1). A segunda corresponde ao “moleque” que parece abarcar aqueles homens que não se interessam em trabalhar que, como afirma um dos participantes, “ficam deitado sem fazer porra nenhuma”, a exemplo dos pais e padrastos de alguns entrevistados, enquanto as mães assumem as múltiplas jornadas de trabalho ou até mesmo os jovens: “*Tem homens que faz a mulher trabalhar e ele ficar com folga, que nem o meu padrasto (...) é isso que traz indignação também que tem homens assim, que tipo, faz a mulher fazer o corre sem fazer porra nenhuma*”(GF1); “*Ele [padrasto] ficava deitado em casa sem fazer nada o dia todo e a minha mãe trabalhando e ele lá. Chegava a ficar meses sem ir à escola porque eu tinha que ajudar em casa*” (GF1).

Observa-se que, ainda que sejam as mulheres as provedoras do lar, são elas que acumulam as atividades domésticas, pois os homens se recusam às práticas feminilizantes dos cuidados com a casa: “*Minha mãe que trabalha. Meu pai trabalhava na farmácia e parou de trabalhar minha mãe que fazia os bagulhos em casa, meu pai não ajudava em casa*”. (GF1). Essa constatação também é apontada nos estudos de Tagliamento e Toneli (2010) ao estudarem as práticas cotidianas de duas famílias em que os homens estavam desempregados e que as mulheres assumiam o papel de provedoras. As autoras observaram que esse contexto não propiciou alterações nas posições de gêneros atribuídas aos membros de uma das famílias, a exemplo da impossibilidade do homem em auxiliar as atividades domésticas, contrariando a expectativa da família, uma vez que se encontrava desempregado.

Para os participantes, ser homem é “botar comida na mesa, pagar as contas e trabalhar”, reforçando o modelo hegemônico da masculinidade, discutido na literatura (Connell & Messerschmidt, 2013), em que o trabalho surge como elemento performático significativo da masculinidade, possibilitando ao homem assumir o papel de provedor da família. Para eles, às mulheres, reserva-se o espaço e o trabalho domésticos:

“Ser homem (...) você é responsável por ir trabalhar, colocar comida na mesa e pagar as contas e enquanto sua mulher fica lá lavando, fazendo o que tem que fazer dentro de casa” (GF2); “A gente cresce e ouve (...) homem tem que trabalhar e trazer coisas para casa. Você é o homem da casa você que tem que trabalhar” (GF2).

Outro atributo importante da masculinidade, relatado pelos jovens entrevistados, é o exercício da autoridade. Muito embora, no contexto da família de alguns participantes, não existam figuras masculinas, a autoridade é vista como um poder a ser exercido pelo homem. A ausência do homem parece não ser compensada pela presença da mulher: *“Ser homem, querendo ou não, se você tiver um filho, principalmente ter uma autoridade masculina em casa, não só a mulher, a mulher faz a parte dela, mas precisa de um homem em casa” (GF1).* Como também, a ausência do homem parece não outorgar o poder à mulher, ainda que esta acumule as duas funções: ser mãe e ser pai.; *“A mãe vira o pai e a mãe, a mãe faz a função dos dois. A minha mãe fazia a função dos dois. A minha também. A minha também”.* (GF1). Ademais, a ausência dessas figuras masculinas parece ser significativa na vida desses jovens, uma vez que construímos nossa masculinidade também junto a modelos de outros homens: *“Um filho crescer sem o pai não é tão fácil assim. É difícil pra caramba. Eu cresci sem o meu pai eu só tiver mulher na minha vida, não tive um pai” (GF1).*

Nessa hierarquia de gênero, em que ser homem estaria acima de ser mulher, há disputa também entre as masculinidades e, nesse sentido, ser um homem transexual é uma experiência subalterna, como indica a literatura (Kimmel, 1998). Os jovens homens transexuais do grupo apontam a necessidade de estar o tempo todo provando que são homens, reclamando seus direitos de existir e protegendo os seus corpos de todos os tipos de violência, e reconhecem que os jovens homens cisgêneros não precisam se ocupar com essas questões: *“Ser um homem transgênero para mim é correr atrás dos nossos direitos, e se empoderar e mostrar pra sociedade que não somos aquilo que eles pensam que nós somos” (GF2); “Eu acho que homem cisgênero é muito privilegiado em algumas questões. Por exemplo, pode entrar no banheiro com segurança, sem medo de ser espancado, entre outras coisas.” (GF2).*

Essas expressões das masculinidades que correspondem à representação da masculinidade hegemônica também são observadas na pesquisa de Angerami e Silva (2018), com jovens homens de camadas populares, que ao responderem pergunta sobre o que é ser homem, apontaram símbolos e práticas permeadas pela força e pelo poder, pela honra e responsabilidade familiar e com o mundo do trabalho, por disputas que hierarquizam as masculinidades juvenis, por meio da violência física e simbólica.

Ainda que reproduzam discursos machistas e conservadores, os jovens parecem ter a consciência de que existem outras formas de ser homem, em que a relação com a mulher se torna igualitária. Isso parece indicar mudanças, ainda que incipientes, nos modos de pensar dos homens jovens que se mostram mais flexíveis a algumas normas de gênero, como se observam nas diversas narrativas: *“Assim como pode ter um homem sendo manicure, pedicure ou até mesmo cabelereiro, pode ter uma mulher subindo laje, arrumando telhado” (GF2); “Quando se fala trabalho, você fala de trabalho para ambos os gêneros, tanto feminino tanto masculino, e tipo existe essa diferença (...) onde a sociedade coloca o trabalho de mulher é isso, trabalho de homem é isso, só que não” (GF2); “Dá pra ver igualdade, que não tem diferença. Só porque é homem tem que estar em tal emprego. Homem pode estar em qualquer emprego” (GF1); “Se a*

mulher quer tanto trabalhar em todos os lugares, por que o homem também não pode? Por que seria errado o homem fazer o mesmo que a mulher? É um trabalho como qualquer outro” (GF1).

Em estudo anterior desenvolvido por Silva e Angerami (2019, p. 187), identificou-se que os jovens homens escolares reproduzem comportamentos baseados na lógica heteronormativa, a exemplo de reconhecerem “as noções de poder, força, e coragem em um *ethos* masculino”, ainda que não compactuem com algumas práticas e acenem para possibilidade de revisá-las. Silva e Angerami (2019, p. 193) destacam a importância que a informação, presente no ambiente educacional de parte dos estudantes, trouxe e traz na perspectiva de reconstrução dessa realidade. Segundo as autoras:

“As instituições educativas, em especial, a escola, podem exercer um papel importante nesse processo, ao instaurar e consolidar espaços de diálogo franco com os jovens sobre tais assuntos, escutando suas perspectivas, dúvidas e confrontações, em lugar de incorrer nas tradicionais práticas normalizadoras que, na busca por disciplinar e docilizar corpos e mentes, acabam construindo para silenciar desejos dissonantes e anular os sujeitos em suas singularidades”.

Nessa relação entre o mundo do trabalho e masculinidade, as narrativas dos jovens reforçam também a ideia da divisão sexual de trabalho, de que alguns empregos são direcionados aos homens, sobretudo quando demandam força física e risco, como açougueiro e construção civil, seguindo o princípio da separação do trabalho apontado por Kergoat (2000), em que a esfera produtiva é destinada aos homens, prioritariamente, e reprodutiva à mulher. Do mesmo modo, os jovens também reconhecem haver constrangimentos quando homens desempenham trabalhos atribuídos às mulheres, como aqueles ligados à estética, sugerindo que exista uma desvalorização social deste trabalho, correspondendo ao outro princípio organizador da divisão do trabalho - hierarquização, de que o trabalho do homem vale mais do que o trabalho da mulher: “*Não é porque em questão de força aí são inferiores aos homens, elas não podem fazer o serviço, por exemplo trabalhar açougueiro, como eu falei subir laje.*” (GF2); “*Normalmente são mulheres que fazem isso, pedicure, interessante que um homem faça também.*” (GF1); “*O homem tem mais força que a mulher? É claro. Porém tem mulher que é mais esforçada e consegue fazer mais coisas talvez mais que os homens.*” (GF1). Ao mesmo tempo, os jovens sugerem haver um ônus dos homens assumirem esses trabalhos que lhe são endereçados, que os expõem ao risco: “*O cara está no telhado lá, trocando telha. A sociedade vê como um serviço pra homem, o homem tem que correr o risco de subir no telhado, para arrumar um telhado*” (GF2).

A relação do trabalho com os corpos dos homens jovens também é problematizada pelo grupo, à medida que observam que seus corpos são percebidos como ágeis e saudáveis e, portanto, melhor atendem à lógica produtiva do sistema capitalista: “*Tem lugares que prefere pegar gente jovem que tem mais imunidade e não precisa ficar tanto indo ao hospital, tem mais saúde*” (GF1); “*Assim eu vou trabalhar no mercado aí eu vou trabalhar mexendo na prateleira arrumando as coisas por exemplo, precisa alguém mais jovem para exercer essa função. Agilidade, entendeu?*” (GF1); “*Aí a empresa vai fazer o que? Vai pegar os mais jovens e vai ver que os jovens estão trabalhando mais do que os mais experientes, tem mais agilidade*” (GF1). De outro modo, os corpos ágeis dos jovens parecem se opor aos corpos experientes dos adultos, em uma relação que ora se valoriza um em detrimento do outro, de acordo com o *ethos* de masculinidades no mundo do trabalho: “*Vamos supor, a fábrica pega uma pessoa mais experiente que uma pessoa que está começando agora, pessoa que tem só teoria em não tem prática. A empresa prefere pegar o cara mais velho que tem experiência*” (GF1).

Esse antagonismo entre os corpos adultos *versus* corpos jovens em função dos processos laborais é problematizado nos estudos de caso de Palermo (2018) com trabalhadores petroleiros e da indústria de *software* na Argentina. No universo dos petroleiros, valores como força, resistência, capacidade de suportar acidentes são requeridos no espaço de trabalho, já no dos trabalhadores da indústria de *software*, em que predomina uma cultura jovem, a criatividade, a expressividade, a fluidez das emoções alimentam a produção. Para Palermo (2018, p. 169) “enquanto na indústria petroleira se maximiza modelos de masculinidade tradicionais, nas fábricas de *software* se dinamiza um *ethos* da masculinidade que se contrapõe com os modelos tradicionais de como se comportar como homens”. Na fala de um dos participantes, a área da tecnologia é um campo em que os corpos adultos e jovens estão em disputa:

“Uma profissão que está crescendo bastante agora, onde tem bastante pessoas novas assim tipo, às vezes até com menos de 20 anos, com 18, 19 anos já está encaminhado, essa profissão é TI (...) Um exemplo mesmo, lá na empresa, um rapaz que trabalha comigo não tem nem 19 anos, vai fazer 18, já trabalha com TI lá na empresa, só ele mais um outro cara, esse cara já é bem mais velho” (GF2).

Acolhimento institucional, trabalho e masculinidades

Os resultados da pesquisa também mostram que a experiência do acolhimento institucional é atravessada pela de ser homem, pelo trabalho e, ainda permeada por sentimentos ambivalentes, de amparo e desamparo frente ao futuro profissional. Em algumas circunstâncias, a experiência de estar acolhido parece ter um aspecto positivo e acolhedor, por exemplo, à medida que, os serviços são compreendidos como um lugar de garantia de direitos fundamentais e, especificamente, de acesso à qualificação profissional: *“A gente que é do SAICA sabe que tem oportunidade. Tipo um adolescente que não é de SAICA não consegue ter tanta oportunidade que temos aqui. Tem curso que é pago e a gente consegue de graça” (GF1); “Acho que só aqui no meu SAICA todo adolescente já fez mais de três cursos” (GF1).*

Ao mesmo tempo, a experiência de estar acolhido é carregada de estigmas sociais, o que faz com que alguns jovens não compartilhem com os outros o fato da vida institucionalizada: *“Eu não gosto de ficar falando: aí eu estou acolhido, eu moro num abrigo (...), porque existe muito preconceito da sociedade (...), muitas pessoas associam abrigo igual o orfanato da Chiquititas, cara. Não é isso” (GF1).* Talvez os estudos de Went e Dullius (2017) justifiquem esse tipo de comportamento, pois as autoras concluem que os estigmas construídos sobre a cultura da institucionalização se mantêm enraizados no imaginário social, ainda que novas práticas de cuidados tenham sido consolidadas a partir do ECA. Assim, a imagem social do acolhido parece continuar, ao longo da história, atrelada às características negativas, a exemplo de considerarem os jovens acolhidos menos batalhadores (Went e Dullius, 2017).

De outro modo, a experiência do acolhimento institucional é encarada por alguns jovens como uma oportunidade de revisão de suas vidas quando “acontece uma coisa porra louca”, de mudança de comportamento, de se apresentar de uma forma mais madura e com foco, modificando a experiência de ser homem: *“Quando acontece uma coisa porra louca com você, você acorda pra vida (...) quando eu cheguei no SAICA (...) criei maturidade em mim. Olhei assim e falei: vou acordar pra vida. Fazer alguma coisa. Eu estava fora da escola” (GF1).* Ademais, os jovens entrevistados reconhecem que nos SAICAs há incentivos que favorecem para que se reposicionem na vida: *“Acho que se isso não acontecesse comigo, eu não acordaria para vida (...) Se eu estivesse por lá, não estaria estudando, não estaria com foco (...) Ia se perder. Daí o abrigo vai lá e dá a direção pra você” (GF1); “A mesma coisa comigo, se eu não tivesse*

vindo pro SAICA, eu não sei o que estaria fazendo agora, sinceramente, (...) Os meus pensamentos, quando cheguei aqui, meu Deus do céu, só pensava fazer merda, besteira, ajudou bastante” (GF1).

Para outros jovens, a experiência do acolhimento institucional é uma possibilidade para que voltem a viver com responsabilidades proporcionais à fase do desenvolvimento, afastando-se das sobrecargas que lhe eram depositadas: “Antes daqui eu era um moleque tão maduro, depois que eu vim pra cá, comecei a perder minha maturidade, comecei a virar muito brincalhão (...) eu acho que passava tanta dificuldade, minha realidade era tão bruta, tão pesada” (GF1); “Porque quando você tem responsabilidade, você precisa ser maduro. Não tem momento na sua vida pra você ser criança (...) É isso que estou fazendo agora. Não estou tendo tanta responsabilidade, estou aproveitando” (GF1).

Ao mesmo tempo, para estes jovens, parece que a experiência do acolhimento atualiza o tempo todo a bruta realidade que vivem, deixando a “cabeça sempre a mil” e, por mais que pareçam imaturos, estão atentos à realidade e procuram “se virar” para driblar as dificuldades: “Sua cabeça sempre vai estar a mil. Quem tem preocupação mesmo, cabeça vai estar sempre naquele foco (...) ver um irmão de 10 anos passando fome, é muito ruim” (GF1); “Às vezes eu faço brincadeira, mas a minha cabeça tá a mil também (...) Às vezes minha irmã comia um salgadinho para passar o dia. Chegou uma fase da nova vida que tinha que pedir” (GF1); “Tinha hora que batia aquela fome mesmo (...) Eu pegava latinha na rua, comprava pão pra eu comer. A gente é bobão, mas entende o bagulho que está passando. A gente tem que se virar” (GF1). Muito embora, esse termo “viração” seja interpretado como sinônimo de “bico”, Abilio (2021) considera que não se trata de um processo transitório no universo do trabalho, mas estruturante, à medida que visibiliza o modo de vida periférico em que a informalidade é regra.

A experiência de viver em abrigo é também vivida com desamparo, à medida que são impelidos a pensar e estar no mundo do trabalho, sem que possam ter o privilégio do “boyzinho”, de postergar o ingresso no mundo do trabalho e se dedicar exclusivamente aos estudos, haja vista a realidade de pobreza que vivem: “A gente necessita trabalhar, ganhar dinheiro e pra ganhar na vida (...) a gente tem que aceitar que a gente que é de SAICA é diferente de gente que tá lá fora. É outra realidade” (GF1). Nesse sentido, para os jovens entrevistados, estar acolhido foi um gatilho para que despertassem para o futuro, para que pensassem em projeto de vida que incluía a dedicação aos estudos e trabalho: “A gente estava na família de boa e veio pro abrigo. Aí nós vimos outra realidade e a gente acordou pra vida. A gente começou a olhar pra frente, não olhar o agora (...) Olhar pra frente vai ter que trabalhar” (GF1); “Porque eu vou me preocupar com futuro, trabalho se estou de boa, estou com minha família, estou em casa, por que eu vou preocupar agora? Vou estudar, com o tempo eu penso fazer algo, fazer faculdade” (GF1); “Quando eu morava com minha mãe nem pensava, era tipo sossegado (...) Quando fiquei mais velho na rua e passei mais dificuldade, aí vi que o bagulho não é normal, tenho que fazer meu corre. Aí que entra a maturidade” (GF1).

Esse “empurrão” para se prepararem para o ingresso no mundo do trabalho repercute na experiência de ser homem, pois se veem obrigados a amadurecer mais rápido: “A gente precisa amadurecer mais rápido. A gente é obrigado amadurecer (...) No meu caso, eu amadureci bastante. (...) Acordei mais pra vida e vi que precisava me dedicar mais e ver o que precisa fazer daqui pra frente” (GF1). Assim como reconhecem que nos SAICAs há incentivos aos estudos, os jovens se sentem estimulados ao trabalho, por parte dos trabalhadores do abrigo: “Os tios e educadores, querendo ou não, pegam no pé pra gente conseguir ganhar na vida, trabalhar, fazer curso” (GF1).

Embora os jovens tenham o serviço de acolhimento como um “porto seguro”, eles têm consciência da provisoriamente da medida e, com isso, mais uma razão para se mobilizarem ao preparo e ingresso no mundo do trabalho: *“Querendo ou não a gente está acolhido, a gente tem um porto seguro que é o acolhimento. Só que a gente uma hora a gente sai, uma hora completa 18, daí a gente tem que sair tem que correr atrás”* (GF2). E para os jovens que estão próximos de alcançar a maioria, o tempo urge e estar trabalhando é necessário para que pensem na vida fora da instituição: *“Quando eu falo que a gente vai sair porque a gente tem que procurar o trabalho é pra gente não se acomodar. Tem que se preparar e se fizer 17 anos, são uns meses para você sair dali do SAICA”* (GF2); *“Começa a vir aquele negócio: O que eu vou fazer da minha vida? Com o que eu vou trabalhar? Como vou me sustentar? Onde vou morar? (...) O que eu vou fazer quando sair daqui? Como vai ser a minha vida lá fora?”* (GF2).

E se todas essas preocupações não fossem suficientes, os jovens transgêneros ainda estão alguns “passos para trás” na experiência do acolhimento institucional, se comparados aos cisgêneros, que se traduz, logo de entrada, na dificuldade de convivência com os pares, pois seus corpos são vistos com estranheza: *“Eles já chegam com desvantagem, com uns passos para trás (...) se eu entrar numa sala assim, com diversos moleques, tudo bem, numa boa. Agora, se ele [jovem trans] entrar (...) querendo ou não ele já vai ser visto de outra maneira”* (GF2). Essa “desvantagem” também se traduz em situações de violências em que os jovens transgêneros são expostos, onde deveria caber apenas cuidado e proteção, conforme relato do participante:

“Nos meus primeiros dois anos no abrigo ... eu sofri muito preconceito dos meninos em relação a minha identidade de gênero, eu apanhava direto lá, eu não tinha segurança para ir no banheiro, que eles já batiam na porta, empurrava a porta, eu ia tomar banho eles batiam na porta, falando que iam me catar: você não quer ser homem? Tem que apanhar como homem. Isso é um monte de coisa. Eu dormia nos quartos das meninas, por segurança. Mesmo dormindo no quarto das meninas, eles ainda abriam a porta pra encher o saco (...) Cheguei a sofrer preconceito também de uma Educadora e foi por conta disso que sai do abrigo.” (GF2).

Considerações finais

Neste estudo, buscamos identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e a relação entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos de cinco SAICAs de dois territórios do município de São Paulo.

Os resultados nos permitiram compreender que as concepções sobre trabalho estão associadas à ideia de responsabilidade, depositada sobretudo aos homens; permeadas por elementos que marcam o contexto de precarização do trabalho contemporâneo, a exemplo da ideia do trabalho associada à gestão da própria sobrevivência, da meritocracia, da informalidade, da exposição ao risco, dos empregos subalternos endereçados aos jovens pobres, ao passo que, ainda há expectativas dos jovens quanto ao trabalho formal, protegido e que possibilite mobilidade social e estabilidade financeira, principalmente em carreiras historicamente associada ao universo masculino – jogador de futebol e funkeiros.

Além disso, os resultados apontam que a concepção sobre masculinidades se pauta no caráter relacional de gênero, na socialização e pedagogia dos corpos e na lógica heteronormativa, na qual se valorizam atributos como força, agressividade, apagando quaisquer sinais de feminilidade e hierarquizando

masculinidades. De outro modo, os jovens parecem ter consciência de outras formas de ser homem em que a relação com a mulher se torna igualitária, parecendo flexibilizar algumas normas de gênero. No campo do trabalho, possibilitaram compreender que o trabalho figura como elemento performático da masculinidade, sobretudo pela capacidade de prover, associado às ideias da separação e hierarquização do trabalho e dos corpos dos homens emaranhados à lógica produtiva capitalista.

A pesquisa traz também a dimensão da vida em acolhimento institucional perpassando as experiências de ser homem e da preparação e ingresso no mundo do trabalho. Nesse sentido, os resultados apontam que a experiência do acolhimento, por vezes, possibilita ao jovem a garantia de direito à profissionalização, a oportunidade de se apresentar ao mundo de forma diferente, de revisar a vida, de voltar a viver com a responsabilidade proporcional à fase do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, favorece com que os jovens percebam os estigmas sociais da vida institucionalizada, atualizem a bruta realidade que vivem, marcada pela pobreza e pela necessidade de se virar e, por essa razão, não veem como possibilidade o privilégio de postergar o ingresso no mundo do trabalho e se dedicar exclusivamente aos estudos e lazer, haja vista também a provisoriade da medida e o desacolhimento com a maioria. A partir da participação de dois homens jovens transexuais, a pesquisa possibilitou também explorar como os corpos trans atravessam a experiência de ser homem e a vida em acolhimento, marcadas por violências.

Como qualquer pesquisa que se propõe a fazer acerca de um objeto, não há pretensão de se chegar à totalidade de sua compreensão e, nesse sentido, esse estudo tem as limitações, a exemplo de não considerar outros marcadores sociais da diferença, como raça/cor, na análise de seus resultados, limitando-se ao dado descritivo, na caracterização dos participantes, de que quase a totalidade dos jovens é pardo, correspondendo às estatísticas de acolhidos do CNJ. Outra limitação do estudo também se dá pelo fato de não se ampliar a análise do processo de escolarização desses jovens e a relação intrínseca com a qualificação e inserção no mundo do trabalho, que apresenta como um dos desafios conciliar os papéis de estudante e de jovem trabalhador.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de construção e fortalecimento de programas e políticas que considerem as singularidades dos jovens institucionalizados quanto ao futuro profissional e que rompam com os discursos da meritocracia, considerando os desafios e condições materiais que esses jovens encontram para exercício da sua cidadania. Espera-se que este estudo possa inspirar outros pesquisadores à investigação sobre os temas, face à limitada publicação científica brasileira, como também, favoreça que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento institucional, dando voz e visibilidade aos jovens acolhidos.

Referências

- Abílio, L. C. (2020). Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. *Estudos Avançados*, 34(98), 111-126. <https://www.scielo.br/j/ea/a/VHXmNyKzQLzMyHbgcGMNNwv/?lang=pt>
- Abílio, L. C. (2021). Uberização como apropriação do modo de vida periférico. In: R. Grohmann, Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. (1. ed). São Paulo: Boitempo

- Almeida Prado, A. C. S.; Silva, C. R.; Silvestrini, M. S. (2020). Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 706-724. <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/sGP7bMpgPxZsqddxS8PTNxK/?lang=pt>
- Angélico, S. L., Setton, R. (2022). Ao volante, eu sou um homem: gênero, masculinidades e trabalho. In: R. M Souza; P. A. Maciel Jr; E. L. Defendi. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*, São Paulo: EDUC. https://www.pucsp.br/educ/downloads/ensaios_masculinidades.pdf#page=66
- Angerami, A.; Silva, I. M. M. (2018). Significados em torno do “ser homem”: Perspectivas de jovens rapazes acerca da masculinidade. I Simpósio Juventudes Contemporâneas. Porto Alegre. <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/simposio-juventudes-contemporaneas/assets/edicoes/2018/arquivos/37.pdf>
- Antunes, R. (2015). *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. (16. ed). São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brasil (1990). Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Brasil (2000). Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm
- Brasil (2009). Lei nº 12.010 de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera e revoga dispositivos de Leis e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm
- Brasil (2013). Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm
- Brasil (2016). Emenda Constitucional nº 95 de 15 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm
- Brasil (2017). Lei nº 13.467 de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm
- Brasil (2017c). Lei nº 13.509 de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera dispositivos de Leis. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13509.htm
- Connel, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), 185-206. https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?seq
- Connel, R. W.; Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, 21 (1), 241-282. <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC#:~:text=O%20conceito%20de%20mascul>

inidade%20hegem%C3%B4nica%20foi%20usado%20em%20estudos%20na,da%20pedagogia%20neutra%20de%20g%C3%AAnero.

Conselho Nacional de Justiça (2022). Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento. <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=e78bd80b-d486-4c4e-ad8a-736269930c6b&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,cursel&select=clearall>. Acessado em 05 de agosto de 2023.

Costa, S. D. M.; Marques, E. M. I.; Ferreira, A. C. C. (2020). Entre os sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores estudantes. *Revista Gestão Organizacional*, 13 (1), 64-85.

https://www.researchgate.net/publication/353884080_Entre_os_sentidos_do_trabalho_prazer_e_sofrimento_um_estudo_baseado_na_perspectiva_de_jovens_trabalhadores-estudantes

de Oliveira, G. R.; da Silva, J. C. F.; Peixoto, A. C. A. (2020). Diversidade sexual e de gênero em instituições de acolhimento institucional: a invisibilidade de adolescentes LGBTIQ+. *Revista Mosaico*, 11 (2), 140-145. <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2305>

Fonseca, P. N. (2017) O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. *Rev. Psicopedagogia*, 34 (105), 285-296. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300006

Gatti, B. A. (2005). Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro.

Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1), 47-57. <https://www.scielo.br/j/csc/a/dQVz7vKgGNJFVSLv5pY7rRr/?lang=pt#:~:text=A%20entrada%20destes%20homens%20nos,pouqu%C3%ADssimo%20vis%C3%ADveis%20no%20Homem%20universalizado%2C>

Gondim, S. M. G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paideia*, 12 (24), 149-161. <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>

Grohmann, R. (2021). Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. (1. ed). São Paulo: Boitempo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo demográfico. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>

Kimmel, M. S (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4 (9), 103-117. <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>

Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10 (15), 124-136. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202>

Leal, N. S. B. e Alberto, M. F. P. (2021) Política de acolhimento e juventude: A problemática da inserção na formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-16. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gb5HnRt8TWJFJ85kvvwGzS/abstract/?lang=pt>

Minayo, M. C. S.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. (2007). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes.

- Ministério Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2006). Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriancasAdolescentes%20.pdf
- Ministério Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf.
- Oliveira, F. F.; Santos, C. (2019). Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017. *Revista Diversidade e Educação*, 7 (2), 105-128. <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9510>
- Oliveira, R. (2018). O ensino médio e a inserção juvenil no mercado de trabalho. *Trab. Educ. Saúde*, 16 (1), 79-98. <https://www.scielo.br/j/tes/a/XDscrRPhM9Yk493QMMgWjxC/abstract/?lang=pt>
- Palermo, H. M. (2018). Notas para uma definição antropológica sobre a relação entre trabalho e masculinidades. *Trabalho (En)Cena*, 3 (3), 155-171. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/6242/14490>
- Pochmann, M. (2020). Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25 (1), 89-99. <https://www.scielo.br/j/csc/a/vnJWDbvYCWqdYdVypqrJMBm/?lang=pt>
- Ribeiro, M. A. (2020). Reforma trabalhista: uma análise psicossocial. *Revista de Psicologia*, 11 (2), 63-77. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33708>
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A., Almeida, I. G. (2011). A criança e o adolescente como sujeito ativo de direitos no processo de acolhimento institucional: uma longa história ainda inacabada. In: M. C. Rossetti-Ferreira; S. A. Serrano; I. G. Almeida. *O acolhimento institucional na perspectiva da criança*. São Paulo: Hucitec.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Secretaria Nacional de Assistência Social e Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (2017). Censo SUAS 2022. https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/censosuas/status_censo/relatorio.php
- Silva, E. R. A.; Vaz, F. M. (2020). Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid19 no Brasil. *Dossiê: jovens e mercado de trabalho na pandemia*, 70, 105-121. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt_70_jovens_que_ nao.pdf
- Silva, I. M. M., Angerami, A. (2019). Masculinidades e homossexualidade na perspectiva de jovens estudantes de escolas públicas e particulares de Erechim/RS. *Revista Diversidade e Educação*, 7 (2), 178-196. <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9631>
- Tagliamento, G.; Toneli, M. J. F. (2010). Não (trabalho) e masculinidades produzidas em contextos familiares de camadas médias. *Psicologia & Sociedade*, 22 (2), 345-354. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/37HRQPbjG9TZJfCS7QKsTfQ/abstract/?lang=pt>
- Wendt, B.; Dullius, L. (2017). Imagens sociais sobre jovens em acolhimento institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (2), 529-541. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/GsqBD5K7KyNfnyz8w3FGWBj/abstract/?lang=pt>

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos identificar e analisar as concepções sobre trabalho e masculinidades e a relação entre trabalho, masculinidades e vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos de cinco SAICAs de dois territórios do município de São Paulo.

Os resultados nos permitiram compreender que as concepções sobre trabalho estão associadas à ideia de responsabilidade, depositada sobretudo aos homens; permeadas por elementos que marcam o contexto de precarização do trabalho contemporâneo, a exemplo da ideia do trabalho associada à gestão da própria sobrevivência, da meritocracia, da informalidade, da exposição ao risco, dos empregos subalternos endereçados aos jovens pobres, ao passo que, ainda há expectativas dos jovens quanto ao trabalho formal, protegido e que possibilite mobilidade social e estabilidade financeira, principalmente em carreiras historicamente associada ao universo masculino – jogador de futebol e funkeiros.

Além disso, os resultados apontam que a concepção sobre masculinidades se pauta no caráter relacional de gênero, na socialização e pedagogia dos corpos e na lógica heteronormativa, na qual se valorizam atributos como força, agressividade, autoridade, apagando quaisquer sinais de feminilidade e hierarquizando masculinidades. De outro modo, os jovens parecem ter consciência de outras formas de ser homem em que a relação com a mulher se torna igualitária, parecendo flexibilizar algumas normas de gênero. No campo do trabalho, possibilitaram compreender que o trabalho figura como elemento performático da masculinidade, sobretudo pela capacidade de prover, associado às ideias da separação e hierarquização do trabalho e dos corpos dos homens emaranhados à lógica produtiva capitalista.

A pesquisa traz também a dimensão da vida em acolhimento institucional perpassando as experiências de ser homem e da preparação e ingresso no mundo do trabalho. Nesse sentido, os resultados apontam que a experiência do acolhimento, por vezes, possibilita ao jovem a garantia de direito à profissionalização, a oportunidade de se apresentar ao mundo de forma diferente, de revisar a vida, de voltar a viver com a responsabilidade proporcional à fase do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, favorece com que os jovens percebam os estigmas sociais da vida institucionalizada, atualizem a bruta realidade que vivem, marcada pela pobreza e pela necessidade de se virar e, por essa razão, não veem como possibilidade o privilégio de postergar o ingresso no mundo

do trabalho e se dedicar exclusivamente aos estudos e lazer, haja vista também a provisoriedade da medida e o desacolhimento com a maioria. A partir da participação de dois homens jovens transexuais, a pesquisa possibilitou também explorar como os corpos trans atravessam a experiência de ser homem e a vida em acolhimento, marcadas por violências.

Como qualquer pesquisa que se propõe a fazer acerca de um objeto, não há pretensão de se chegar à totalidade de sua compreensão e, nesse sentido, esse estudo tem as limitações, a exemplo de não considerar outros marcadores sociais da diferença, como raça/cor, na análise de seus resultados, limitando-se ao dado descritivo, na caracterização dos participantes, de que quase a totalidade dos jovens é pardo, correspondendo às estatísticas de acolhidos do CNJ. Outra limitação do estudo também se dá pelo fato de não se ampliar a análise do processo de escolarização desses jovens e a relação intrínseca com a qualificação e inserção no mundo do trabalho, que apresenta como um dos desafios conciliar os papéis de estudante e de jovem trabalhador.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de construção e fortalecimento de programas e políticas que considerem as singularidades dos jovens institucionalizados quanto ao futuro profissional e que rompam com os discursos da meritocracia, considerando os desafios e condições materiais que esses jovens encontram para exercício da sua cidadania. Espera-se que este estudo possa inspirar outros pesquisadores à investigação sobre os temas, face à limitada publicação científica brasileira, como também, favoreça que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento institucional, dando voz e visibilidade aos jovens acolhidos.

REFERÊNCIAS

- Abílio, L. C. (2020). Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*?. *Estudos Avançados*, 34(98), 111-126.
<https://www.scielo.br/j/ea/a/VHXmNyKzQLzMyHbgcGMNNwv/?lang=pt>
- Abílio, L. C. (2021). Uberização como apropriação do modo de vida periférico. In: R. Grohmann, *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. (1. ed). São Paulo: Boitempo
- Almeida Prado, A. C. S.; Silva, C. R.; Silvestrini, M. S. (2020). Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 706-724.
<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/sGP7bMpgPxZsqddxS8PTNxK/?lang=pt>
- Alves, A. M. (2021). Ensinando gênero nas universidades. *Anuário Antropológico*, 46 (1), 11-22.
<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/35950>
- Angélico, S. L., Setton, R. (2022). Ao volante, eu sou um homem: gênero, masculinidades e trabalho. In: R. M Souza; P. A. Maciel Jr; E. L. Defendi. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*, São Paulo: EDUC.
https://www.pucsp.br/educ/downloads/ensaios_masculinidades.pdf#page=66
- Angerami, A.; Silva, I. M. M. (2018). *Significados em torno do “ser homem”*: *Perspectivas de jovens rapazes acerca da masculinidade*. I Simpósio Juventudes Contemporâneas. Porto Alegre.
<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/simposio-juventudes-contemporaneas/assets/edicoes/2018/arquivos/37.pdf>
- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. (2. ed). São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2015). *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. (16. ed). São Paulo: Cortez.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barros, C. T.; Gontijo, D. T.; Lyra, J.; Lima, L. S.; Monteiro, E. M. L. M. (2018). Mas se o homem cuidar da saúde fica meio que paradoxal ao trabalho: relação entre

masculinidades e cuidado à saúde para homens jovens em formação profissional. *Saúde Soc.*, 27 (2), 423-434. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/LYvZz3DxY4t83kVqV9wRNkN/abstract/?lang=pt>

Bourdieu, P. (1983). A “juventude” é apenas uma palavra. In: Pierre Bourdieu *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e- apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf

Brandão, E. R.; Alzuguir, F. V. (2019). A importância do ensino sobre gênero na graduação em Saúde Coletiva: uma interseção necessária. *Saúde Soc.*, 28 (2), 67-79. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nXy9P6nwc7Gt4Bd7R69FffQ/?lang=pt>

Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Brasil (1990). *Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

Brasil (2000). *Lei nº 10.097 de 19 de dezembro de 2000*. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm

Brasil (2008). *Lei nº 11.692 de 10 de junho de 2008*. Dispõe o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem, altera e revoga dispositivos de Leis e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111692.htm

Brasil (2009). *Lei nº 12.010 de 03 de agosto de 2009*. Dispõe sobre adoção; altera e revoga dispositivos de Leis e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/112010.htm

Brasil (2011). *Lei nº 12.513 de 26 de outubro de 2011*. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec, altera Leis e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112513.htm

Brasil (2013). *Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112852.htm

Brasil (2016). *Emenda Constitucional nº 95 de 15 de dezembro de 2016*. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm

Brasil (2017a). *Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017*. Altera e revoga leis anteriores e institui a política de fomento à implementação de escolas de ensino médio em tempo integral. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm

Brasil (2017b). *Lei nº 13.467 de 13 de julho de 2017*. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm

Brasil (2017c). *Lei nº 13.509 de 22 de novembro de 2017*. Dispõe sobre adoção e altera dispositivos de Leis. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113509.htm

Brasil (2022). Ministério da Previdência e Trabalho. *Acompanhamento Mensal do Benefício Auxílio por Incapacidade Temporária Acidentário Concedido Segundo os Códigos da CID-10 - Janeiro a Dezembro de 2021*. https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/assuntos/previdencia-social/saude-e-seguranca-do-trabalhador/dados-de-acidentes-do-trabalho/AcompanhamentoMensal_B91_2021_completo_CID10_SinteseWeb.pdf

Bueno, R. K.; Magalhães, C. M. C.; Vieira, M. L. (2018). A importância da figura masculina do cuidador/educador em instituições de acolhimento. In: L. I. C. Cavalcante *et al* (Orgs), *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: Teorias e evidências científicas para boas práticas*. (1. ed). Curitiba: Juruá

Cardoso, G.; Hermeto, A. (2021). Detalhando o perfil de atividade dos jovens brasileiros que não estudam nem trabalham: o papel da busca por trabalho e dos afazeres domésticos. *Rev. Bras. Est. Pop.*, 38, 1-20. <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/5SJJGjLH5pRFKRc9wQPZhXxq/abstract/?lang=pt>

Cassarino-Perez, L. C.; Córdova, V. E.; Montserrat, C.; Sarriera, J. C. (2018) Transição entre o acolhimento e a vida adulta: uma revisão sistemática sobre intervenções. *Trends. Psychol.*, 26 (3), 1665-1681. <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/qCRKMt9DKDF4PnWGLs6ZcnL/abstract/?lang=pt>

Connel, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), 185-206.

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1224/connel_politicas_de_masculinidade.pdf?seq

Connel, R. W.; Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, 21 (1), 241-282.

<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC#:~:text=O%20conceito%20de%20masculinidade%20hegem%C3%B4nica%20foi%20usado%20em%20estudos%20na,%20pedagogia%20neutra%20de%20g%C3%A1nero.>

Conselho Nacional de Justiça (2022). *Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento*.

<https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=e78bd80b-d486-4c4e-ad8a-736269930c6b&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,currsel&select=clearall>. Acessado em 10 de junho de 2022.

Costa, S. D. M.; Marques, E. M. I.; Ferreira, A. C. C. (2020). Entre os sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores estudantes. *Revista Gestão Organizacional*, 13 (1), 64-85. <https://www.researchgate.net/publication/353884080> Entre os sentidos do trabalho o prazer e sofrimento um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhador es-estudantes

de Oliveira, G. R.; da Silva, J. C. F.; Peixoto, A. C. A. (2020). Diversidade sexual e de gênero em instituições de acolhimento institucional: a invisibilidade de adolescentes LGBTIQA+. *Revista Mosaico*, 11 (2), 140-145.

<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2305>

Ferreira, L. S. (2021). Masculinidade, trabalho e modo de vida: a identidade do mecânico automotivo. *Periódicus*, 16 (3), 133-155.

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35972>

Fonseca, P. N. (2017) O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. *Rev. Psicopedagogia*, 34 (105), 285-296.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300006

Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro.

Giffin, K. (2005). A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1), 47-57.

<https://www.scielo.br/j/csc/a/dQVz7vKgGNJFVSLv5pY7rhR/?lang=pt#:~:text=A%>

20entrada% 20destes% 20homens% 20nos.pouqu% C3% ADssimo% 20vis% C3% ADve is% 20no% 20Homem% 20universalizado% 2C

Gondim, S. M. G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paideia*, 12 (24), 149-161.

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>

Grohmann, R. (2021). *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. (1. ed). São Paulo: Boitempo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo demográfico*.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019a). *Pesquisa industrial nacional*.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/1719/pia_2019_v38_n1_empresa_informativo.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019b). *Pesquisa anual de serviços*.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/150/pas_2019_v21_informativo.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua*.

<https://static.poder360.com.br/2022/05/desemprego-pnac-2022-1tri-13mai2022.pdf>

Jimenez, L.; Lefèvre, F. (2004). Desafios e perspectivas: desemprego e masculinidade.

Interação em Psicologia, 8 (2), 227-235.

<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3258#:~:text=O%20desemprego%20% C3%A9%20sentido%20como,manuten%C3%A7%C3%A3o%20do%20lugar%20de %20provedor.>

Kergoat, D. (2000). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Helena Hirata *et al.* *Dictionnaire critique du féminisme*. Ed. Presses Universitaires de France.

Traduzido por Miriam Nobre. chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf

Kimmel, M. S (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos.*, 4 (9), 103-117.

<https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>

- Kind, L. (2004). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10 (15), 124-136. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202>
- Leal, N. S. B. e Alberto, M. F. P. (2021) Política de acolhimento e juventude: A problemática da inserção na formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-16. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gb5HnRt8TWJFJ85kvvwGzS/abstract/?lang=pt>
- Mangini, F. N. R.; Nunes, I. S. (2021). Suicídio e sofrimento social no capitalismo: desemprego e expressões da questão social. *Barbararói*, 58, 154-171. <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/15857>
- Minayo, M. C. S.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Ministério Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2006). *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriançasAdolescentes%20.pdf
- Ministério Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf
- Miranda, G. R., Nascimento, A. R. A. (2018). Masculinidades em trânsito: processos identitários de motoboys em Belo Horizonte/MG. *Trends Psychol.*, 26 (2), 637-651. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2018000200005&lng=pt&nrm=iso
- Oliveira, F. F.; Santos, C. (2019). Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017. *Revista Diversidade e Educação*, 7 (2), 105-128. <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9510>
- Oliveira, R. (2018). O ensino médio e a inserção juvenil no mercado de trabalho. *Trab. Educ. Saúde*, 16 (1), 79-98. <https://www.scielo.br/j/tes/a/XDscrRPhM9Yk493QMMgWjxC/abstract/?lang=pt>
- Palermo, H. M. (2018). Notas para uma definição antropológica sobre a relação entre trabalho e masculinidades. *Trabalho (En)Cena*, 3 (3), 155-171. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/6242/14490>

- Pochmann, M. (2020). Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25 (1), 89-99. <https://www.scielo.br/j/csc/a/vnJWDbvYCWqdYdVypqrJMBm/?lang=pt>
- Ribeiro, M. A. (2020). Reforma trabalhista: uma análise psicossocial. *Revista de Psicologia*, 11 (2), 63-77. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33708>
- Rizzini, I.; Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Serrano, S. A., Almeida, I. G. (2011). A criança e o adolescente como sujeito ativo de direitos no processo de acolhimento institucional: uma longa história ainda inacabada. In: M. C. Rossetti-Ferreira; S. A. Serrano; I. G. Almeida. *O acolhimento institucional na perspectiva da criança*. São Paulo: Hucitec.
- Saldanha, J. H. S.; Lima, M. A. G.; Neves, R. F.; Iriart, J. A. B. (2018). Construção e desconstrução das identidades masculinas entre trabalhadores metalúrgicos acometidos de LER/DORT. *Cad. Saúde Pública.*, 34 (5), 1-12. <https://www.scielo.br/j/csp/a/XDCGzBX6xyYxnpXLqVvVXZC/?lang=pt#:~:text=A%20experi%C3%A2ncia%20de%20viver%20com,LER%2FDORT%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20f%C3%A1cil.>
- Schmidt, M. L.G.; Januário, C. A. R. M.; Rotoli, L. U. M. (2018). Sofrimento psíquico e social na situação de desemprego. *Caderno de Psicologia Social do Trabalho*. 21 (1), 73-85. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000100006
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade.*, 20 (2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Secretaria Nacional de Assistência Social e Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (2017). *Censo SUAS 2022*. https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/censosuas/status_censo/relatorio.php
- Silva, E. R. A.; Vaz, F. M. (2020). Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid19 no Brasil. *Dossiê: jovens e mercado de trabalho na pandemia*, 70, 105-121. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt_70_jovens_que_nao.pdf
- Silva, I. M. M., Angerami, A. (2019). Masculinidades e homossexualidade na perspectiva de jovens estudantes de escolas públicas e particulares de Erechim/RS.

- Revista Diversidade e Educação*, 7 (2), 178-196.
<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9631>
- Souza, M. B. C. A.; Lussi, I. A. O. (2019). Juventude, trabalho informal e saúde mental. *Revista de Ciências Sociais*, 51, 126-144.
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/48293>
- Tagliamento, G.; Toneli, M. J. F. (2010). Não (trabalho) e masculinidades produzidas em contextos familiares de camadas médias. *Psicologia & Sociedade*, 22 (2), 345-354.
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/37HRQPbjG9TZJfCS7QKsTfQ/abstract/?lang=pt>
- Vinuto, J.; Abreo, L. O.; Gonçalves, H. S. (2017). No fio da navalha: efeitos da masculinidade e virilidade no trabalho de agentes socioeducativos. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, 24 (1), 54-77.
<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/126635>
- Wang, M. L.; Jablonski, B.; Magalhães, A. S. (2007). Identidades masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*, 12 (19), 54-65.
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/243>
- Wendt, B.; Dullius, L. (2017). Imagens sociais sobre jovens em acolhimento institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (2), 529-541.
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/GsqBD5K7KyNfnyz8w3FGWBj/abstract/?lang=pt>

APÊNDICES

APÊNDICE I – Termo de Assentimento Livre e Esclarecimento

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – JOVENS

Título da Pesquisa: As relações entre trabalho, masculinidades e a vida em acolhimento institucional para grupos de homens jovens acolhidos

Pesquisador Responsável: Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ns-02, nº 22, Chácara dos Poderes – Campo Grande/MS. CEP: 79037-815. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Pesquisador Assistente: Salvador Loureiro Rebelo Jr. Endereço: Rua Campo Largo, nº 257 – Mooca – São Paulo/SP. CEP: 03186-010. Tel.: (11) 99119-4115 E-mail: slrj2005@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande/MS - CEP: 79070900. Tel.: (67)3345-7187. E-mail: cepconep.propp@ufms.br

Jovem participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada acima, que tem como objetivo principal investigar as relações entre trabalho, masculinidades e a vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos. De forma mais específica, pretendemos identificar e analisar as concepções sobre trabalho e sobre o que é ser homem, compreender a relação entre trabalho e a construção das masculinidades e discutir como as implicações sobre trabalho e masculinidades atravessam a experiência da vida em acolhimento institucional para grupos de homens jovens acolhidos. Essas informações podem ser úteis para desenvolver futuros projetos de pesquisa e de intervenção relacionados ao tema. Gostaríamos de convidá-lo a participar dessa pesquisa por meio de uma entrevista de grupo focal. Caso não conheça, os Grupos Focais se referem a um grupo de pessoas selecionadas que se reúnem para discutir e comentar um tema específico, de interesse dos pesquisadores, a partir de suas vivências pessoais. Os participantes discutirão sobre trabalho (o que é trabalho?, quais as possibilidades de trabalho para os jovens?, etc); masculinidades (o que é ser homem?, quais as formas de ser homem?, etc.) e a relação entre ambas categorias e o acolhimento institucional (como é pensar

no trabalho e estar acolhido?, como é ser homem e estar acolhido?, etc). A entrevista será realizada em local de fácil acesso, que possibilitem segurança e privacidade. A entrevista é gravada em áudio e o tempo médio de duração da participação é próximo a 90 minutos. Este procedimento não lhe oferece riscos diretos, sejam físicos ou psicológicos. Entretanto, por se tratar de uma entrevista em grupo e em razão da temática, é possível que, em algum momento, você experiencie sentimentos como vergonha, tristeza, raiva, etc. Por isso, os grupos serão conduzidos com a presença de um profissional de Psicologia e, havendo necessidade, após a entrevista, você poderá ser encaminhado e/ou solicitar atendimentos psicológicos gratuitos, na modalidade remota, na Clínica de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Mato Grosso do Sul (CLIPS/FACH/UFMS). Os benefícios aos participantes podem estar associados à importância de refletirem sobre os temas da pesquisa, além de favorecer que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento. Além disso, a participação na pesquisa poderá favorecer que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento institucional, como também, possa inspirar outros pesquisadores à investigação sobre os temas, face à limitada publicação científica brasileira. Em todas as etapas da pesquisa será garantido o seu anonimato. Também garantimos a sua liberdade, sem restrições, de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resulte qualquer prejuízo para você. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa intitulada e produção de artigos e outros textos científicos. Você poderá ter acesso aos resultados da pesquisa, se desejar. Todos os produtos gerados por essa entrevista (transcrições) ficarão armazenados com o pesquisador responsável por um período mínimo de 05 anos, sob sua inteira responsabilidade. Após esse período os arquivos contendo as gravações serão destruídos pelo próprio pesquisador. Informamos também que a sua participação, caso concorde, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano relacionado à sua participação na pesquisa, garantiremos a indenização. Você receberá uma

cópia desse termo, assim que assiná-lo e, caso tenha qualquer dúvida poderá entrar em contato com o pesquisador e/ou com o Comitê de Ética da UFMS por meios dos contatos informados no início desse documento. Autorizo gravação da entrevista em áudio: ()sim () não.

São Paulo, _____ de _____ de 20____.

Responsável

Salvador Loureiro Rebelo Jr
Pesquisador assistente

Alberto Mesaque Martins
Pesquisador responsável

APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS

Título da Pesquisa: As relações entre trabalho, masculinidades e a vida em acolhimento institucional para grupos de homens jovens acolhidos

Pesquisador Responsável: Alberto Mesaque Martins. Endereço: Estrada Ns-02, nº 22, Chácara dos Poderes – Campo Grande/MS. CEP: 79037-815. Tel.: (67) 99325-1423 E-mail: alberto.mesaque@ufms.br

Pesquisador Assistente: Salvador Loureiro Rebelo Jr. Endereço: Rua Campo Largo, nº 257 – Mooca – São Paulo/SP. CEP: 03186-010. Tel.: (11) 99119-4115 E-mail: slrj2005@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos: Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone – 1º andar, Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande/MS - CEP: 79070900. Tel.: (67)3345-7187.

Caro(a) responsável,

O jovem pelo qual você é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada acima, que tem como objetivo principal investigar as relações entre trabalho, masculinidades e a vida em acolhimento institucional para homens jovens acolhidos. De forma mais específica, pretendemos identificar e analisar as concepções sobre trabalho e sobre o que é ser homem, compreender a relação entre trabalho e a construção das masculinidades e discutir como as implicações sobre trabalho e masculinidades perpassam a experiência da vida em acolhimento institucional para grupos de homens jovens acolhidos. Essas informações podem ser úteis para desenvolver futuros projetos de pesquisa e de intervenção relacionados ao tema. O jovem sob sua responsabilidade será convidado a participar dessa pesquisa por meio de uma entrevista de grupo focal. Caso não conheça, os Grupos Focais se referem a um grupo de pessoas selecionadas que se reúnem para discutir e comentar um tema específico, de interesse dos pesquisadores, a partir de suas vivências pessoais. Os participantes discutirão sobre trabalho (o que é trabalho?, quais as possibilidades de trabalho para os jovens?, etc); masculinidades (o que é ser homem?, quais as formas de ser homem?, etc,) e a relação entre ambas categorias e o acolhimento institucional (como é pensar no trabalho e estar acolhido?, como é ser homem e estar acolhido?, etc). A entrevista será realizada em local de fácil acesso, que possibilitem segurança e privacidade. A

entrevista é gravada em áudio e o tempo médio de duração da participação é próximo a 90 minutos. Este procedimento não oferece riscos diretos aos participantes, sejam físicos ou psicológicos. Entretanto, por se tratar de uma entrevista em grupo e em razão da temática, é possível que, em algum momento, o participante experiencie sentimentos como vergonha, tristeza, raiva, etc. Por isso, os grupos serão conduzidos com a presença de um profissional de Psicologia e, havendo necessidade, após a entrevista, o participante poderá ser encaminhado e/ou solicitar atendimentos psicológicos gratuitos, na modalidade remota, na Clínica de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Mato Grosso do Sul (CLIPS/FACH/UFMS). Os benefícios aos participantes podem estar associados à importância de refletirem sobre os temas da pesquisa, além de favorecer que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento. Além disso, a participação na pesquisa poderá favorecer que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento institucional, como também, possa inspirar outros pesquisadores à investigação sobre os temas, face à limitada publicação científica brasileira. Em todas as etapas da pesquisa será garantido o anonimato do participante. Também garantimos a sua liberdade, sem restrições, de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resulte qualquer prejuízo ao participante. Os dados obtidos com essa entrevista serão utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa intitulada e produção de artigos e outros textos científicos. Você poderá ter acesso aos resultados da pesquisa, se desejar. Todos os produtos gerados por essa entrevista (transcrições) ficarão armazenados com o pesquisador responsável por um período mínimo de 05 anos, sob sua inteira responsabilidade. Após esse período os arquivos contendo as gravações serão destruídos pelo próprio pesquisador. Informamos também que a participação, caso concorde, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Contudo, caso seja comprovado algum tipo de dano relacionado à participação na pesquisa, garantiremos a indenização. Você receberá uma cópia desse termo, assim que assiná-lo e, caso tenha qualquer dúvida poderá entrar em contato com o pesquisador e/ou com o Comitê de Ética da UFMS por

meios dos contatos informados no início desse documento. Autorizo gravação da entrevista em áudio: ()sim () não.

São Paulo, _____ de _____ de 20____.

Responsável

Salvador Loureiro Rebelo Jr
Pesquisador assistente

Alberto Mesaque Martins
Pesquisador responsável

APÊNDICE III – Temário para Entrevista Grupo Focal

TEMÁRIO PARA ENTREVISTA GRUPO FOCAL

ETAPAS DO GRUPO FOCAL:

1. *Rapport inicial*

- Dar boas-vindas aos participantes
- Apresentar brevemente o objetivo do grupo: discutir sobre o que é trabalho, o que é ser homem, qual a relação entre trabalho e ser homem e como o mundo do trabalho e ser homem se relacionam com a vida em acolhimento institucional
- Apresentar as regras do grupo: Todas as ideias e opiniões interessam, não há certo ou errado, bom ou mau argumento ou posicionamento. Espera-se que surjam diferentes pontos de vista, que não se está em busca de consensos. Os participantes devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que diverjam do que os outros disseram, todos tem direito de dizer o que pensam e sentem, só uma pessoa fala de cada vez e para que evitem discussões paralelas.
- Apresentar o observador, que se restringirá aos registros de comunicações não verbais.
- Combinar a gravação em áudio

2. **Apresentação dos participantes**

- Propor que os participantes se apresentem, utilizando um pseudônimo, idade, em que serviço está acolhido e há quanto tempo;

3. **Debate**

- Estimular os participantes ao debate, a proporem questões uns aos outros, a se interessarem em ouvir os relatos
- Utilizar recurso – fotografia, animação ou música para aquecê-los ao debate. Como sugestão, a exibição de fotos de homens trabalhadores, tiradas pelo adolescente João Maurício Marques, 16 anos, morador de Petrópolis/RJ, em matéria jornalística da Globo.com e de outra matéria jornalística do mesmo site³. O debate pode se iniciar apresentando fotos da matéria e estimulá-los a falar sobre o que veem nas fotos, introduzindo o tema trabalho: sobre o que dizem as fotos? o que as fotos lhes fizeram pensar?

3.1 – **Concepções sobre trabalho:**

- O que é trabalho?
- Há diferença entre o trabalho adulto e o trabalho jovem?
- Há trabalho para todos os jovens?
- Quais são as possibilidades de trabalho para os jovens?
- Como se sentem em relação ao futuro profissional?

³ <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2020/07/com- apenas-16-anos-adolescente-fotografa-trabalhadores-durante-quarentena.html> e <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/concursos-e-emprego/noticia/2017/01/homens-invadem-profissoes-que-antes-eram-consideradas-femininas.html>

- O que costumam fazer para se preparar para esse momento?

3.2 – Concepções sobre masculinidades:

- O que é “ser homem” pra vocês?
- Todos os homens são homens da mesma forma?
- Há diferença entre ser homem adulto e homem jovem?
- Quais são as possibilidades de “ser homem”?
- Que tipo de homem eles pensam em ser?

3.3 – Relações entre trabalho x masculinidades

- Qual é a importância do trabalho para os homens? Há diferença em relação às mulheres?
- Quais são as possibilidades de trabalho para o homem? Há diferença em relação às mulheres?

3.4 – Relações entre trabalho x masculinidades x acolhimento institucional

- Como é pensar no trabalho e estar acolhido?
- Como é ser homem e estar acolhido?
- Como imaginam o seu futuro?

4. Encerramento

- Fazer uma síntese dos conteúdos debatidos;
- Esclarecer dúvidas quanto aos posicionamentos dos grupos
- Agradecer a participação
- Checar os registros do observador

Dica ao moderador:

- Atentar-se ao princípio da não diretividade do moderador, ou seja, não emitir opiniões, conclusões, sínteses ou outras formas de intervenções diretas;

APÊNDICE IV – Transcrição Entrevista Grupo Focal 1**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA GRUPO FOCAL 1 – 18/06/2023 1h09**

Nem todos aqui se conhecem? Não. Ele eu conheci o ano passado. Eu conheço ele ali. Conheço, conheço. Eu sou o único desconhecido da roda. Você é o único Miguel desconhecido? Prazer. Eu também era desconhecido por todos. Como eu falei ontem para vocês o objetivo do grupo é a gente discutir sobre trabalho, trabalho juvenil, discutir sobre o que é ser homem, qual relação que existe com o trabalho e também a vida em acolhimento institucional. O que que isso tem a ver, viver em abrigo tem a ver com a experiência do trabalho com experiência de ser homem. Tá bem? Pra gente dar início a gente tem uma proposta aqui de uma atividade para que vocês se apresentem, nem todos se conhecem. A ideia é que, aqui tem alguns crachás, a ideia é que vocês coloquem o nome para ajudar na facilitação da comunicação e também que vocês representem em um emoji: como que vocês estão vindo para o grupo? como que vocês estão sentindo hoje estando aqui? Está bem? Então estão aqui os crachás, podem vir aqui, eu já fiz o meu. Tem as canetas, fiquem à vontade. (conversas ininteligíveis). Você vai representar como está vindo para o grupo, sentimento de como você está. Coloquem o nome de vocês. O emoji pode ser tipo? Dá uma caneta aí! Como você quiser Markus. Dá uma caneta aí. Tá difícil aí? (conversas ininteligíveis) Vou fazer de preto. (conversas ininteligíveis). Alguém precisa da caneta? Já fez o seu? Eu vou fazer, estou esperando a caneta. Eu vou pegar a preta. (conversas ininteligíveis). Mostra aí, não estou entendendo esse bonequinho (risos e conversas ininteligíveis). Pronto? Está faltando o Diogo ainda (risos) Ele quer a caneta preta (risos e conversas ininteligíveis) Um emoji Diogo. É Cesar o seu nome, moleque! (Diogo é César Diogo) Um emoji que represente como você está vindo pro grupo. Não sei o que vou pôr. Põe perdido. Faz um olhinho e um sorriso. Faz uma carinha e coloca um ponto de interrogação. Oh! Desenhista (comentário sobre o emoji de Diogo) Ele é das artes, né? Deixa eu ver. Então vamos fazer uma rodada de apresentação. Eu vou dar início então. Pronto. Eu sou Salvador, eu fiz aqui uma representação de um emoji feliz, mais uma vez para expressar a minha felicidade de estar aqui com vocês, de vocês todos aceitarem participar do meu projeto. Pode ser você Diogo? O quê? (risos) Se apresenta pro grupo e fale sobre seu emoji. Meu nome é Diogo, É César!, fiz um emoji sério. Meu nome é Cauã Henrique, fiz um emoji de carinha sorrindo. Tá certo! Meu nome é Markus, fiz um emoji de cansado. Não dormiu bem, Markus? Eu acordei mais cedo. Meu nome é Cauã Vitor, fiz um emoji de uma pessoa observadora, responsável e é isso. Legal! Meu nome é Miguel, fiz esse garrancho (risos) e essa carinha feliz. Feliz Miguel? Garrancho, letra feia do caralho. Meu nome é Hudson, pra quem não me conhece, eu acho que só os dois, vou ser observador aqui no grupo. Posso explicar um pouquinho? Claro! Observador é aquela pessoa que vai trazer algumas interpretações pro

moderador para pesquisa, então algumas interpretações, algumas coisas que o moderador não consegue observar então essa é minha função, está bom? É então meu nome é Hudson e minha carinha está feliz, poder estar aqui junto com vocês. Legal. Meu nome é Henrique e estou normal. Caraca! (comentário sobre o crachá de Henrique) Olha que legal a letra do Henrique. Mostra. Olha que bacana! Ô louco. Henrique também já soube que se interessa por arte, ele faz um curso de instrumento, né Henrique? Quer ser DJ? Não. Eu sou Andrew. Fiz uma carinha normal. (conversas ininteligíveis) Qual é a expressão aí do emoji? Normal. Normal, tá certo! E esse sorrisinho maroto? (comentário sobre o crachá de Andrew) Como já havia falado, está sendo gravado e a ideia do grupo é que todos aqui possam se expressar, não existe certo e errado. É importante que todos deem a sua opinião, todos participem. E respeitem a opinião dos outros, né? Justamente Cauã, que haja o respeito e que enquanto um estiver falando o outro ouça e que não haja conversas paralelas. O grupo tem a previsão de durar por volta de 1 hora, eu espero que seja uma conversa assim bem fluida bem dinâmica, que seja de interesse de vocês. Tá bom? Então para dar início a gente vai fazer uma atividade de aquecimento. (conversas ininteligíveis) Vou circular entre vocês algumas fotos, eu vou pedir para que vocês observem, vocês vão passando uma foto para o colega ao lado. Observem, depois a gente vai conversar sobre aquilo que vocês viram, o que fez com que vocês pensassem quando vocês viram essas fotos. Está bem? Vão passando. São 6 fotos diferentes. Tudo diferente? São diferentes. (risos e conversas ininteligíveis). Manicure. Pedicure. (conversas ininteligíveis) Isso é o quê? Ah, Costureira. É você? Não, em nenhuma das fotos sou eu. Pareceu? Pareceu. Qual? Não é você que estava costurando? Não, não sou eu. Quem quer trocar comigo? Essa aí já peguei. Acho que já circularam todas. Essa eu não vi não. (conversas ininteligíveis). Ah, um elevador. Ok? Tá faltando uma pra eu ver. (conversas ininteligíveis). Pronto? Pronto, então todos viram as fotos, o que vocês viram nessas fotos? O que é que chamou a atenção de vocês? A profissão da pessoa. A profissão? Em várias áreas, todos homens. Todos homens! Uma foto de costura, se não me engano. Normalmente são mulheres que fazem isso, pedicure, interessante que um homem faça também. Você está dizendo que uma das fotos tinha um homem numa profissão que normalmente é exercida por mulher, é isso? Sim. É isso. Todos observaram isso também? Sim. Pedicure. Dá pra ver igualdade, que não tem diferença. Só porque é homem tem que estar em tal emprego. Homem pode estar em qualquer emprego. Tem muito preconceito com isso. Tem algo em comum em todas as fotos, né? O Markus observou que são fotos de homens, e tem algo em comum, o que que esses homens estão fazendo? Trabalhando. Trabalhando. E o que que é trabalho? É ganhar dinheiro. Exercer uma profissão. É resolver um problema pra uma pessoa, atender uma necessidade. Você trabalha pra comer, pagar aluguel. É resolver o problema de uma pessoa que está precisando, fornecer seu conhecimento pra uma pessoa que está precisando de seu conhecimento. É ter um projeto de vida, vamos supor, se tem uma pessoa que sonha em fazer obra, está realizando um projeto de vida dele, está colocando em prática o que aprendeu fazendo o bem pra outras pessoas. Ganhar o dele e fazer

para outras pessoas. Vocês observaram assim nas fotos que são homens trabalhando. São homens jovens, homens adultos, o que vocês observaram? Adultos, meia idade (conversas ininteligíveis), tinha um velho, acho que tem várias idades. Vocês acham que há diferença entre o trabalho adulto e o trabalho jovem? Sim. Que diferença é essa? O trabalho do adulto é mais pesado, né? Vamos supor, a fábrica pega uma pessoa mais experiente que uma pessoa que está começando agora, pessoa que tem só teoria em não tem prática. A empresa prefere pegar o cara mais velho que tem experiência. Então vocês acham que a diferença do trabalho do adulto e do trabalho jovem é que o trabalho adulto é um trabalho mais pesado e um trabalho que requer uma maior experiência. É. Mais alguma coisa assim vocês pensam, mais alguma diferença entre o trabalho do adulto e trabalho dos jovens? Tem lugares que prefere pegar gente jovem que tem mais imunidade e não precisa ficar tanto indo ao hospital, tem mais saúde. Você está dizendo que o jovem, como ele se apresenta geralmente de uma forma mais saudável, os empregadores preferem empregar jovens, é isso? É. Todo mundo concorda? Tem alguém que pensa diferente? Depende do trabalho. Depende do trabalho? Depende muito do trabalho. Fala um pouquinho mais Cauã. Depende do trabalho que a pessoa vai fazer. Você acha que tem algumas ocupações que são mais direcionadas aos jovens outras mais direcionadas aos adultos? Não assim também, assim eu vou trabalhar no mercado aí eu vou trabalhar mexendo na prateleira arrumando as coisas por exemplo, precisa alguém mais jovem para exercer essa função. Agilidade, entendeu? Um trabalho que requer agilidade seria um trabalho mais direcionado aos jovens, é isso? Sim. Puxando de exemplo do Burger King, tem até um filme: Burguer King - a história, fala que preferem os jovens. É do Mac! Do Mac Donald's, foi mal. Eles preferem os jovens pra trabalhar. E por que, o que vocês pensam, por que o Mac Donald's prefere jovens para trabalhar? Mais ágil. Você trabalha com estoque, né? (pergunta direcionada a Andrew) Você acha que está associado a isso Henrique, agilidade? Eu também sou jovem aprendiz. Eu não posso pegar muitas coisas, produtos corrosivos, objetos cortantes, quem pega são os mais velhos ou que fizeram curso. O Andrew está lembrando aqui que o trabalho de jovens tem algumas restrições que o trabalho de adulto talvez não tenha, é isso? O adulto poderia executar um serviço que o jovem não poderia, um serviço que ofereça risco. Mas vocês acham assim que os empregadores eles têm essa preocupação com o empregado, se o empregado está exposto a risco? Sim. Querendo ou não, se o trabalho for bom, se você está trabalhando bem vai ser lucro pra ele. Se for mal, vai ser, como posso dizer. Se a pessoa tiver trabalhado bem vai ter lucro, se não tiver, não vai ter lucro nenhum. O jovem trabalha mais que uma pessoa mais velha, mais experiente e o lucro vai aumentar a partir do mais jovem. Aí a empresa vai fazer o que? Vai pegar os mais jovens e vai ver que os jovens estão trabalhando mais do que os mais experientes, tem mais agilidade. Pelo que vocês estão dizendo, estou tendo uma ideia assim de que existem oportunidades de trabalho para jovens, é isso? vocês acham que existem, há oportunidades para todos os jovens? Não. Não? Falem um pouco mais sobre isso. É difícil achar emprego pros jovens. Começa com 14 anos o jovem aprendiz, né? Você não vê

ninguém com 14 anos trabalhando. Em todos os lugares pedem experiência. Só se for servente de pedreiro, lava rápido. Lava-rápido, servente de pedreiro, o Henrique está lembrando aqui algumas funções que geralmente os jovens se envolvem. Tá certo! De vez em quando fazer um biquinho bacana pra levantar um dinheiro. Vocês conseguem dar outros exemplos de atividades? Entregar panfletos. Crime. É verdade, tem gente envolvida com crime. Crime. Tem bastante jovens. Já vi moleque de 10 anos. (Diogo cantarola) Tem um menino da minha sala que tem 13 anos, com 12 ele já foi aviãozinho, vocês sabem o que é, não vou explicar não, já trabalhou no tráfico. Querendo ou não é escolha dele. A gente não sabe da vida dele, porém é a escolha dele. Vocês consideram que essas atividades cooptadas pelo crime são trabalhos também? Não. São. Não. São trabalhos. São trabalhos pra ele. É um trabalho pro crime, mas é a única forma que eles veem, único meio de conseguir dinheiro. Você considera que não seja trabalho? (pergunta direcionada a Miguel) É trabalho pra eles, mas pra nós não. E por que você acha que não configura trabalho? Mexe com drogas, é contra lei. Mas é um comerciante, né? Não deixa de ser um comerciante. Acaba sendo um trabalho ilegal. Ele tá comercializando. É ilegal, ele falou certo agora. Não deixa de vender algo, é comércio. Ele tem tipo, vamos supor, ele está vendendo bala, ele sabe o lucro que vai pôr, mesma coisa a droga, eles sabem o lucro que vão ter em cima disso. Vocês estavam falando de algumas funções assim que geralmente são desempenhadas por jovens, deram exemplos de auxiliar de pedreiro, de lava rápido. Vocês consideram que essas funções são pra para todos os perfis de jovens? Não. Tem um perfil específico de jovem que desempenha essa função? Pessoas que não tem muita renda que corre pra isso, não vai ser um boy, um boyzinho que vai querer trabalhar de pedreiro, lava rápido. O mais comum é o que? É aqueles jovens que não vão à escola, periféricos, que não gosta da escola muito, vai abandonar e ajudar em casa, já foi meu caso, ajudar em casa e deixar de ir pra escola para trabalhar, fazer uns biquinhos ali, fazer algo ali, acontece isso muito. O que vê mais é servente de pedreiro. Ou cai na boca e no tráfico. Vai trabalhar como assistente de pedreiro pra não cair na boca. Que é o trabalho mais fácil. Pra entrar e fácil, pra sair que é difícil. É fácil, só passa e tchau. Tá certo! Aí então, nas fotos vocês viram fotos de trabalhadores, trabalhadores adultos, vocês falaram pouco aí sobre a diferença que vocês percebem do trabalho adulto do trabalho jovem, de algumas atividades que geralmente os jovens desempenham, que não é qualquer jovem, é um jovem da camada pobre. Eu quero perguntar agora para vocês, nas fotos vocês viram homens, e o trabalho para a mulher, existe alguma diferença entre o trabalho de homens e mulheres? Sim, algumas, sim. Qual a diferença? O peso que o homem carrega mais que a mulher, o perigo que sofre, e também a profissão (Andrew dá exemplos, mas o som está inaudível). Tem umas funções que requerem também força e vocês entendem que são mais atribuídas as mulheres, é isso ou tem alguém que pensa diferente? Penso diferente. Eu conheço uma mulher que ela é presidente de obra, ela faz coisa que vários homens não fazem, vai de mulher também. Tem mulher que consegue fazer mais coisa que homem. É verdade. O homem tem mais força que a mulher? É claro. Porém tem mulher que é mais

esforçada e consegue fazer mais coisas talvez mais que os homens. Então nesse sentido não haveria muita diferença em trabalho para homens e trabalho para mulheres, é isso? Isso. Nas fotos vocês viram, só havia homens. Vocês conseguiriam visualizar nessas fotos imagens de mulheres desempenhando aquelas funções? Sim. Frentista. Uma mulher poderia fazer aquilo, no mercado, costura principalmente, todos lugares. Todos lugares ali não tinha um trabalho pesado, assim de mão de obra mesmo então para mim na minha opinião todos os trabalhos uma mulher consegue. E aquela do telhado? (pergunta direcionada a Cauã Vitor, que teceu o comentário anterior). Todos. Na minha opinião todos. Vocês observaram que, em duas fotos, os homens estavam desempenhando funções que normalmente são atribuídas as mulheres. Como que é isso? A observação foi essa, né? Ver um homem trabalhando em lugar de mulheres? É. Quando eu pergunto se existe uma diferença entre trabalho de homem de mulheres, vocês falaram que as mulheres geralmente, alguns falaram, as mulheres não executam atividades que precisam carregar peso, ter força, mas tem também os homens desempenhando funções que geralmente são atribuídas às mulheres. Você perguntou o contrário, né? Se os homens faziam o trabalho das mulheres? Tem uns que sim, tipo falei no começo, são direitos iguais. Se a mulher quer tanto trabalhar em todos os lugares, por que o homem também não pode? Por que seria errado o homem fazer o mesmo que a mulher? É um trabalho como qualquer outro. É minha opinião, claro. Mas é um trabalho como qualquer outro. Mas tem muito preconceito também, né? A sociedade é machista, então se a mulher trabalha numa área de um homem, vai ser machista, às vezes um homem trabalha na própria área da mulher vai ser machista, porque a sociedade é machista. A gente está falando aí sobre ser homem ser mulher, né. O que é ser homem? Sofrer calado. Sofrer calado? Porque muitas das vezes as mulheres são as emotivas, pode demonstrar sentimentos que ela está sentindo, é de boa, porque mulher é assim mesmo. Aí o homem vai demonstrar, fala que é maricota, fala isso, fala aquilo. Todos os homens sofrem quieto. A gente cresce e ouve que homem não chora, homem tem que trabalhar e trazer coisas para casa. Você é o homem da casa você que tem que trabalhar então às vezes o homem cresce e pensa a gente não chora, querendo ou não, gente cresceu, o homem que manda, o homem que cuida, o homem que tem que trazer coisa pra casa, basicamente isso, o homem tem que ser forte. Desde pequeno também. Desde pequeno, se você apanhar na rua você vai chegar em casa vai apanhar. Vê se é uma menina? Se for menina, fraqueza, é isso, mas o homem tem que brigar. Escutava muito minha avó falando: mulher filha minha fica em casa lavando roupa e filho homem vai trabalhar na roça, entendeu? Então acaba sendo algo machista da parte da mulher. A gente cresce com isso a gente cresce com a cabeça que tem que sempre saber que é o homem da casa. Que outras experiências o tornam homens? Vocês falaram: ter que trabalhar, não expressar sentimentos. Na minha opinião ser homem, querendo ou não, se você tiver um filho, principalmente ter uma autoridade masculina em casa, não só a mulher, a mulher faz a parte dela, mas precisa de um homem em casa. Um filho crescer sem o pai não é tão fácil assim. É difícil pra caramba. Eu cresci sem o meu pai eu só tiver

mulher na minha vida, não tive um pai. A mãe vira o pai e a mãe, a mãe faz a função dos dois. A minha mãe fazia a função dos dois. A minha também. A minha também. E vocês acham que todos os homens, todos os homens são da mesma forma? Não. Não. Meu pai, pelo contrário. Minha mãe que trabalha. Meu pai trabalhava na farmácia e parou de trabalhar minha mãe que fazia os bagulhos em casa, meu pai não ajudava em casa. Depende da criação da pessoa também. Fala um pouco mais. Vamos supor, tem esse negócio de machismo, se o homem cresce com o negócio na cabeça de que tem que mandar em casa, você é o homem da casa, ele vai crescer com esse negócio na cabeça, quando ele tiver a família dele ele vai querer mandar, ser autoridade máxima no local. Mas quando homem cresce, não tem essa, você faz tal coisa é ninguém é diferente de ninguém, se uma mulher pode, você também pode. Depende muito se o homem cresce com outra mente, de não ser um machista ele vai saber diferenciar direitos iguais. Se a minha mulher quer trabalhar ela vai. Tem muito homem que não deixa a mulher trabalhar. A minha mulher não vai trabalhar, a minha mulher vai ficar em casa. Vocês estão dizendo que existem aqueles homens que pensam que mulher não deve trabalhar fora de casa, mas tem homens que pensam diferente, é isso? Estou tendo uma ideia assim de que não existe uma forma única de ser homem, é isso? Sim. Tem homens que faz a mulher trabalhar e ele ficar com folga, que nem o meu padrasto. Faz a minha mãe trabalhar e ela não pode mais, ela ficava arrumando alguma coisa pra fazer, e ele deitado, é isso que traz indignação também que tem homens assim, que tipo, faz a mulher fazer o corre sem fazer porra nenhuma. Chega em casa, briga com ela e ainda quer mandar nela sendo que ela que está sustentando a casa. Vocês disseram aqui também que algumas expressões de ser homem aparecem desde pequenos, como você falou, mas vocês acham que existe diferença entre ser um homem jovem e ser um homem adulto? Tem. Qual seria a diferença? Homem adulto tem mais responsabilidade, jovem não tem tanta responsabilidade assim. Maturidade também. Qual é o tamanho de sua maturidade? (pergunta direcionada a Henrique) Quê? Qual é o tamanho de sua maturidade? Pequena. A diferença está na maturidade e na responsabilidade? Maturidade, querendo ou não, o homem desenvolve maturidade diferente da mulher, mulher amadurece mais fácil, querendo ou não mulher com 18 anos está mais madura, o homem demora. Tem algumas até menorzinha. Maturidade é pela mente e por criação. Estou entendendo então assim que a mulher desenvolve a maturidade antes, mais precocemente que os homens? Não todas. A maioria. Tem mulher com atitude de criança. Hoje em dia se você estiver em uma sala de aula, a maioria das brincadeiras infantis vem do homem. As palavras também que os homens falam na sala de aula. Os palavrões insultando as mulheres. Você não vê mulheres com brincadeiras infantis, que fala qualquer coisa, já leva pro outro lado, na maldade. Querendo ou não, mulher, de certa forma, é mais madura que homem. Tipo, olhar para um colega e rir do nada, isso é coisa de moleque. Porque vocês consideram que as mulheres amadurecem antes que os homens, por que as mulheres tem comportamentos diferentes dos homens? Às vezes elas sofrem coisas que mulheres adultas sofrem. Tipo? Menstruar, por exemplo. Não. Daí as mães já tem que ensinar como é ser uma

mulher. Vocês acham que estão relacionadas ao corpo da mulher, ao biológico? Não, tem mulher que, desde pequena, a mãe ensina a mulher cuidar de casa, querendo ou não tem mais responsabilidade. Tem algumas mães que falam pro moleque às vezes trabalhar ou às vezes só zoar na rua, querendo ou não o moleque não cria responsabilidade, a mulher cria mais responsabilidade, sabe diferenciar o certo do errado. Tipo, a mãe fala, vamos supor, o pai fala: vai jogar uma bola e a mãe fala: filha vai lavar uma louça, vai ficar em casa ou cuidar do seu irmão menor, vai crescendo com isso. Vai ter a responsabilidade de cuidar de uma criança menor, se tiver um homem ou mulher em casa e uma criança pequena, sempre vai ser a mulher que vai cuidar. Não sou eu quem estou falando, é o que realmente na maioria dos casos acontece. Homem sempre sai, ficar com amigos, aproveita infância dele e acaba demorando pra amadurecer. A mulher já cria responsabilidade. Queria ter uma infância assim. Minha mãe fazia eu limpar a casa, lavar louça, só se eu limpasse a casa toda eu saía. É a mesma coisa comigo. Se eu não fazia quando chegava em casa tomava um cacete. Vocês estão dizendo que geralmente essa experiencia na família, de cuidar de casa, de cuidar dos irmãos, é atribuída às mulheres. Ao mesmo tempo, você está compartilhando com o grupo, que você assumiu, mesmo sendo homem você assumiu. Eu também. Vocês também assumiram essas responsabilidades? Sim. A minha irmã, eu tenho uma pequena que eu cuidava dela. Vocês disseram? Algumas. Tem mulher que desde pequena tem mais maturidade. Na sala de aula mesmo, você percebe que mulher é mais madura. Você vê os moleques só zoando, vê os moleques agindo igual bobão em sala de aula, parecendo que tá no quinto ano. Tem diferença entre ser infantil e ser moleque. Às vezes o homem faz brincadeira, mas sabe a hora certa de fazer brincadeira. Eu falo, eu não sou um cara sério, na sala da aula eu faço brincadeira, até sou chamado atenção por causa disso. Mas no momento de explicação, no momento de aula, eu sou uma pessoa que presta atenção. Eu sei diferenciar o momento certo de brincar. Vocês estão dizendo que, de modo geral, se for comparar jovens mulheres e jovens homens, elas amadurecem mais rápido, não tem esse tipo de comportamento que os homens costumam ter. Depende também do homem. Se o homem for bobão, não vai amadurecer, até os 18 anos vai ser esse bobão. Como ele falou também, mas se souber zoar no momento certo, é de boa. Essa diferença que vocês observam entre jovens homens e mulheres, vocês acham que implica no trabalho? As mulheres se apresentarem de forma mais madura e os meninos se apresentarem de forma mais imatura, implica? Não. Depende. Se interferisse, teria mais mulheres trabalhando do que homens. E não tem não. Como é que é? Se interferisse, teria mais mulheres trabalhando do que homens. E não tem. E não tem? A gente sempre aprende o negócio de como se comportar na entrevista de emprego, o homem que só quer saber de brincar, ele vai chegar na empresa com perfil certo, mesmo sendo brincalhão. Hoje eu vou trabalhar, vou ver como faz, querendo ou não ele não é doido. Ele tem pensamento e juízo dele, ele vai fazer o que? Se eu tenho que me vestir de tal forma, falar de tal forma, eu vou fazer isso, porque estou precisando. Pra ganhar dinheiro. Às vezes, o homem pode ser brincalhão, pode não ter maturidade, mas ele

vai saber o momento certo de fazer algo, entendeu? Entendi. Vocês estão dizendo que os jovens têm esses comportamentos bobalhões, imaturos, mas no campo do trabalho é diferente? Sim, mas só pra quem quer trabalhar. Tem jovem que não quer. Sempre na asinha da mãe e do pai, e nunca quer sair de casa. Nem todo jovem quer trabalhar? Não. Fica no celular o dia todo, não pensa trabalhar. Ou nunca trabalhou e tem preguiça. Vocês desejam trabalhar? Sim. Aqui só o Andrew está trabalhando. Vocês desejam trabalhar? Lógico, sim. Quero terminar os estudos, fazer uma faculdade de Empreendedorismo. Quero esse ano mesmo arrumar um Jovem Aprendiz, pra aprender tudo. Quando tiver adulto já ter experiência com trabalho. Já trabalhei, tenho outras experiências, de mercado, nunca trabalhei, quero trabalhar. Vocês estavam dizendo que nem todos os jovens desejam trabalhar, mas entre vocês todos desejam trabalhar. Isso. Porque é aquilo, é a realidade. Como é? Você falou alguma coisa? (pergunta direcionada a Cauã Henrique) Nada não. Acho que você falou alguma coisa. Necessidade, foi isso? Aqui a responsabilidade é maior. Desculpa, eu te interrompi (direcionada a Cauã Vitor) Realidade da pessoa. Querendo ou não, nossa realidade é diferente de muitas pessoas. Querendo ou não, vamos supor, a gente, agora que tem 16 ou 17 anos, não vai depender de alguém daqui a alguns anos. Tem jovem que vai estar em casa com sua família, pensa por que vou me preocupar com isso agora? Tem na cabeça dele, por que eu vou trabalhar nisso agora? A gente que tá chegando na maioridade, na fase adulta, precisa dar um jeito na vida, senão. Começa a vir aquele negócio: O que eu vou fazer da minha vida? Com o que eu vou trabalhar? Como vou me sustentar? Onde vou morar? A gente acaba tendo esse pensamento. Pelo menos eu tenho. O que eu vou fazer quando sair daqui? Como vai ser a minha vida lá fora? É muito da realidade das pessoas. Posso falar uma coisa? Claro! Só pra relembrar novamente, não existem respostas certas ou erradas, acho que Cauã Henrique trouxe novamente sobre necessidade, eu não sei se você quer retomar, pode retomar. A gente necessita trabalhar, ganhar dinheiro e pra ganhar na vida, senão. Querendo ou não, a gente tem que aceitar que a gente que é de SAICA é diferente de gente que tá lá fora. É outra realidade. A gente não pode fugir da nossa realidade. Eu quero que vocês falem um pouco sobre essa diferença. Vocês entendem que é diferente pra vocês que estão acolhidos, é diferente pensar no trabalho, estar no trabalho? Tipo, a gente sair daqui, vai pra onde? Vai ter que sustento? Eu tô aqui porque eu não posso ficar na minha área, na minha região, na minha quebrada com minha mãe, entendeu? Eu vou fazer o quê? Vou morar na rua? Saber o que vai fazer no futuro, um trabalho, alguma coisa, tem que arrumar. A gente sai da rua, a gente estava na família de boa e veio pro abrigo. Aí nós vimos outra realidade e a gente acordou pra vida. A gente começou a olhar pra frente, não olhar o agora, olhar pra frente. Olhar pra frente vai ter que trabalhar. Até mesmo, antes mesmo de vir pra cá, porque eu vou me preocupar com futuro, trabalho se estou de boa, estou com minha família, estou em casa, por que eu vou preocupar agora? Vou estudar, com o tempo eu penso fazer algo, fazer faculdade. Quando acorda pra vida é muito diferente. Quando eu morava com minha mãe nem pensava, era tipo sossegado, boyzinho, sabe aquele moleque que só quer saber de ficar deitado, mexendo no celular,

que não se interessava pela escola. Eu era isso. Quando fiquei mais velho na rua e passei mais dificuldade, aí vi que o bagulho não é normal, tenho que fazer meu corre. Aí que entra a maturidade. Vocês estão dizendo que, pelo fato de vocês estarem acolhidos, faz com quem vocês pensem lá na frente, lá no futuro, sobretudo pra vocês que estão próximos de alcançar a maioridade. Vocês têm que pensar lá na frente, é isso? Isso. Se essa não fosse a experiência de vocês, se não vivessem em abrigo, talvez vocês não se preocupassem com isso, é isso? Os tios e educadores, querendo ou não, pegam no pé pra gente conseguir ganhar na vida, trabalhar, fazer curso. Tem gente que nem procura. Tem curso de graça. Aqui a gente faz. Vocês acham que o serviço de acolhimento contribui pra isso? Contribui. De certa forma, sim. Tem muita oportunidade. A gente que é do SAICA sabe que tem oportunidade. Tipo um adolescente que não é de SAICA não consegue ter tanta oportunidade que temos aqui. Tem curso que é pago e a gente consegue de graça. Se você for parar pra ver, você não vê um adolescente normal, que está de boa em casa, procurar um curso, algo pra fazer. Vai pra escolar, se for e fica o dia todo no celular. Vocês falaram que a experiência do acolhimento interfere no trabalho, à medida que vocês têm que pensar no futuro de vocês, no sustento de vocês. Tem essa questão também que o fato de vocês estarem acolhidos oportuniza que surjam cursos ou oportunidades mesmo de trabalho. Acho que só aqui no meu SAICA todo adolescente já fez mais de três cursos. Vocês acham que existe essa interferência do fato de estarem acolhidos e trabalho e vocês acham que existem diferença também o fato de vocês estarem acolhidos e a experiência de ser homem? A gente precisa amadurecer mais rápido. A gente é obrigado amadurecer. Por causa do motivo, não sei o motivo de cada um, mas tem um motivo por que veio pra cá. No meu caso, eu amadureci bastante. Eu precisei. Eu precisei amadurecer. Acordei mais pra vida e vi que precisava me dedicar mais e ver o que precisa fazer daqui pra frente. Essa maturidade não está só associada ao trabalho. Quando acontece uma coisa porra louca com você, você acorda pra vida. Foi assim também. Quando eu cheguei no SAICA. Aconteceu algo muito pesado comigo. Criei maturidade em mim. Olhei assim e falei: vou acordar pra vida. Fazer alguma coisa. Eu estava fora da escola. Eu fiquei dois anos fora da escola. Esse acordar pra vida é um gatilho para mudar a experiência de ser homem na sociedade? É pra mudar. Como se fosse o negócio de super-herói, aconteceu alguma coisa com ele, e depois desse negócio que aconteceu com ele, daí ele despertou. Vocês acham que isso tem a ver com a experiência do acolhimento, o acolhimento possibilita que você faça a revisão de sua vida? Aconteceu esse negócio. Se não tivesse acolhimento, você não teria conhecimento do pós. Eu acho que se isso não acontecesse comigo, eu não acordaria para vida, estaria do mesmo jeito. Bom que aconteceu e eu vim pra cá. Se eu estivesse por lá, não estaria estudando, não estaria com foco. Estaria sem foco. Ia se perder. Daí o abrigo vai lá e dá a direção pra você. A mesma coisa comigo, se eu não tivesse vindo pro SAICA, eu não sei o que estaria fazendo agora, sinceramente, porque a minha cabeça estava a milhão. Os meus pensamentos, quando cheguei aqui, meu Deus do céu, só pensava fazer merda, besteira, ajudou bastante. Eu discordo. Como? Eu discordo. Você

discorda? É importante, como falei, não precisa haver concordância, é importante também que haja discordâncias. Quando eu estava fora do abrigo, podia ser brincalhão, mas minha cabeça sempre estava a mil. Quando estava fora do abrigo, na minha família estava acontecendo uma pá de coisa. Eu me preocupava, mas eu ia jogar bola e deixava pra depois. Eu sempre tava a mil minha cabeça. Até quando entrei no abrigo minha cabeça está a mil. Eu sempre brinco, mas a minha cabeça está sempre a mil. Nunca parei da minha cabeça estar a mil. (conversas paralelas) Diogo, é importante que você compartilhe com o grupo. O meu padrasto ficava sem fazer nada em casa, nós que tínhamos que ir pro corre do alimento. Não tenho tempo para jogar bola. Não tenho tempo pra parar. Sua cabeça sempre vai estar a mil. Quem tem preocupação mesmo, cabeça vai estar sempre naquele foco. Não tem como fazer outra coisa. Você tem estar no foco. Eu tinha irmão de 10 anos, ver um irmão de 10 anos passando fome, é muito ruim. Eu prefiro dar o meu alimento, ficar com fome, do que ver ele com fome. Não tinha tempo pra nada, pra parar pra fazer as coisas, entendeu? Você? A minha cabeça é igual dele, às vezes eu faço brincadeira, mas a minha cabeça tá a mil também. Puxando isso que ele falou, comigo literalmente foi a mesma coisa. A minha mãe alugou um estabelecimento, um bar que trabalhei com ela, ele ficava em casa com minha irmã de 10 anos (risos, Cauã Vitor se confundiu na idade da irmã). Ela tinha 1 ano, quase recém-nascida. Ele ficava deitado em casa sem fazer nada o dia todo e a minha mãe trabalhando e ele lá. Chegava a ficar meses sem ir à escola porque eu tinha que ajudar em casa. Não tinha sustento. Às vezes minha irmã comia um salgadinho para passar o dia. Chegou uma fase da nova vida que tinha que pedir. A gente chegou a pedir porque o cara não ajudava, ficava deitado o dia todo e ainda fazia questão de brigar com ela, discutir com ela. O que aconteceu com ele, às vezes acontece com os adolescentes, só que eles não conseguem falar. Nós homem mesmo, a gente aprende a não demonstrar, a gente aprende a ficar quieto. A gente simplesmente chega e fala assim: aconteceu alguma coisa comigo e não estou bem. Homem se perde, não quer demonstrar fraqueza. Homem cresce com aquele negócio assim, minha geração foi o quê? Você não pode crescer com fraqueza. Você tem que sempre ser o forte. Na nossa idade assim, é só saber brincar, curtir a vida de adolescente. Mano, eu já passei vida porra louca mesmo, é muita preocupação. Preocupação que eu não podia estar: água, luz. Nós tínhamos que fazer um corre pra pagar. Ele deitado lá, minha mãe que é manca da perna, não pode trabalhar, único dinheiro que ela ganha, ele pega tudo e gasta o dinheiro dela. Por que, tipo, sabe aquela ilusão de amor? Minha mãe tá naquela. Ele acaba iludindo, ele fala: me dá um dinheiro, me dá o cartão. Ela dá. Ele gasta todo dinheiro que é pra nossa alimentação, entendeu? Vocês disseram que uma das experiências de ser homem está relacionada à questão da maturidade. Estou entendendo que a experiência em acolhimento institucional fez com que se tornassem mais maduros, por conta de todas as preocupações que existem na vida de vocês, por todas as histórias que vocês já viveram, é isso? O serviço de acolhimento, o fato de vocês estarem acolhidos, implica na expressão de vocês serem homens, pois exigiu que vocês se tornassem mais maduros, diante das necessidades

que vocês têm, é isso? Eu fui obrigado a amadurecer mais cedo. Porque eu sempre precisei trabalhar, precisei ajudar em casa. Eu precisei deixar a minha fase de adolescência, pra ter o que comer, entendeu? Eu falei que fiquei maduro aqui, fiquei de certa forma, mas eu já era maduro. Eu já não concordo, comigo já foi diferente. Antes daqui eu era um moleque tão maduro, depois que eu vim pra cá, comecei a perder minha maturidade, comecei a virar muito brincalhão. Mas antes eu era muito maduro, muito. A que você atribui essa diferença, por que o serviço de acolhimento fez com que você se tornasse diferente do que você era? (pergunta direcionada a Diogo) Não sei, eu acho que passava tanta dificuldade, minha realidade era tão bruta, tão pesada, era tanta coisa acontecendo, via minha mãe deixando de comer pra eu poder comer. Eu tive que amadurecer, eu fui obrigado a amadurecer mais cedo. Estando aqui, tenho a impressão de que você consegue dar uma relaxada, é isso? Isso. Henrique? (conversas paralelas) Eu sou bobão, até a hora que a gente está brincando, eu sou bobão. Mas quando estava fora do abrigo, eu ia todo dia pra rua. Meus únicos parceiros eram na rua. Tinha hora que batia aquela fome mesmo, eu voltava pra casa, quatro da tarde minha mãe não estava em casa, eu tinha que me virar. Eu pegava latinha na rua, comprava pão pra eu comer. A gente é bobão, mas entende o bagulho que está passando. A gente tem que se virar. Andrew, não sei se você está conseguindo entender, mas acho a sua opinião é importante, se você sentir à vontade pode falar. Quer contribuir com alguma fala? Pra mim, maturidade é responsabilidade. Querendo ou não, é muita responsabilidade. Porque quando você tem responsabilidade, você precisa ser maduro. Não tem momento na sua vida pra você ser criança. Às vezes a gente tem atitude de criança, mas porque a gente não tá tendo responsabilidade. Você tem que aproveitar a sua adolescência. É isso que estou fazendo agora. Não estou tendo tanta responsabilidade, estou aproveitando. Querendo ou não, não tive a oportunidade de aproveitar minha infância. Não tive esse momento, vamos supor, sair com meu pai, jogar uma bola com meus amigos. Minha infância até 13 anos, não sabia o que era jogar bola. Pode parecer louco, mas não sabia. Era responsabilidade. No Nordeste, eu trabalhava na roça, pra ter o que comer. Por causa de problemas com a minha família, vim pra São Paulo e sempre teve dificuldades. Parte da minha vida foi sempre ter responsabilidade. Pensava: por que eu vou brincar agora? Quando pensava em brincar, acontecia algo ruim, algo triste. Eu me identifiquei com a história dele, porque é parecida comigo, é basicamente isso. Ter maturidade é ter responsabilidade. Se você não está tendo responsabilidade, você vai ser quem você é, mas quando você tem responsabilidade, você vira uma pessoa madura, porque precisa, não porque você quer. E como vocês imaginam o futuro de vocês? Como vocês pensam o futuro de vocês? Eu penso no meu futuro, o que eu crio de expectativa, eu não posso criar muita, ter uma casa, uma família, estar bem de vida. Ter um trabalho que dá um dinheiro bom. Pra eu me manter. O salário-mínimo é 1300 reais, né? Dá pra comprar umas alimentações, mas não muito. Pagar luz, aluguel. Não quero chegar na fatura primeiro e falar: Ah quero comprar um carro, uma moto. Quero fazer as coisas, subir de degrau, a degrau, chegar lá em cima. É bom comprar uma motinha, fazer uns

bicos de entregador. Tem alguém que se imagina de forma diferente? Quero ser milionário. No futuro quero ser estourado no funk, ter minha carreira artística da hora. Ter comprado uma casa pra minha mãe, uma casa pra mim. Você canta também? (pergunta direcionada a Diogo) No final a gente pode conhecer o trabalho dos dois. Querendo ou não, quero ter uma casa própria, não quero morar de aluguel. Vou batalhar muito pra conseguir minha casa própria. Eu quero estar sempre com as pessoas que eu amo, principalmente minha irmã. Vou estar sempre do lado dela, querendo ou não, sou eu e ela e minha tia. No dia 30 não vou estar mais aqui no SAICA, eu vou voltar pra minha família. Quero ter minha casa própria, fazer minha família, ter um trabalho que dê pra mim se sustentar e ser feliz, basicamente ser feliz, porque a gente ter tudo não adianta nada. Quer dizer que os planos de vocês é constituir família, adquirir alguns bens. Não, não quero família. Não, não quer família? (pergunta direcionada a Henrique). Família pra eu gerar, não. Não quero ter filhos e nem esposa. Não quer esposa? Quer continuar solteiro? Vai ser MC, então? (risos). Veja só, vocês estavam falando como vocês se imaginam. Alguns consideram ter família, outros não, disseram que querem adquirir alguns bens, falaram em carreira. Eu quero ter suficiente pra ajudar minha família e o próximo. E como vocês se veem profissionalmente? Futuro profissional de vocês. Quero ser dono de algo, de um comércio. Sempre sonhei ser dono de uma adega. Gosto muito de trabalhar com público, sempre sonhei ser dono de adega. É interessante montar uma carreira. Já trabalhei em bar, é bem divertido, cansativo, estressante, mexe muito com psicológico, porém é uma experiência boa. Prefiro trabalhar com pessoas, com vários tipos de pessoas. Eu me vejo sendo dono de um comércio, não importa o que seja. (conversa ininteligível) Quem mais pode contribuir? Profissionalmente? Eu quero ser um técnico, ou me tornar dono de uma mecânica, como ele falou, um comércio, um mercadinho, qualquer comércio, papelaria, qualquer um, tendo um comércinho tá bom, render um dinheiro. Meu sonho é sair daqui do Brasil e ir para Portugal. Pra Portugal? É Portugal, ficar lá, de boa. E vocês profissionalmente, como se imaginam? Eu sonho ser Game Designer, criador de jogos, meu sonho é criar um jogo que abordasse todos os jogos que temos, quase todos os jogos possíveis e fazer um jogo grátis pra todo mundo, igual Minecraft. Minecraft é grátis? (pergunta direcionada a Andrew) E você? (pergunta direcionada a Henrique) Ser MC. Trampar primeiro, ter uma renda e depois começar a lançar os bagulhos. (conversas paralelas ininteligíveis) Gente, como está gravando, é importante que nem todos falem ao mesmo tempo. Eles veem MC que é revelação da favela, vai nas favelas procurar. Eu corro atrás, eu fiz uma música com parceiro, música ficou boa e a gente postou, ele tem um amigo que é DJ aí nos mandou a música pra ele pra fazer o *beat*. Eu ia perguntar justamente isso, vocês falaram sobre os seus sonhos profissionais. Alguns querem ter o próprio comércio, outro tem o sonho de ser Game Designer, MC. E o que vocês estão fazendo, como você já pode falar pra nós, o que vocês estão fazendo para realizar os sonhos de vocês? Estou fazendo curso profissionalizante. Está fazendo curso profissionalizante. Estou fazendo muito mais. Estou me aprofundando em empreendedorismo. Quero trabalhar na parte de vendas. Vou ser empresário

e já estou estudando pra isso. Tá abrindo uma empresa. Já abri já. Você abriu uma empresa? Só falta a identidade pra ficar tudo certinho. (conversas ininteligíveis) E o que você está estudando? Um novo mercado, novo mercado não, nos EUA já está passado, mas aqui no Brasil é novo: *dropshipping*. Começou em 2019, faz tempo, mas teve uma mudança que aconteceu. Estou estudando *dropshipping* e PLR, eu comecei PLR já, estou estudando tudo que agrega: funil de vendas, tráfico orgânico. A gente criou uma equipe, eu, ele, amigo nosso Vitor e outro amigo nosso Roberto. Acho que contemplei (comentário direcionado ao observador). Vocês disseram como vocês imaginam o futuro de vocês, o que vocês pensam sobre o trabalho no futuro, por fim, quero perguntar para vocês, que homens vocês querem se tornar? Quero se tornar, ser responsável, cuidar da casa direito. Ser responsável na vida, é isso. Não quero perder meu eu, o que sou hoje. Não quero perder minha essência, quero ser milionário. Que essência você está falando? (pergunta direcionada a Markus) Esse jeito da hora, brincalhão, alegre. Não quero ser aquele milionário chato. (conversas paralelas) Vamos ouvir. Quero ser alguém que se esforça no trabalho, ter minha própria casa, morar sozinho e guardar todo dinheiro possível que eu conseguir guardar. Meu sonho é fazer uma faculdade. Meu sonho é ir para outro país, pro Japão, porque lá a profissão de Game Designer, é o que tem mais lá no Japão. Vai Diogo. Pode falar Diogo. Fala cantando. Que homem você gostaria de se tornar, você é um jovem homem, e como adulto, que homem gostaria de se tornar? Não queria perder a essência, hoje sou humilde. Caráter também, respeito, um monte de coisa. Ser homem de verdade. É, achei que era aproveitar a vida, só isso. (comentário sobre Diogo) Quero ser um homem responsável, quero ter minha responsabilidade, minhas coisas pra fazer, e se um dia tiver um filho, ser um pai que nunca tive, e saber aproveitar minha vida o máximo, estar com quem eu amo e aproveitar o dia como se fosse o último. E você Hudson? Eu? O homem que eu penso ser. Não tá valendo, mas eu vou trazer. Acho que eu penso ser justamente o homem que eu acho que eu precisei também na minha adolescência e infância. Busco ter uma carreira estabilizada, uma vida estabilizada, busco ter meus ideais, busco isso tudo que faltou pra mim, assim como pra vocês, o meu foco aí. Aplausos. Eu vou encerrar aqui. Vamos embora. Calma. E o funk? Solta os dois (Diogo e Henrique sonham ser MCs)

APÊNDICE V – Transcrição Entrevista Grupo Focal 2**TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA GRUPO FOCAL 2 – 02/07/23 0h54**

Vamos fazer uma rodada de apresentação? Eu posso dar início. Eu vou falar então o meu nome e vou falar sobre o emoji que fiz. Sou Salvador, eu fiz um emoji sorrindo para expressar a minha felicidade de estar aqui hoje com vocês e agradecê-los por participarem da minha pesquisa, por estarem aqui presentes neste momento. Sou João, a intenção do emoji era colocar um emoji cansativo, desgastado, que é como estou. Como eu falei, estou com dor, não dormi o suficiente, mas não deixei de vir, é isso. Agradeço João que você tenha vindo mesmo com dor e cansado. sMeu nome é Brayan, emoji fiz uma carinha feliz também, é só isso. Cadê, mostra pro grupo. Olá, sou Hudson. Eu sou psicólogo também em serviço de acolhimento. Estou auxiliando Salvador, como Psicólogo observador no Mestrado dele. Eu coloquei um rostinho feliz porque eu estou feliz em poder conhecer vocês. Acho que já tinha visto até hoje o Pedro no curso, é bacana. Meu nome é Pedro Cauã, tenho 17 anos, coloquei o emoji da bandeira trans, acho que é isso. Meu nome é Diego Henrique e pus um emoji feliz, cada dia, né? Ótimo, obrigado mais uma vez de estarem aqui. Como eu havia falado para vocês, o objetivo do grupo é a gente falar sobre trabalho, sobre como é pensar trabalho e estar acolhido, como que é pensar trabalho e ser homem, como é ser homem e estar acolhido, então são essas as questões que nós vamos debater hoje no grupo, está bem? Para a gente iniciar o nosso debate eu vou apresentar umas fotos para vocês. Eu vou pedir para que vocês se atentem as fotos. Por favor. São 6 fotos e aí na sequência a gente vai conversar sobre elas. (silêncio) Que que vocês podem falar sobre essas fotos? Que que chamou atenção de vocês? Na minha visão assim é, obviamente, só parecem homens em serviços que a sociedade coloca como trabalho para homem, por exemplo o cara está no telhado lá, trocando telha. A sociedade vê como um serviço pra homem, o homem tem que correr o risco de subir no telhado, para arrumar um telhado. O outro, se não me engano, também vi, é de açougueiro, só homem pode. Tipo na minha visão, essas imagens são como falas da sociedade em questão de trabalho pro homem. O trabalho do homem tem que ser isso, o trabalho do homem tem que ser aquilo, mas não. Certo João. E vocês, o que que vocês podem falar sobre as fotos que viram, o que que chamou a atenção de vocês? Eu vi ali um homem fazendo unha de mulher, mas isso daí pode ser trabalho de homem, mas também pode ser trabalho de mulher. Mas tipo assim, como vou dizer para você, eu não sei. É porque tem gente que fala, muitas pessoas que fazem a unha é mulher, mas pode ser homem que também faça. Brayan, Pedro? Eu concordo com a fala do Diego. Fala Pedro, em que ponto você concorda com a fala do Diego? Tem trabalhos que pode ser para homem e para mulher: manicure, cabeleireira, essas coisas. Então acho que o que chamou a atenção de vocês foram algumas imagens, alguns trabalhos que na nossa sociedade estão mais associados aos homens, mas que nas fotos, algumas delas, como João observou, por exemplo aquela foto do homem que

está trabalhando encima do telhado, é o homem que está se expondo ao risco. É tipo, o homem tem que fazer isso geralmente, a sociedade coloca que o homem tem que fazer. O homem tem que subir no telhado para colocar telha ou o homem que tem que subir laje, então é isso. Mas vocês consideram que, por exemplo, nessa foto em que o homem está em cima do telhado, que poderia ser uma mulher executando esse serviço? Sim. Sim? Acredito que sim, porque assim como pode ter um homem sendo manicure, pedicure ou até mesmo cabelereiro, pode ter uma mulher subindo laje, arrumando telhado, vai de realidade, né?. Então o João falou assim, ao mesmo tempo poderia ser uma mulher em cima do telhado executando o serviço, as fotos também mostram homens executando tarefas que geralmente são associadas às mulheres, como a manicure, é isso? É o que o Diego também estava falando, né Diego? É. O que que mais vocês observaram? João já trouxe uma pista também de que eram fotos só de homens, todos observaram isso? Sim. Estou entendendo que, embora todas as fotos fossem de homens, vocês estão me dizendo que vocês conseguiriam visualizar mulheres executando todos esses trabalhos, é isso mesmo? Sim. A mulher tem capacidade de poder exercer essas profissões, querendo ou não. Não é porque em questão de força aí são inferiores aos homens, elas não podem fazer o serviço, por exemplo trabalhar açougueiro, como eu falei subir laje ou fazer o que o moço está fazendo ali, encostada fumando em cima de uma construção. João fez uma observação, ele considera que ainda que as mulheres possam executar esses trabalhos, na visão dele as mulheres ainda são inferiores em relação aos homens no quesito força, vocês consideram também que as mulheres sejam menos fortes que os homens? Depende de cada mulher. Fala um pouquinho Pedro e Diego. Depende de cada mulher. Depende da fisionomia de cada mulher, do físico de cada mulher. Tem mulher que é mais forte que os homens, ao mesmo tempo, têm homem que é mais forte que mulher, tem homem que é mais fraco que mulher. Diego? Era isso também, ou você pensa algo diferente? Não foi isso, mesma coisa. Brayan? Tem algum comum em todas as fotos, vocês conseguem identificar algo em comum? Trabalho. Trabalho. Vocês perceberam isso? Eram fotos de homens trabalhadores. Sim E o que que é o trabalho? Eu acho que eu colocaria um trabalho como uma espécie de responsabilidade, começa a ter uma responsabilidade que você tem que correr atrás, onde você cai em si que, se você ficar dependendo dos outros, não vai conseguir nada. Trabalho é essa responsabilidade, você correr por você, tipo para ajudar você e ajudar o que estão ao seu redor, na maioria das vezes, por exemplo, um moleque que trabalha, tipo mora com a mãe e com a irmã, vai trabalhar para ajudar mãe, obvio, mas tem moleque que não. Vai trabalhar para ajudar mãe na casa dele, onde vem a responsabilidade, que é o trabalho, para colocar comida ou até mesmo pagar uma conta de água, conta de luz, para conseguir viver em condições boas não precárias. Então tipo trabalho para mim essa responsabilidade, você sair de uma fase em que você tinha sua mãe e seu pai, qualquer pessoa para te apoiar, você tem que tomar responsabilidade, começar a ser independente, entre aspas, independente, você começa a se tornar independente O que que vocês pensam, vocês concordam que trabalho seja responsabilidade? Concordo. Concorda? O que mais

vocês pensam acerca do trabalho? O que é trabalho? Não sei. Lembrem que não tem certo, não tem errado, aquilo que vocês pensam, é importante que todos expressem aquilo que pensam. Além de responsabilidade, o trabalho tem outro significado? Eu acredito que tenha, mas agora qual não sei explicar, mas tem um outro significado. Vocês identificaram qual é o perfil dos trabalhadores das fotos? Eu vi alguns trabalhos de manicure, pedreiro, açougueiro, é agora esqueci a outra que fica mexendo com máquinas. (tosse, inaudível). Diego tá falando sobre as profissões, mas eu pergunto pra vocês, vocês observaram que são todos homens, são homens jovens, homens adultos, o que vocês viram na foto? Adultos, eu vi adultos. Eu acredito que adultos também. Vocês acham que há diferença entre trabalho adulto e trabalho jovem? Acho que depende de como você consegue esse trabalho, por exemplo consegui o meu através de cursos que eu fiz, onde seguiram todas as leis possíveis para que não fique desfavorável para mim como jovem, Jovem aprendiz. Então vai depender muito de como você consegue esse trabalho. Tem muita gente que consegue um trabalho que não ganha um VR, onde tipo ele se torna escravo do serviço dela, claro que não sendo escravo, mas ele deixa de ganhar muitas coisas que, uma pessoa que, por exemplo, como eu consegui, tipo através de dos cursos, ela não consegue porque tipo por conta da realidade dela, onde coloca ela pra procurar o trabalho mais rápido possível, ela fica refém ali de muitas leis assim que não, tipo por desconhecimento, não consegue correr atrás muitas vezes quando vai tipo atrás fala sobre essas leis geralmente o empregador não quer não quer colocar essas leis para essa pessoa. Estou entendendo João, veja se estou certo, João falou que uma diferença que ele percebe entre trabalho adulto e trabalho jovem, é que ele como jovem, como um trabalhador pelo Jovem aprendiz, ele conseguiu um trabalho a partir da qualificação dele, do curso que ele fez e também um trabalho protegido. É onde eu tenho segurança de que não vá acontecer descumprimento assim de lei, querendo ou não. Você acha que o trabalho adulto está suscetível a ser um trabalho inseguro, um trabalho que não tenha cumprimento de leis? Trabalho adulto não, é porque mudam as leis não é algumas leis de adulto para jovem aprendiz. Mas o adulto tipo quando eu falei no desespero assim de arrumar um emprego querendo ou não, arruma emprego onde fica refém, se torna refém né então é. Eu acredito que também assim como jovem também muito jovens acabam passando por isso, precisam de emprego adulto também está submetida a isso Todos concordam? Tem alguém que pensa diferente? Tem alguém que perceba alguma outra diferença entre o trabalho adulto e o trabalho jovem? Brian, Pedro, conseguem identificar uma outra diferença entre o trabalho jovem e adulto além dessa questão? Trabalho adulto é mais fácil de você conseguir sem ser registrado do que o trabalho jovem, por exemplo, fazendo um bico, essas coisas. E você acha que trabalhar sem registro, esse trabalho informal é um trabalho seguro? Não Não? O que que você pensa a respeito desse trabalho informal sem registro? A qualquer momento pessoa pode ser demitida e não vai ter os direitos dela. Pedro parece concordar com João quando ele fala que o trabalho jovem, mais precisamente o trabalho pelo Jovem aprendiz, é um trabalho que dá uma segurança, é um trabalho protegido. Brayan, Diego? Você já trabalhou

Brayan? Não. O que você, em relação à diferença do trabalho, por exemplo, entre um adulto e jovem, o que você pode sentir aí no mercado? Não sei. Veja só, vocês consideram que há trabalho para todos os jovens? Não. Não? E por que que você não acha que não há para trabalho para todos os jovens João? Porque, voltar na questão lá que você falou agora pouco, trabalho adulto do trabalho de jovem, uns trabalhos são direcionados a somente adultos, preferencialmente a adultos. É muito difícil um jovem conseguir um cargo de adulto assim como Jovem aprendiz. Você conseguiria exemplificar que trabalhos são direcionados a adultos? Por exemplo, um dono de empresa não vai querer colocar um jovem numa máquina que tem perigo dele se cortar. Ele coloca um adulto, que também corre risco, só que se ele coloca um jovem, não vai querer lidar com as consequências dele ter colocado o jovem, mas o jovem ter se machucado. Então tipo ele prefere mil vezes colocar adulto do que colocar jovem. João está lembrando de uma outra diferença entre trabalho adulto e trabalho jovem, que essa diferença de o adulto se submeter ao risco. Me parece que os adultos se submetem ao risco enquanto os jovens não se submetem, no campo do trabalho. O que vocês acham, vocês concordam com isso? Não é que eu não acho que jovens não se submetem. Nem o adulto. O adulto, como eu falei na questão do desespero, por conta de muitas vezes tem que sustentar uma casa, colocar comida dentro de casa, manter as coisas dentro de casa. Nesse desespero, ele vai aceitar o que vier, geralmente. Não vai ter tempo para escolher ou para pensar: eu vou escolher isso daqui ou não vou escolher esse daqui, vou esperar uma proposta melhor. Até chegar a outra proposta melhor, pode te cortado a luz, água da casa dele. Então tipo, o adulto vai por essas áreas de risco assim porque não tem muita opção. Ou ele vai ou ele vai. Se ele não for, não existe a opção dele não ir, ele vai mesmo tendo o risco de ele se cortar, dele se machucar. Então tipo, sei lá, trabalhar numa empresa que tipo é muito perigosa, em questão de tipo causar alguma doença respiratória, algo do tipo assim, então tipo ele vai , mano tem que ir. O sistema te obriga quando se torna adulto, a arrumar um serviço mesmo que tenha risco ou não. E o que que vocês pensam? Vocês acham que que os empregadores eles se preocupam com os empregados em relação a essa questão do risco trabalho? Não Não Pedro? se preocupam só com o bolso deles, se aquilo vai fazer diferença no bolso deles ou não. Vocês concordam com o Pedro? Eu concordo sim, mas também tem um lado que também tem alguns empregadores que, por mais que não pareça, alguns ainda se preocupam assim, entre aspas, mesmo tendo um ato pequenininho, pode parecer pequeninino. O fato de dar equipamento de segurança para tal cargo, desde luva, óculos de proteção, capacete, estão dando um suportezinho, mas a gente sabe que tipo se o cara encostar a mão numa lâmina assim de luva, sabe que vai cortar. Querendo ou não está oferecendo o equipamento de segurança. Então o João está lembrando desse risco que o trabalho oferece, que muitas vezes por necessidade o homem adulto acaba assumindo esses trabalhos, ora com a retaguarda do empregador, ora desprotegido. Mas quando eu pergunto para vocês, se vocês consideram que há trabalho para todos jovens, vocês disseram que não. Falem mais um pouquinho sobre isso. Diego? Pode falar ai Diego. Você acha

que há trabalho para todos os jovens? Eu acho que depende muito, acho que da responsabilidade do jovem, depende da responsabilidade do adulto, porque tem vezes, não muito, que o adulto não tem responsabilidade e o jovem tem, aí ele pode ter esse cargo, entendeu? Você está me dizendo então, veja só se entendi, há trabalhos que requerem uma responsabilidade maior e que podem ser assumidos tanto por adultos quanto por jovens. É igual a minha irmã, ela saiu daqui hoje ela trabalha na ENEL, ela tem 18 anos, ela é jovem, ela tem um cargo melhor do que os outros que já estão lá. Vocês concordam que o jovem possa estar assumindo trabalhos que requeiram uma responsabilidade maior? Eu concordo, o jovem que entra numa empresa, ele já entra com uma responsabilidade, já tem a responsabilidade de fazer o trabalho dele, fazer e fazer bem feito. Querendo ou não, ele meio que é minoria. Geralmente uma empresa são pessoas mais velhas, com mais experiência e quando um jovem entra numa empresa está todo mundo contra ele, tipo é isso exige responsabilidade. Certo. Vocês disseram que existe alguns trabalhos que são mais direcionados aos jovens ou outros que sejam mais direcionados aos adultos. Diego deu um exemplo da irmã dele que, ainda sendo jovem, assumiu um trabalho de responsabilidade. Mas vocês consideram que existem trabalhos que são mais direcionados a jovens e adultos? Sim, uma profissão que está crescendo bastante agora, onde tem bastante pessoas novas assim tipo, às vezes até com menos de 20 anos, com 18, 19 anos já está encaminhado, essa profissão é TI. Vem aparecendo muito. Um exemplo mesmo, lá na empresa, um rapaz que trabalha comigo não tem nem 19 anos, vai fazer 18, já trabalha com TI lá na empresa, só ele mais um outro cara, esse cara já é bem mais velho. Vocês concordam que tecnologia é uma área que atrai mais jovens, vocês concordam com isso? Bryan? Concorda? Não ouvi. Tem outros trabalhos além da tecnologia que vocês associam mais ao trabalho jovem? Eu acho que sim, mas eu não conheço, não. Nem um exemplo Diego? Não. Pedro? Redes sociais? Serviço social? Redes sociais. Ah, rede sociais. Certo modo tem uma aproximação com tecnologia, né? Então você acha que redes sociais também é um trabalho que atrai mais jovens? Perfeito. Vocês acham que esse trabalho que são mais associados aos jovens, eles são desempenhados por jovens de todos os perfis ou tem um perfil específico de jovem que trabalha com tecnologia, trabalha com redes sociais? Acho que tem perfis, sim. Acho que para qualquer cargo tem um perfil. Você não vai para uma entrevista de TI se você é formado em uma coisa totalmente contrária, você vai lá para entrevista só que não entende muita coisa de TI. Tem perfis. entrevista já tem perfis. Estão procurando perfil, se tiver o perfil vai escolher esse perfil e se não tiver, vão escolher um que mais se aproxima, então existe perfis sim, desde a entrevista. E você, o que pensa? Não sei falar sobre isso não. Veja só, vocês como jovens que vivem acolhimento institucional, vocês acham que esse trabalho que envolve redes sociais, tecnologia é um trabalho direcionado para vocês? Eu acho que sim. É Pedro? Tanto que eu mexo com isso. Eu acho que não é só pra gente né, acho que para o mundo inteiro. Se você andar na rua perguntar de 10 pessoas se perguntar 8 vão ter celular, tem rede social. Eu acho que não é nem só para a gente é uma questão que envolve todo ser humano do mundo, todos tem

celular, todos tem rede social, vai de acordo. Mas eu digo vocês consideram que existe alguma interferência o fato de vocês estarem acolhidos e terem que pensar no trabalho, ter que trabalhar? Sim, querendo ou não a gente está acolhido, a gente tem um porto seguro que é o acolhimento. Só que a gente uma hora a gente sai, uma hora completa 18, daí a gente tem que sair tem que correr atrás. Então tipo, o fato de você já procurar um emprego enquanto você está ainda acolhimento, querendo ou não já é uma preparação. Eu vou fazer 17 anos, querendo ou não, já tenho no currículo um serviço como Jovem aprendiz em uma empresa, que é bem conhecida em questão de nome assim, é já é uma boa. Eu consigo, além de conseguir indicações, tenho currículo: trabalhou em tal empresa e tal. Então tipo, querendo ou não, já tem salvação. Uma hora a gente vai sair, a gente não vai ficar no SAICA para sempre nas custas das pessoas. Então a gente vai ter que sair para aprender a se virar sozinho. Estou entendendo João, que o fato de você estar no abrigo, de algum modo, favoreceu com que você conseguisse trabalho, é isso? É tipo, não digo que favoreceu, mas tipo assim, quando eu falo que a gente vai sair porque a gente tem que procurar o trabalho é pra gente não se acomodar. Até tal idade, tudo bem. Não sei quanto tempo cada um tem de serviço de acolhimento aqui, mas tipo, chega um momento que você além de você querer suas coisas você tem que correr atrás pra tipo: mano, que que eu vou fazer agora da minha vida, entende? Tem que se preparar e se fazer 17 anos, são uns meses para você sair dali do SAICA, então tipo você tem que ir atrás. Não que o SAICA facilitou para mim conseguir emprego, pelo contrário. Eu fiz curso com diversas pessoas. A vaga que eu estou hoje poderia ter outra pessoa. Você já fez Legião Mirim? (pergunta Diego pra João). Já eu fiz os dois cursos que eu tinha pra fazer lá, graças aos cursos de lá. Quais você fez? (volta perguntar Diego). Fiz Adm e RH. Veja só, o João está falando aqui pelo fato dele estar acolhido, ele se sente provocado a buscar trabalho, porque a perspectiva de que permaneça até a maioridade no acolhimento, depois então ele tem que traçar a vida dele. Vocês concordam com isso, vocês acham que o fato de vocês estarem acolhidos impele que vocês busquem trabalho? Não, não impede não. Só se fazer uns cursos aí que tem e até lá na frente, eu acho que com 17, 16 você já está com o seu trabalho. E vocês, o que pensam Pedro, Brayan? Consideram Brayan, que o fato de você estar acolhido provoca que você busque trabalho, por que quando vocês chegarem à vida adulta vai precisar se encaminhar? Não sei. Você não trabalha atualmente, né? Pedro? Não, eu vou começar a fazer Legião Mirim, eu acho que é próximo mês, que a tia tava falando comigo. Eu falei: tia, quando eu fizer Legião Mirim vê se consegue um curso de tecnologia, que eu gosto. Então quero voltar aqui a um ponto do início da nossa conversa, quando vocês viram as fotos vocês observaram que eram fotos só de homens e aí vocês identificaram algumas profissões mais associadas à homens é outras às mulheres, mas que na opinião de vocês, vocês consideram que tanto homens quanto mulheres poderiam desempenhar aquelas atividades. Aí eu pergunto para vocês, existe diferença entre trabalho de homem e trabalho de mulheres? Acho que trabalho é pra ambas. Eu acho que não existe não, trabalho é pros dois mesmos. João tinha observado a questão da força, que mulher não

tem tanta força quanto os homens, mas depois vocês disseram que vocês têm opiniões diferentes. Pedro e Brayan parecem que pensam diferente. Quando eu falei da força da mulher não é que eu falo que a mulher é fraca, que a mulher é, esqueci a palavra, quando ela é inferior em relação ao homem. São coisas que a sociedade coloca e fazem com que a mulher fique com esse papel de mais fraca que homem, mais delicada que o homem é e também a sociedade coloca diferenças entre o trabalho, por mais que não existe. Quando se fala trabalho, você fala de trabalho para ambos os gêneros, tanto feminino tanto masculino, e tipo existe essa diferença onde a sociedade impõe, onde a sociedade coloca o trabalho de mulher é isso, trabalho de homem é isso, só que não. Mas não é o que você pensa? Não é o que penso. Existe essa representação na sociedade, mas você pensa diferente? Sim Nós estamos falando aqui sobre ser homem ser mulher, eu pergunto para vocês: o que que é ser homem? Ser homem na minha criação é muitas vezes é ser o cara que bota comida na mesa, você sendo um homem, assim em questão de família que eu falo, você é responsável por ir trabalhar, colocar comida na mesa e pagar as contas e enquanto sua mulher fica lá lavando, fazendo o que tem que fazer dentro de casa. A minha criação foi essa, tipo eu cresci vendo isso, na verdade. Não que meus pais eram assim, mas tipo quando eu cresci a sociedade era assim, então tipo ser homem na minha visão, não é isso. Ser homem é você ter responsabilidades, cumprir com essas responsabilidades. É você, não sei mais o que falar, mas tipo é isso, é você ter responsabilidades e assumi-las. E você Brayan, o que você acha que é ser homem, aproveitar que você não está mastigando?. Aqui entre nós, temos homens cisgêneros e homens transgêneros, eu queria saber também Brayan e Pedro, como é ser homem transgênero? Eu não sei explicar. Ser um homem transgênero para mim é correr atrás dos nossos direitos, e se empoderar e mostrar pra sociedade que não somos aquilo que eles pensam que nós somos. Você acha que há uma diferença Pedro entre ser homem transgênero e homem cisgênero? Eu acho que homem cisgênero é muito privilegiado em algumas questões. Por exemplo, pode entrar no banheiro com segurança, sem medo de ser espancado, entre outras coisas. Diego quer falar sobre a experiência de ser homem? Eu concordo com ele, o que ele falou. Mas o que passa pela sua cabeça, não tem certo, não tem errado. Tipo assim, eu vou falar, mas acho que vai ser a mesma coisa. O que ele falou tá certo: homem botou comida, um arroz, um feijão certo, se a gente arranjar um emprego, tudo certo, mas não só arranjando emprego, mas você pode fazer seu bico pra comprar comida pra casa. (ruído) E como que é ser homem e estar acolhido? Acho que, falando não só como comem, mas estar acolhido, querendo ou não, é diferente. No meu caso, eu não gosto de ficar falando: aí eu estou acolhido, eu moro num abrigo, não gosto. Então, tipo nem o fato de ser homem, é o fato que eu não gosto de falar, porque existe muito preconceito da sociedade também por ser ignorante no assunto, não procura pesquisar para saber, prefere tirar conclusões. Porque tipo, que não tem nada a ver, muitas pessoas associam abrigo igual o orfanato da Chiquititas, cara. Não é isso, mas eu falo porque eu pensava assim pô: é isso. Tipo na situação que eu me encontro hoje é totalmente ao contrário: não é igual da Chiquititas, não tem uma tia

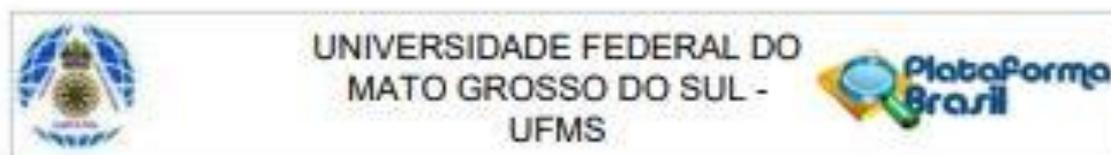
chata que fica com apito atrás de mim. Mano, pelo contrário, lá eu sou muito bem tratado. Ninguém nunca faltou com respeito comigo. Tenho 5 refeições por dia se eu passar o dia em casa, muito bem alimentado. Falar que não é muito bem alimentado, mano, não sei onde esta pessoa está vivendo. Tipo, e outra, querendo ou não você tem privilégios de estar no SAICA, o corre é dobrado pra questão de saúde, questão de tudo, o corre é dobrado. João você está falando um pouco da experiência de estar acolhido, você acha que que é diferente a experiência de estar acolhido para um homem e por uma mulher? Tipo eu não vou saber te falar, eu não vi o do lado de uma mulher, assim em questão do acolhimento, consigo falar a minha versão, do meu lado como homem. Agora, o lado da mulher em acolhimento, não vou saber te falar, porque eu não sei como se passa, como é, o que passa pela cabeça dela. Estou entendendo que pelo fato de você ser homem, não ser uma mulher você não saberia responder essa minha pergunta, mas assim, na sua percepção, existe alguma diferença? Eu acho que na questão tipo da vergonha, acho que tem muita menina também que tem vergonha falar que está em serviço de acolhimento. É eu acho que é só isso, porque o resto eu não vou saber falar assim sabe, porque não é uma experiência que eu tenho com menina. Eu também não fico perguntando, porque se eu acho chato para mim eu não acho legal ficar perguntando para outras pessoas lá: mas por que que você está lá?, mas que que aconteceu? Então tipo assim, eu já acho chato para mim, eu não acho legal ficar perguntando para os outros. Pedro, nos bastidores você conversou um pouco comigo sobre a experiência de estar acolhido sendo homem trans. Quer trazer pro grupo, Pedro? Nos meus primeiros dois anos no abrigo que fiquei lá na Vila Carrão eu sofri muito preconceito dos meninos em relação a minha identidade de gênero, eu apanhava direto lá, eu não tinha segurança para ir no banheiro, que eles já batiam na porta, empurrava a porta, eu ia tomar banho eles batiam na porta, falando que iam me catar: você não quer ser homem? Tem que apanhar como homem. Isso e um monte de coisa. Eu dormia nos quartos das meninas, por segurança. Mesmo dormindo no quarto das meninas, eles ainda abriam a porta pra encher o saco. Então isso foi melhorar no meu segundo acolhimento, eu acho. Foi quando eu mudei de abrigo, por que estava dando problemas por conta das drogas, que eu tinha me afundado nas drogas, justamente por conta do preconceito que estava sofrendo. Eu não estava aguentando mais e eu não vi outra alternativa a não ser me afundar no crack. Aí no segundo acolhimento, começou a dar problema também. Cheguei a sofrer preconceito também de uma Educadora e foi por conta disso que sai do abrigo. Já no meu terceiro acolhimento, que foi lá no Minha Casa 1, foi um dos abrigos mais suaves que passei, antes deste aqui. Depois disso foi bem tranquilo, me respeitavam pelo nome social. Só no Lar Nazaré 4 tive desavenças lá e fui desrespeitado, mas aqui, tô de boa. Aqui entre nós, como já havia falado, somos homens cisgêneros e homens transgêneros. Estou entendendo que não existe uma única forma de ser homem, vocês concordam com isso? Sim. Quais são as possibilidades de ser homem? Quais são as formas de se expressar a masculinidade? Eu não sei muito dizer, eu só sei, eu nunca vi, mas o que o povo fala sobre, eu acho é que eles sofrem mais do que nós sim. É tipo eles já chegam com

desvantagem, com uns passos para trás. Se a gente chega, gente chega normal, se eu entrar numa sala assim com diversos moleques, tudo bem, numa boa. Agora, se ele entrar e derem informação, querendo ou não ele já vai ser visto de outra maneira pelos meninos, assim até por algumas meninas, tem umas meninas assim que não aceitam também essa mudança, então tipo vai ser visto de outra maneira. Se entra numa sala que tem diversos moleques, eles no caso, e chega a informação que são transgêneros, querendo ou não, vai ter desvantagem de uns passos, na questão de convivência, assim de convivência, esqueci a palavra, mas no dia a dia, sabe, pra se enturmar com os meninos. Acredito que pra eles vai ser bem mais difícil. Acho que vai ao encontro um pouco com aquilo que o Pedro falou, do privilégio do homem cisgênero, concorda Pedro? Agora quero pensar um pouquinho no futuro de vocês, queria que vocês compartilhassem como que vocês pensam futuro de vocês, primeiro profissionalmente. Eu quero ir atrás de um emprego assim que completar 18 anos. Bancar faculdade de TI e depois conseguir um emprego para bancar faculdade de Engenharia Civil. Fazer uns cursos, arranjar um emprego, fazer faculdade. Como eu te falei na visita lá meu primeiro sonho é o futebol. Não vejo outra maneira que possa tirar isso na minha cabeça, o meu objetivo maior eu vou lutar até que eu tenha 1% de chance. Se eu tiver 1% de chance, 99% vai ser de fé. Tipo futebol vai ser profissão que eu quero pro meu futuro, a profissão que quero, mas se não tiver nos planos de Deus, que seja, trabalhar com esporte. Primeiro fazer a faculdade de Educação Física, e ver de maneira que eu posso atuar no esporte, nem que seja como Preparador físico ou algo do tipo, entende? Eu já tenho isso em mente. E Brayan, como você pensa o seu futuro profissional? Olha meu sonho também é ser jogador, mas se não der certo, eu vou pra técnico, mas se não der certo, eu vou trabalhar de, como é o nome? veterinário, porque eu gosto muito de animais. E o que vocês já têm feito para que esse futuro de vocês, esse sonho profissional de vocês se concretize? O que vocês já têm feito? Nada. Por enquanto nada, Brayan? E você, Pedro, Diego, João? Pesquisado. Pesquisado? Sobre faculdade de Engenharia Civil, preço, como conseguir FIES, qual é o preço da faculdade de TI, as melhores opções. No meu caso, estou em um time, graças a Deus, já tenho uma visão, uma ótima visão de questão de oportunidades. Tenho pessoas ao meu redor que se eu for continuar no time ou não, caso eu saia tenho pessoas que vão me ajudar para mim colocar em outro time. Como eu falei, se for nos planos de Deus, vai acontecer, se não for, bola pra frente vou continuar na Educação Física. Tem um filho do tio, tinha uma tia aqui que o filho dela jogava no Sub17. Eu já fui lá no estádio pra ver os caras jogar tudo mais, mas ela falou que ele está lutando para ser esses jogadores aí mesmo profissional. Tem um filho do tio daqui, do plantão da noite, ele também joga no Corinthians. Mas veja só você estava nos contando aqui que o seu sonho profissional é se tornar Engenheiro. Então eu lhe pergunto: o que que você está fazendo pra que esse sonho se concretize? Eu vou fazer curso, faculdade, mas acho que eu vou fazer TI. Tem pesquisado sobre curso? Já pesquisei bastante. Pedro já falou das pesquisas. Acho que já está finalizando, né? (direcionada ao Psicólogo Observador). E para encerrar nossa conversa, eu queria que vocês falassem um

pouquinho também como que vocês, hoje vocês são jovens homens, como que vocês pensam em ser homem adulto, que homem adulto vocês gostariam de se tornar? Eu acho que o meu objetivo é ter uma vida estável, onde eu não passe tanta dificuldade, mas que eu também não seja aquela pessoa que esbanja dinheiro trabalhando. Com o tempo, está nos planos de Deus, mas como adulto eu quero viver, quero ter uma vida estável. Uma vida estável que quando eu precise eu tenho um dinheiro guardado, não passe tanto sufoco. Ah, sei lá, se tiver que comprar um remédio, tem um dinheiro ali que vai me salvar. Ah, preciso ir pra tal lugar, tal pessoa precisa de mim, eu tenho um dinheiro guardado. Querendo ou não eu quero ser essa pessoa que saiba administrar o meu futuro, minha vida na frente, é isso. Eu quero uma vida estável, que eu não precise ficar passando dificuldade. Eu quero ter estabilidade financeira e ter meus filhos, gerados. Depois fazer mastectomia, ser um pai responsável, pra eles não terem que passar pelo que passei. Olha, como João disse, ter uma vida boa, sabe assim, não passar fome, sei lá, você entendeu, né? Eu também quero ter o meu próprio filho. Diego? Eu quero crescer, ficar numa vida boa, não ter dificuldade de comida, assim, vida que segue. Contemplei, né? (direcionada ao Psicólogo Observador). Vou desligar.

ANEXOS

ANEXO I – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO, MASCULINIDADES E A VIDA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL PARA GRUPOS DE HOMENS JOVENS

Pesquisador: Alberto Mesaque Martins

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68966822.9.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.069.638

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo investigar a relação entre trabalho, masculinidades e a vida em acolhimento institucional para grupos de jovens escolhidos. A parte introdutória está dividida em cinco capítulos, sendo que o primeiro faz a defesa da centralidade do trabalho na formação da sociedade e na constituição do sujeito e da relevância da classe trabalhadora, apresentando as mudanças no trabalho e impacto na subjetividade do trabalhador, especificado ao contexto juvenil no segundo capítulo. O terceiro capítulo percorrerá o conceito de masculinidades e a relação com o trabalho na constituição da identidade social, particularizando as masculinidades e juventudes, relacionando-as ao trabalho como elemento performático no capítulo seguinte. O último capítulo versa sobre o acolhimento institucional, o impacto à subjetividade e o trabalho como eixo na execução da medida protetiva. A metodologia compreende entrevistas na modalidade grupo focal, com a formação de três grupos, no limite de 36 participantes, reunindo os acolhidos de serviços de três grandes territórios sob a jurisdição de uma Vara da Infância e Juventude do município de São Paulo. As entrevistas serão, posteriormente, analisadas sob a perspectiva da Análise de Conteúdo. Espera-se que este estudo possa inspirar outros pesquisadores à investigação sobre os temas, face à limitada publicação científica brasileira, como também, favoreça que os debates sobre trabalho, considerando a perspectiva de gênero, sejam frequentes e sistematizados nos serviços de acolhimento institucional, dando voz e visibilidade aos jovens acolhidos.

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros - Prédio das Pró-Reitorias (Hércules Maymon) - 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 79.075-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepcep@proppi@ufms.br